

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

SABRINA ANDRÉ DAMASCENO

Vênus superlativa: estética, corpo e identidade travesti na prostituição on-line

São Paulo

2023

SABRINA ANDRÉ DAMASCENO

VERSÃO CORRIGIDA

Vênus superlativa: estética, corpo e identidade travesti na prostituição on-line

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvana de Souza Nascimento.

São Paulo

2023

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D155v Damasceno, Sabrina André Vênus superlativa:
estética, corpo e identidade travesti na
prostituição on-line / Sabrina André Damasceno;
orientadora Silvana de Souza Nascimento São Paulo,
2023.
154 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Antropologia. Área de
concentração: Antropologia Social.

1. GÊNEROS (GRUPOS SOCIAIS. 2. TRAVESTIS. 3.
PROSTITUIÇÃO. 4. SEXUALIDADE. 5. INTERNET. I.
Nascimento, Silvana de Souza, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Sabrina André Damasceno****Data da defesa: 17/11/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Silvana de Souza Nascimento**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/01/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

Aos meus pais, meu profundo amor e gratidão por todos os esforços constantes para que eu pudesse acessar tão mais do que puderam.

Agradecimentos

Com o coração cheio de gratidão, agradeço todos que de alguma forma ajudaram na conclusão desta etapa, muitas pessoas colaboraram para que pudesse chegar até aqui, quero deixar registrado todo meu afeto.

Primeiramente, gostaria de agradecer minha família por todo apoio e amor incondicional. Quando olho para a trajetória de meus avós e pais, que vivenciaram de perto diversas formas de desigualdade e exclusão, me sinto ainda mais afortunada por acessar os lugares que ocupo atualmente. Meu amor incondicional e gratidão profunda aos meus pais, Sandra e Sérgio, por sempre acreditaram na minha capacidade de realizar qualquer coisa.

Aos meus queridos, corajosos, divertidos e amáveis amigos, Ana Clara Mascarenhas, Guilherme Cechet, Isabel Seelaender, Iasmim Rodrigues, Juliana Alves, Juliana Siegmann, Lívia de Lucas, Leonardo de Paschoal, Luiza Barros, Luiza Cavallini, Mariana Baumgartner e Samaérika Santos. Toda gratidão e amor por vocês. Nos conhecemos em diferentes momentos e partilhamos diferentes experiências, todas elas foram importantes e ajudaram a moldar a pessoa que sou hoje.

Aos meus queridos colegas e amigos da editora FTD Educação. Tenho o privilégio de aprender a cada dia com vocês, todas as lições são valiosas e contribuem para que eu melhore como pessoa e profissional.

Às interlocutoras travestis que conheci em campo ao longo dos anos, muitas das quais foram fundamentais para a construção da minha pesquisa. A oportunidade de conhecê-las de perto mudou minha perspectiva sobre o que é ser travesti, me ensinou sobre coragem, luta, resiliência, humor e beleza.

Agradeço imensamente ao grupo de estudos CÓCCIX por todas as partilhas e aprendizagens, além do interesse em ler e comentar os diferentes textos que escrevi. As leituras e os comentários generosos foram muito importantes para a construção do meu objeto de pesquisa, desde o relatório de iniciação científica até a dissertação de mestrado.

Aos professores com quem tive o prazer de aprender tanto ao longo da vida, em especial aos professores do Departamento de Antropologia, que me ensinaram sobre ofício da antropóloga. Um agradecimento especial aos professores, Júlio Simões de Assis e Ana Paula da Silva, pelas imensas contribuições no momento da qualificação. Todos os apontamentos ajudaram a construir e melhorar minha pesquisa.

Destaco com muito carinho, a minha querida orientadora Silvana de Souza Nascimento, sua simplicidade e disponibilidade em compartilhar e ensinar são inspiradoras, tive muita sorte de aprender com você.

Por fim, ao meu amor, Fabricio Faustino, com quem tenho o prazer de dividir a vida e muitos sonhos. Seu amor, suporte, amizade, alegria, afeto e interesse foram fundamentais para concluir este trabalho. Agradeço imensamente pelo apoio nos momentos de angústia e incertezas. Com você aprendo todos os dias sobre o que é o amor e companheirismo, sou grata por tudo até aqui e por tudo que virá. Todo meu amor e gratidão.

O corpo é a peça de arte da travesti. É nosso pedaço de pedra-sabão, nossa tela em branco. É nele que expressamos nossa visão de beleza, de transgressão às normas, nossa leitura do feminino. É um processo de digestão: a gente pega a mulher que nos é dada pela sociedade, a interioriza, elabora, dá cara própria — enfim, digere — e a exterioriza de novo, modelando-a no próprio corpo.

Luísa Marilac e Nana Queiroz¹

¹ MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: memórias de Luísa Marilac*. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 61.

Sumário

Resumo	9
Introdução	10
<i>Os antecedentes e a construção do campo</i>	10
<i>Os sites de acompanhantes, as T-Gatas e o trabalho sexual : uma breve contextualização</i>	13
1. O Olimpo da World Wide Web.....	22
1.1 <i>Notas metodológicas</i>	22
1.2 <i>Os portais do Olimpo</i>	28
Imagem 1 – Site Branco	30
Imagem 2 – Site Vermelho	32
Imagem 3 – Site Branco	33
Imagem 4 – Site Vermelho	35
Imagem 5 – Site Branco	37
Imagem 6 – Site Dourado.....	38
Imagem 7 – Site Dourado.....	40
Imagem 8 – Site Preto e Branco	41
1.3 <i>A excitação negociada: vejo, pago, logo me excito</i>	44
Imagem 9 – Página do OnlyFans	48
1.4 <i>Navegando na rede, circulando na cidade</i>	50
Tabela 1 –Locais de atendimento	52
2. “Eu sou diferenciada”: as acompanhantes por elas mesmas	55
2.1 <i>O gênero da deusa</i>	55
2.2 <i>A polissemia do corpo</i>	64
Tabela 2 – Autoclassificação étnico-racial	68
Tabela 3 – Faixa etária das acompanhantes.....	102
2.4 <i>Dignas e irrepreensíveis deusas do poder, luxo e riqueza</i>	105
3. Em busca de Eros.....	114
3.1 <i>O dote da deusa</i>	114
3.2 <i>“Não me senti nem um pouco descartável” : a relação cliente-travesti</i>	120
Considerações finais.....	137
Referências bibliográficas.....	143
Anexo.....	154

Resumo

Esta dissertação parte da etnografia digital em alguns sites de *acompanhantes* travestis para compreender a construção de padrões estético-corporais e morais e como estes se articulam a imagens e narrativas de si. No ambiente on-line, onde os clientes não podem aferir pessoalmente quais atributos das *acompanhantes* desejam selecionar, a autodescrição minuciosa e valoração pessoal são essenciais. Desse modo, é através da elaboração de um perfil com descrições de si, fotos e vídeos que as travestis provocam a excitação do espectador para um programa em potencial.

A pesquisa etnográfica evidencia que as travestis valorizam um corpo hiperfeminilizado, marcadamente atrelado à imagem de uma mulher branca e de classe alta. Os marcadores de raça, gênero e classe são articulados e apresentados de diversas formas e são importantes para marcar diferenças e diferenciações em relação a um tipo não ideal de mulher. Nestes ambientes, os clientes e admiradores são fundamentais, haja vista serem o público-alvo ao qual se destina o serviço anunciado. Além disso, eles se reivindicam como grandes apaixonados pela corporalidade e feminilidade travesti.

Palavras-Chave: Travestilidades; Padrões Estéticos; Marcadores Sociais da Diferença; Site de acompanhante; Sexualidades

Abstract

This dissertation starts from digital ethnography on some transvestites escort websites to understand the construction of aesthetic-corporal and moral standards and how these are articulated to images and narratives of the self. In the on-line environment, where customers cannot personally assess which attributes of companions they want to select, thorough self-description and personal valuation are essential. Thus, it is through the elaboration of a profile with descriptions of themselves, photos and videos that transvestites provoke the spectator's excitement for a potential program.

Ethnographic research shows that transvestites value a hyper-feminized body, markedly linked to the image of a white, upper-class woman. Race, gender and class markers are articulated and presented in different ways and are important to mark differences and differentiations in relation to a non-ideal type of woman. In these environments, customers and admirers are fundamental, given that they are the target audience for which the advertised service is intended, in addition, they claim to be passionate about transvestite corporeality and femininity.

Keywords: Transvestites; Aesthetic Patterns; Social Markers of Difference; Escort site; Sexualities.

Introdução

Modéstia à parte, sou uma ninfetinha com formas femininas perfeitas e com um detalhe a mais que é meu charme e outras mulheres não têm. Seios, corpo e cabelos naturais. Um sonho de consumo, com uma pele macia e cheirosa. Uma moça linda, charmosa (bem como já citei acima) e intelectual, vocês irão se perder com tamanha inteligência. Portanto, te convido para me provar sem moderação!

Autodescrição de Gaia².

Os antecedentes e a construção do campo

Considero o mais lógico iniciar esta dissertação descrevendo brevemente os caminhos que me levaram até ao mundo das *acompanhantes*, ou *escorts*³, como algumas delas preferem e se definem. Comumente, a imagem que boa parte das pessoas tem da prostituição é aquela influenciada pela visão dos meios de comunicação: a meretriz, a cafetina, que busca de todo modo angariar o maior valor possível em cima de homens desavisados, os seus pobres clientes; ou ainda, a prostituta, vítima dos infortúnios da vida, que, sem alternativas, decaiu para o mundo da prostituição. Muito do que se conhece sobre o ofício sexual está alocado ao que o senso comum reproduz, uma visão de estereótipos em torno da dita mais antiga profissão do mundo.

Foi em meados de 2016 que tive o primeiro contato com a *pista*⁴, com a prostituição e com a diversidade de mulheres (cis e trans) que diariamente compõem a paisagem das cidades, nas avenidas e esquinas, vendendo e intercambiando sexo, entre tantas outras coisas. Foi por

² Os nomes usados nesta presente pesquisa não correspondem aos nomes divulgados nos anúncios nos sites investigados.

³ *Escort* é o mesmo que acompanhante. Muitas travestis usam esse termo para referir-se a si mesmas e em sites internacionais o uso do termo é mais comum. No entanto, me deparei com travestis que usam o termo em sites nacionais. É interessante ressaltar que na prostituição de rua nunca me deparei com uma travesti que se definisse como *escort*.

⁴ Adotarei as seguintes notações: todos os termos ênicos serão grifados em itálico e nomenclaturas que fazem parte do repertório citado na bibliografia estarão entre aspas duplas.

intermédio do projeto Cidades Trans⁵, coordenado pela Profa. Dra. Silvana Nascimento (Departamento de Antropologia/USP), cujo objetivo inicial era conhecer e entender os meandros da prostituição de rua no bairro do Butantã, onde tive o primeiro contato com o universo da prostituição e com as profissionais do sexo. Por pouco mais de dois anos, estive em contato com muitas trabalhadoras do sexo e pude entender um pouco da lógica do território e como elas se dividiam e ocupavam aquele espaço urbano.

Foi através dessa pesquisa que pude conhecer outro lado do trabalho sexual, aquele contado por quem o vivencia diariamente. Na *pista* do Butantã, conhecemos diversas *mulheres* e *travestis*, dos mais diversos lugares e com histórias igualmente diversas. Uma das primeiras aprendizagens que tive é que travestis e mulheres não se misturavam, isto é, elas não partilhavam o mesmo território, bem como se diferenciavam entre si. Desse modo, trabalhadoras sexuais não constituíam uma unidade. A diferença entre *mulheres* e *travestis* era mobilizada pelas interlocutoras em campo. Geralmente, elas utilizavam *mulher* para marcar aquelas designadas ao nascer como mulheres e se identificavam com tal classificação⁶.

Genuinamente latino-americana, a identidade travesti se refere às sujeitas sociais cuja experiência corporal e social é guiada pela construção de um corpo marcado pelo feminino. Segundo o antropólogo Marcos Benedetti, o gênero das travestis é pautado pelo projeto de “sentir-se mulher”. Como afirma Benedetti, o gênero travesti é marcado por

um feminino tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios do gênero. É o feminino travesti. (2005: p. 96).

Não intenciono conformar as múltiplas existências travestis a uma única definição, entendendo que os modos de vida travestis são inúmeros, divergentes e construídos nas múltiplas experiências que vivem. No entanto, para as experiências que pude observar, essa é uma definição bastante aproximada. A pesquisa com as profissionais do sexo do Butantã me permitiu perceber que as travestis eram singulares dentro de um universo de significação compartilhado por muitas delas. O contato etnográfico com as travestis foi revelador para um

⁵ Projeto Cidades-Trans, financiado pela FAPESP, por meio do qual também foi possível pesquisar outras áreas marcadamente conhecidas pela prostituição, como o Largo do Arouche, a Avenida Indianópolis, a Rua Edson Ramalho e os arredores da praia de Manaíra em João Pessoa, na Paraíba.

⁶ Reforço que o uso desses termos não é unânime e tão pouco uniforme. A utilização dessas categorias não possui juízo de valor, ou seja, não desejo insinuar que as travestis não são mulheres.

mundo até então desconhecido. O primeiro dado notório foi a intensa circulação das profissionais do sexo pelo território; estavam sempre se movendo pelas cidades, para outros países e continentes, em busca de melhores lugares e oportunidades de vida (OLIVEIRA; DAMASCENO: 2019). A mobilidade é parte importante para a compreensão do universo da prostituição como um todo — é uma característica própria do ofício. Essa circulação está fortemente ligada ao fator econômico, haja vista que as profissionais do sexo se deslocam para onde é possível obter maiores ganhos econômicos (PISCITELLI, 2011; NASCIMENTO, 2023).

Em uma das incursões a campo na cidade de João Pessoa, Paraíba, uma forma diferente de exercício do trabalho sexual se apresentou a mim. Durante uma conversa com uma das travestis que trabalhava na cidade, ela descrevia os territórios pelos quais ela circulava no país e para além-atlântico. Durante sua descrição, mencionou uma modalidade de trabalho sexual que dizia ser uma alternativa mais lucrativa e conferia muitas oportunidades diferentes em relação àquelas que se apresentavam nas ruas: os sites de *acompanhantes*. De acordo com ela, esses endereços eletrônicos eram uma forma de trabalho que proporcionava maiores remunerações e diferentes relações com os clientes. Ademais, era uma maneira de distanciar-se das violências e dos perigos das ruas. Os corpos travestis se destacam nas ruas da cidade, não passam despercebidos e atraem olhares por onde passam, a *pista* torna as travestis ainda mais vulneráveis às diversas formas de violência (KULICK, 2008).

Com base nessa informação, iniciei investigações preliminares para me inteirar sobre o que eram os referidos sites. Essa curiosidade deu origem a uma pesquisa de iniciação científica⁷ e os seus resultados proporcionaram embasamentos para a construção das investigações que serão apresentadas ao longo destas páginas. A partir das análises iniciais, pude construir o objeto de análise desta presente pesquisa, que foi guiada pelo desejo de compreender, a partir da etnografia digital, quais são os padrões estéticos-corporais e sócio-morais das travestis que utilizam os sites de *acompanhantes* como exercício do trabalho sexual. Como eles são expressos nas autodescrições que as travestis elaboram em seus perfis e nas imagens e vídeos que compartilham nesses *sites*, me questiono se a maneira como as travestis constroem as próprias identidades e imagens no ambiente on-line pretende apenas a comercialização do sexo.

⁷ Pesquisa de Iniciação Científica denominada “*T-Gatas* em rede: travestilidades, padrões estéticos e corporalidades no mundo da prostituição on-line”. Fui bolsista do programa de auxílio à Iniciação Científica (Bolsa FFLCH) administrado pela Comissão de Pesquisa da FFLCH/USP.

Inicialmente, pude perceber que os marcadores de racialidade, gênero e classe são essenciais para contar de si e qualificar a própria pessoa. Ao mesmo tempo que as *acompanhantes* constroem a própria imagem com base nos atributos reconhecidos e valorizados como femininos, elas reforçam a imagem de uma mulher fálica. Dessa forma, também desejo compreender os processos envolvidos na centralidade do pênis e da imagem de uma mulher penetradora para êxito do negócio do sexo. O papel dos clientes na valoração e na exaltação das travestis e a maneira como eles reiteram aspectos de uma masculinidade (ALMEIDA:1996) e de uma moralidade (CARRARA: 2015) normativas são pontos de interesse para a presente pesquisa.

Os sites de acompanhantes, as T-Gatas⁸ e o trabalho sexual : uma breve contextualização⁹

Com a popularização da rede mundial de computadores, atividades que eram realizadas apenas no contato face a face puderam ganhar novas configurações e serem alocadas no âmbito on-line. Desse modo, as práticas sociais foram reconfiguradas e adaptadas para esse espaço. Para o antropólogo espanhol Manuel Castells (2003), a internet foi capturada pela prática social. Ainda que Castells reconheça que essa apropriação tenha efeitos sobre os sujeitos, ela deve ser compreendida como uma extensão da vida social, "em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades" (p. 52). O autor compreende que a internet, contrariando as expectativas, não alienou as práticas off-line, ela adicionou uma nova forma de interação às relações dos indivíduos.

Atentar-se para as possibilidades dessas interações através de uma etnografia digital, como salienta Christine Hine (2015), é uma maneira de se aproximar das experiências vividas pelos indivíduos na internet. Dessa forma, é possível entender "como é navegar as texturas sociais da vida cotidiana. Ao ser uma parte do uso da Internet, o etnógrafo detecta o que é fácil e difícil, o que é sancionado e o que é tabu." (p. 9). A etnografia digital auxilia na compreensão da internet como criadora de contexto (Id., Loc. Cit.). Ainda, é possível compreender o que as

⁸ O termo *T-Gata* é uma denominação que nasceu na esfera on-line através da rede mundial de computadores. A antropóloga Larissa Pelúcio (2005) explica que no âmbito on-line as palavras associadas a letra "T" são uma referência às travestis. Sendo assim, a expressão significa que se trata de uma travesti com uma estética visual agradável, na linguagem corrente: gata.

⁹ As discussões teóricas que apresento aqui serão aprofundadas ao longo dos capítulos.

peças fazem com e na internet. Nesse sentido, acredito que os indivíduos não distinguem as suas ações entre as que são realizadas no âmbito on-line daquelas realizadas off-line. Portanto, pode-se pensar que não há descontinuidade entre as práticas on-line e off-line, a relação entre esses dois âmbitos evidencia um continuum (PARREIRAS, 2008; BELELI, 2015). Iara Beleli (2015) argumenta que a esfera on-line oferece possibilidades antes não imaginadas. Dessa maneira a criação de perfis em sites da web não significa um afastamento da realidade, pelo contrário, é uma das estratégias de construção da própria persona e uma maneira de corporificar-se no âmbito on-line.

A disseminação das mídias digitais penetrou por todas as esferas da vida social. Logo, com o sexo, prazer e erotismo não seria diferente, eles também foram apropriados pela internet e alocados no âmbito on-line. Os conteúdos que versam sobre o sexo são variados, existem sites, fóruns, blogs e páginas nas redes sociais que se dedicam as diferentes nuances e camadas do erotismo. Não são todos que se dedicam exclusivamente ao trabalho sexual, no entanto, pode-se dizer que eles estão inseridos no "mercado do sexo" (PISCITELLI: 2005). Segundo Adriana Piscitelli, é comum que as definições sobre prostituição excluam outras formas de mercantilização não explícita entre sexo e dinheiro. As mídias digitais evidenciam fortemente que o sexo pode ser monetizado de variadas maneiras, não é incomum a venda de imagens e vídeos com teor erótico, por exemplo. Tal fato evidencia que os sujeitos intercambiam prazer, sexo e erotismo de diferentes maneiras. Apesar dessas práticas serem muito próximas da prostituição, elas possuem status diferentes, ainda que possam ser fortemente estigmatizadas socialmente.

A capitalização do sexo pode ocorrer de inúmeras formas. De acordo com a antropóloga Laura Agustín (2005), é adequado falar em "indústria do sexo", pois apenas a categorização "prostituição" não é suficiente para abarcar todos os tipos de serviços sexuais. Para Paul B. Preciado (2018), há indicadores que mostram o surgimento de um regime pós-industrial denominado era "farmacopornográfica". Conforme a argumentação do autor, a indústria pornográfica é atualmente a grande propulsora da cibereconomia, contando com cerca de "1,5 milhão de sites eróticos" (p. 40) disponíveis para o consumo. Entre esses milhões de sites encontram-se os que são usados como mediação para o intercâmbio sexual, os denominados sites de *acompanhantes*. Uma parcela considerável desses endereços eletrônicos é dedicada

exclusivamente para a divulgação do trabalho de mulheres trans e travestis¹⁰. Esses sites são ferramentas interessantes para os clientes¹¹, principalmente pelo anonimato, de modo que ficam menos expostos ao acessar uma página on-line do que encontrar uma acompanhante nas ruas e avenidas das cidades. Considero que os sites de *acompanhantes* fazem parte dos milhões de sites pornográficos de que fala Preciado, pois despertam o erotismo e excitação em quem os observa.

Eles funcionam como uma plataforma de divulgação de um encontro sexual, onde as travestis anunciam seus serviços, elaboram um perfil em que disponibilizam fotos, vídeos e uma autodescrição apresentando a si mesma — ferramenta usada por elas para descrever a própria aparência, atrativos, preços, condições de trabalho e o que realizam durante um atendimento. Essas informações ficam disponíveis para quaisquer pessoas que acessam os sites: os interessados acessam o conteúdo produzido nessas plataformas e, a partir dali, podem negociar um encontro que vai ser consumido no âmbito off-line.

Pode-se dizer que os sites são uma espécie de e-commerce¹² sexual: o mesmo tipo de serviço que os clientes comprariam nas ruas e avenidas é disponibilizado em diversas plataformas na web. Nesses ambientes, os clientes se possibilitam explorar, construir e gozar diversos aspectos do próprio corpo e da sexualidade; as sexualidades tornam-se mais fluidas, visto que o contato mediado pelo anonimato permite que os clientes explorem nuances dos prazeres dos seus corpos e dos corpos das outras. Nesse sentido, os sites são uma espécie de vitrine para que as travestis exponham o seu produto: o sexo. Os estímulos são despertados de outra maneira, são empregadas outras estratégias de si. As palavras são grandes aliadas das travestis, elas exaltam as próprias qualidades e atrativos sem pudores ou modéstias, evidenciam as qualidades de modo superlativo, colocam os próprios atributos como valorativos do que uma profissional do sexo deve ser, ou ainda, do que uma travesti deve ser, ter e parecer.

As produções imagéticas atestam tudo que foi descrito e afirmado, são partes importantes da persona que desejam comprovar serem no âmbito off-line. Pude observar que a

¹⁰ Nos sites há uma polissemia de categorias para descrever o gênero das travestis. Termos como *travesti*, *trans*, *transexual*, *transex*, *boneca*, *menina*, *menina mulher*, *boneca*, *T-Gata*, *feminina*, *T-Girl*, *bonequinha*, *menina*, *top trans* são comuns. Adotarei predominantemente o uso da categoria travesti por ser a forma corrente como os sites denominam seus endereços e por motivos políticos, como uma tentativa de ressignificação desse termo, fortemente estigmatizado e marginalizado socialmente.

¹¹ Utilizo o masculino para me referir à clientela travesti. Essa é a forma majoritária que eles próprios falam de si. É quase unânime o uso de *nicknames* no masculino para referir-se a si.

¹² *E-commerce*, ou comércio eletrônico, é o termo usado para referir-se à comercialização de produtos ou serviços pela internet.

racialidade é um elemento muito importante no discurso que as travestis elaboram sobre si. Elas usam termos variados para descrever a própria tonalidade de pele, muito além daqueles usados por órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que classifica a cor ou raça em cinco categorias: preta, parda, branca, amarela e indígenas. Além dessas categorias, as *acompanhantes* usam termos diferentes para caracterizar a própria racialidade, alguns deles correntes no senso comum, como *morena* e *morena-clara*, entre outras categorizações.

A racialidade é um inaugurador de discurso e costuma aparecer com algum adjetivo qualificador, como uma *linda morena* ou ainda *branca da pele macia*. A antropóloga Lilia Schwarcz (1994) denota que a racialidade é uma característica em negociação no Brasil, bem como as suas interpretações. Não é apenas racialidade que as travestis detalham em suas descrições, outros aspectos da própria aparência são descritos amiúde. Elas fazem questão de exaltar as próprias qualidades como superiores, destacam as características como as ideais dentro todas as profissionais do sexo. Não possuem pudores de se afirmarem belas e desejáveis, se assumem como *T-Gatas*.

As travestis constroem a própria descrição em oposição a um tipo não ideal de *acompanhantes*, ou seja, os discursos são marcados pela diferenciação. Além de descrever o próprio corpo, as *T-Gatas* relatam quais são as qualidades sócio-morais que fazem delas boas profissionais. A construção de uma boa acompanhante vai muito além do sexo que ela possa oferecer, existem outras características que endossam o que elas possuem e comprovam quem, de fato, elas são. Como dito anteriormente, a violência costuma ser fortemente associada à figura travesti. Além da violência que sofrem cotidianamente, não é incomum terem as suas figuras associadas à agressividade e à prática criminosa contra os clientes. Desse modo, com encontros mediados pela internet, caracterizar-se como uma boa acompanhante é essencial, é uma comprovação de boa índole. As qualidades morais são repetidas constantemente nas descrições que as *T-Gatas* elaboram em seus perfis. Adjetivos como *educada*, *carismática*, *discreta* e *tranquila* são algumas das qualificações usadas em diversos perfis. Qualidades socialmente valorizadas ajudam a erigir um perfil socialmente positivo.

Além disso, dominar idiomas estrangeiros, ter estudo universitário ou *ser elegante*, por exemplo, revelam certas nuances de classe que são constitutivas das pessoas que enunciam ser. Possuir tais características faz com que a enunciativa se coloque hierarquicamente superior em relação às *acompanhantes* que não as possuem. Essas características ajudam a construir um

determinado tipo de “capital simbólico” (BOURDIEU, 2013), são os recursos que conferem prestígio, reconhecimento e valor para os sujeitos que os possuem. Observa-se que o “capital simbólico” passa a ser inscrito no corpo, pois opera como um fator de distinção para os corpos que os detém. O corpo engendra outros significados além daqueles que poderiam ser lidos como aspectos puramente corporais. As posições de classe e “capital cultural” (BOURDIEU; PASSERON, 1977) são incorporadas como valorações corporificadas, ser uma *mulher de classe* ou *bem-educada* traz um mérito positivo às qualidades do corpo, ou seja, não se trata apenas de corpo bonito, alcança-se um novo patamar, um corpo bonito com algo mais, que atua como um edificador da materialidade corporal. Como sugere Judith Butler “esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que, por outro lado, pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.” (BUTLER, 2018: p. 235).

As técnicas para vender sexo são atualizadas: ao invés dos trejeitos corporais, interações do corpo-prostituta-corpo-cliente, cabe aos recursos do anúncio de excitar quem o observa. As profissionais do sexo precisam dominar diversas “técnicas do corpo” (MAUSS, 2017), apropriadas para o contato on-line. Torna-se mais imperativo trabalhar cada detalhe do corpo, através da escrita e das imagens, dominar a arte de exibi-lo. Em suma, compreender o melhor modo de “servir-se do seu corpo” (p. 421). Como ressalta Mauss, lidar com o próprio corpo e como utilizá-lo é basilar para os “homens”, bem como a sapiência de saber como adaptá-lo. Segundo o autor:

Essa adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico (...) é efetuada numa série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa (MAUSS, 2017: p. 428).

Uma boa narrativa das formas, texturas e potencialidades corporais é determinante para o êxito da transação sexual. Ao utilizar os sites de anúncios, as travestis empregam um esforço de emular um corpo tridimensional, para que os seus espectadores consigam materializar, em suas mentes, o corpo que só teriam acesso off-line. As fotografias são ferramentas usadas constantemente nesse processo de construção e afirmação corporal. De acordo com Pierre Bourdieu (1986), “el cuerpo, en lo que tiene de más natural en apariencia, dimensiones es en las de su conformación visible (volumen, talla, peso, etc.) es un producto social” (p.184). A aparência como um produto social de que fala Bourdieu se expressa através

de uma construção de corpo, imbuída de símbolos que são socialmente produzidos e reconhecidos como feminino.

Muitas travestis compartilham e se empenham em moldar as corporalidades para atingir determinados signos que são socialmente reconhecidos como mulheres bonitas e atraentes. O desejo de parecer uma *Barbie* e todas as analogias feitas a uma aparência de boneca expressam essa busca por uma “conformação visível”. Desde que nascemos estamos construindo e aprimorando nossos corpos, em maior ou menor medida, estamos sempre os modificando em direção do que é considerado como apazível. Para Bourdieu, os corpos são produtos sociais, pois “as propriedades corporais, enquanto produtos sociais, são apreendidas através de categorias de percepção e sistemas sociais de classificação que não são independentes da distribuição das diferentes propriedades entre as classes sociais” (BOURDIEU, 1986: p. 185)¹³. É possível entender, por meio das produções e do refinamento corporal, o que as travestis buscam para si e quais são as suas hierarquizações do belo. Além disso, a modificação corporal é uma marca específica de transição de gênero e de produção de transfeminilidades. Ao mesmo tempo, a modificação corporal também pode ser entendida como um código tipicamente característico do “mercado do sexo”.

Tais hierarquizações demonstram, por outro lado, o que é repudiado e não desejado. A corporeidade construída para si revela o desejo de afastar do próprio corpo o que é socialmente renegado. A aspiração por um corpo *branquinho* reflete um “habitus” social incorporado ao projeto pessoal de corpo, “dado que o habitus corporal consiste naquilo que se vive como mais natural, aquilo sobre o que a ação consciente não tem controle.” (BOURDIEU, 2006: p. 86). O desejo por esse corpo embranquecido não demonstra um gosto puramente pessoal, evidencia o jogo de poder que está socialmente em jogo na sociedade. No Brasil, o racismo permeia as diversas esferas sociais, de forma que a ênfase dada às características raciais não reflete um gosto meramente pessoal. Com isso, não desejo insinuar que as travestis que usam os sites de *acompanhantes* tenham tendências discriminatórias, contudo, tenho interesse em evidenciar as relações e hierarquias de poder que estão demonstradas na exposição e na elaboração da própria corporalidade. Como recorda Michel Foucault (1984), “a materialidade do poder se exerce sobre o próprio corpo dos indivíduos” (p. 146).

¹³ No original: “las propiedades corporales, en tanto que productos sociales, son apreendidas a través de categorías de percepción y sistemas sociales de clasificación que no son independientes de la distribución de las diferentes propiedades entre las clases sociales”. Tradução minha.

Por outro lado, a utilização de termos como *mulata* mostra a tentativa de associar a própria racialidade a uma sensualidade inerente. De acordo com Leda Maria Martins (1996), existem três representações marcantes sobre as mulheres negras na literatura brasileira: uma delas materializa o corpo feminino negro como a mãe preta, figura marcada pela amabilidade e generosidade que se dedica a uma criança branca. Outra, a empregada doméstica, cuja personalidade e rosto são indiferenciados. A terceira figura associada ao corpo da mulher negra seria da “insinuante mulata, corpo erotizado em excesso, objeto dos desejos ‘ocultos’ do homem branco” (p. 112). Há um imaginário popular que associa mulheres negras à sensualidade e as profissionais do sexo se utilizem dessa imagem como uma forma de ativação de uma sensualidade sexual inerente. Sendo assim, essa imagem de controle¹⁴ que diversas vezes é usada contra as mulheres negras, nesse contexto, é uma forma de barganha comercial.

Os cabelos são elementos interessantes para pensar a construção do corpo associado à branquidão. Os cabelos lisos e longos são uma tendência preponderante nos perfis das travestis anunciantes, a cor loira é bastante frequente, assim como o tom ruivo claro. Diversas vezes a cor do cabelo torna-se um complemento para o nome, como *Bianca Ruivinha* ou *Amanda Loira*. São apenas exemplos de como os cabelos são partes importantes da descrição corporal. De acordo com Denise Ferreira da Costa Cruz (2015), os cabelos possuem centralidade na produção estética do corpo e a centralidade que as mulheres negras em Maputo dão aos cabelos é bastante similar ao tratamento dado para os cabelos no Brasil, haja vista que o país é o quarto maior mercado de produtos de beleza¹⁵. Para Cruz, os cabelos podem ser entendidos como um locus em que “as mulheres ficam bonitas e possuem um corpo feminino” (p. 140).

Uma das afirmações mais corriqueiras que as travestis fazem sobre si mesmas é afirmar que *nem parece ser trans* e poderia ser facilmente confundida com uma *mulher de verdade*. Toda aparência construída à imagem e semelhança de uma categoria de mulher ideal é muito mais determinante do que a presença do pênis — um lembrete de que se trata de uma *quase mulher de verdade*. O jogo dialético entre ser e parecer uma *mulher de verdade* evidencia como neste contexto a transexualidade é posta em tensão constante, é colocada em xeque por mecanismos que buscam a saber a “verdade sobre o sexo”, é um jogo de “prazer-saber” (FOUCAULT, 2017).

¹⁴ No capítulo 2, almejo aprofundar e discutir melhor as noções postas aqui.

¹⁵ Para mais informações, consultar o link a seguir: <https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>.

Ademais, há uma clivagem no universo de significação que separa as mulheres em uma esfera matrimonial e familiar das mulheres que devem ser mantidas fora do ambiente doméstico. Logo, existem mulheres que se encaixam nas categorias de um relacionamento sexual socialmente desejado e existem mulheres que não se enquadram nessa classificação, portanto, devem ser mantidas fora do ambiente privado. Narrando sua experiência como trabalhadora sexual, Amara Moira (2016) revela que afirmações semelhantes eram feitas pelos clientes. Eles diziam gostar de “mulheres de verdade”, contudo, para diversificar as experiências eróticas e sexuais gostavam de estar com travestis.

Moira revela como era parte anterior ao programa a supervalorização da aparência e da pessoa travesti, os clientes teciam diversos elogios e exaltavam o seu corpo, declaravam amores às suas formas físicas. Moira revela o quanto as relações com os clientes foram importantes para a afirmação da própria feminilidade, diz ela: “talvez, inclusive, eu ainda precise de um bom número de ômis me dizendo ‘linda’ na cama e, muito possivelmente, até talvez fazer o peito” (p. 97). É interessante como Moira associa sua corporalidade feminina fora do padrão, os seios pequenos, ao sexo tributado, como se esse espaço fosse uma espécie de validador do próprio corpo, evidenciando que as mediações envolvidas nessa relação são múltiplas.

No ambiente on-line, parece haver uma maior liberdade por parte dos clientes em expor aspectos da sexualidade, ainda que de modo anônimo. Essa forma de exercício do trabalho sexual possibilita que os clientes se abram quanto às sua preferência e desejo, principalmente, o desejo pelo sexo anal e o prazer através da penetração. Para alguns clientes, as travestis são as mulheres perfeitas, altamente femininas e penetradoras. Os clientes reforçam aspectos da “masculinidade hegemônica” na relação com as travestis e, ainda, reforçam noções de racialidade, de classe e de gênero hegemônicas — como a predileção pelo ânus rosado e exaltação de um determinado tom de pele. Os comentários revelam diversas nuances do erotismo, do desejo, da sexualidade e da masculinidade (ALMEIDA, 1996) que se conectam de distintas maneiras. Esse é um recurso utilizado para dar vazão aos aspectos da própria sexualidade que não encontram lugares em outras relações que não sejam mediadas pelo dinheiro.

Partindo da análise das autodescrições que as travestis elaboram nos sites de *acompanhantes*, apresento no primeiro capítulo, **O Olimpo da World Wide Web**, os aparatos teóricos-metodológicos que forneceram suporte para a construção dessa pesquisa e descrevi as plataformas com as quais trabalhei, suas funcionalidades, os benefícios que ofertam para as

anunciantes e quais são as ferramentas disponibilizadas para a construção do anúncio-travesti. Nesse capítulo, discuti como os sites de *acompanhantes* são espaços interessantes para o exercício de um tipo próprio do erotismo — para elas que anunciam e para aqueles que observam. Além disso, busquei analisar de que forma o contato do trabalho sexual, mediado pelas plataformas de anúncio, altera o trânsito pelos endereços da cidade conhecidos como zonas de prostituição.

No segundo capítulo, “**Eu sou diferenciada**”: as *acompanhantes* por elas mesmas, busquei concentrar as análises nas descrições que as travestis elaboram de si e centralizei esforços na compreensão de como os marcadores sociais da diferença são mobilizados na tecitura semântica de uma corporalidade anunciada. Descrevi algumas formas como elas empregam as marcas de racialidade, gênero e classe para construir para os espectadores a imagem de quem elas são e as maneiras que elas veem a própria aparência e subjetividade. Os usos semânticos que elas fazem dos próprios corpos foram partes importantes dessa investigação. Além disso, os usos que as travestis fazem das categorias éticos-morais foram essenciais para compreender qual o diferencial de uma travesti que utiliza os sites de *acompanhantes*.

O terceiro capítulo, **Em busca de Eros**, foi dedicado à observação da interação construída pelos clientes e admiradores através dos comentários postados em um dos sites de *acompanhantes*. Através da análise desses comentários elaborados por esses homens que se reconhecem como admiradores das pessoas e da corporalidade travesti, busquei descrever como eles articulam em suas falas e depoimentos, aspectos da própria sexualidade e masculinidade, além de reforçaram os marcadores e características que as próprias *acompanhantes* usam para construir o seu perfil e a sua persona on-line, demonstrando que tudo aquilo que elas reivindicam como partes importantes de si, é de fato tudo aquilo que elas dizem ser, um atestado para aqueles que desejarem gozar nos braços das deusas

CAPÍTULO 1

O Olimpo da World Wide Web

1.1 Notas metodológicas

A antropóloga Marilyn Strathern escreveu durante os anos 90 que se um indivíduo desejasse inventar um método capaz de dar conta da complexidade da vida social, por certo chegaria a algo parecido com a prática etnográfica. Essa prática, segundo Strathern, sempre se desenvolveu em dois lugares: no “campo” e no gabinete do antropólogo. Independentemente de onde o campo se localiza e como ele pode ser acessado — como por meio de computadores —, o que é relevante para o momento etnográfico é a “imersão” realizada pelo pesquisador (STRATHERN, 2018: p. 311). Logo que estabeleci o intento etnográfico de compreender os padrões estéticos-corporais e sócio-morais das travestis que usam os sites de *acompanhantes*, depreeendi que seria possível empregar algumas estratégias para efetuar as análises as quais me propus. Contudo, para intentar o esforço etnográfico, tal qual expõe Strathern, os recursos digitais e a etnografia digital foram ferramentas fundamentais.

A popularização da internet, a partir da década de 1990, representou diversas transformações nas práticas individuais e, para outros sujeitos, possibilitou a atualização de tantas outras práticas. A percepção da centralidade da internet na nossa vida cotidiana se tornou ainda mais preponderante após a pandemia da Covid-19, ela expôs “o quanto as tecnologias, representadas por seus múltiplos dispositivos e pelas redes de conexão, são fundamentais para as relações que estabelecemos uns com os outros e com o mundo” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020: p. 2). A “digitalização” de partes importantes da vida cotidiana e laboral evidencia a necessidade de compreender e aprofundar os entendimentos sobre as possibilidades e usos que os sujeitos fazem dos meios digitais. Podemos refletir sobre a própria prática da prostituição. A divulgação de serviços sexuais não é uma prática inventada pela internet, não é incomum andar pelas ruas da cidade e avistar anúncios de trabalhadoras sexuais colados em postes, muros e em aparelhos telefônicos públicos da cidade. No entanto, a internet evidencia diferentes formas de apropriação de inúmeras práticas e elas atingem escalas exponenciais.

Thiago Oliveira (2016) aponta que as transformações produzidas pela popularização da internet comercial,

quando avaliadas e submetidas ao instrumental metodológico e conceitual das Ciências Sociais, conduzem à necessidade de eventuais deslocamentos na forma que se tornou tradicional para produzir reflexões sobre as relações entre pessoas mediadas pelas tecnologias informacionais e as possibilidades abertas por tais tecnologias. (p. 31).

Inicialmente, o que eu tinha em mãos era apenas um endereço eletrônico de uma plataforma de anúncios de trabalho sexual, fornecido por um interlocutora em campo. Esse endereço não é dedicado exclusivamente ao anúncio do trabalho sexual, na página são anunciados diferentes serviços e produtos, como venda de carros e aluguel de imóveis. Como descrevo posteriormente, o site de pesquisa Google foi fundamental para conhecer os endereços eletrônicos essenciais para a construção desta pesquisa. A intermediação da internet foi crucial para apreender como as *T-Gatas* mobilizam as próprias identidades e corpos nos anúncios online e como meio para acessar os discursos que estão sendo elaborados nesse espaço. A etnografia digital, como descreve Christine Hine (2000), evidencia uma particularidade diferencial em relação a outros modos de fazer antropológico: mover-se sem necessariamente sair do lugar, diz ela:

visitar sites na rede tem como primeiro propósito viver a experiência do usuário, e não se deslocar, tal como sugere Burnett quando indica que "se viaja olhando, lendo, criando imagens e imaginando" (1996, pág. 68). A internet permite ao etnógrafo sentar-se num escritório, ou no seu próprio escritório, e explorar espaços sociais. Os etnógrafos da internet, em vez de sujar os seus gabinetes com terra e pó de lugares longínquos, podem chegar a desgastar o escudo universitário da tapeçaria das suas cadeiras. Tal não implica, em caso algum, que desapareça a relação entre o investigador e o seu leitor. (2000; p. 60)¹⁶.

Hine pondera que a internet é um espaço de interações em que há alguma acessibilidade, e mesmo que não seja baseado nos princípios clássicos de uma etnografia, proporciona diferentes formas de interações sociais. Castells (2003) destaca que as sociedades humanas não caminham para um padrão uniforme de relações sociais e justamente a diversidade dos "padrões de sociabilidade" que constitui a especificidade da "evolução social em nossas sociedades" (p.

¹⁶ No original "Visitar sitios en la Red tiene como primer propósito vivir la experiencia del usuario, y no desplazarse, tal como sugiere Burnett cuando indica que "se viaja mirando, leyendo, creando imágenes e imaginando" (1996, pág. 68). Internet permite al etnógrafo sentarse en una oficina, o en su mismo despacho, y explorar espacios sociales. Los etnógrafos de Internet, en vez de ensuciar sus despachos con tierra y polvo de lugares lejanos, pueden llegar a desgastar el escudo universitario del tapiz de sus sillas. Eso no implica, en ningún caso, que desaparezca la relación entre el investigador y su lector". Tradução minha.

55). Desse modo, Castells ressalta que os indivíduos adaptam a internet às suas vidas ao invés de transformar o próprio comportamento social por conta da influência da tecnologia.

Nesse sentido, a etnografia digital é um instrumento importante para compreender a forma que as travestis se produzem no espaço on-line. O texto pioneiro de Arturo Escobar (1994) demonstra que, na emergência desse campo de estudos, a noção de uma “antropologia da cibercultura” foi fundamental para o entendimento das relações que estavam se estabelecendo com a consolidação das novas tecnologias de comunicação. Uma das noções fundamentais que emergia juntamente com o campo de estudo era a influência dessas novas tecnologias nas “noções de identidade e de *self*” (ESCOBAR, 1994: p. 41). Escobar já reconhecia, nesse momento nascente da etnografia digital, que a “transição para as novas tecnologias da informação marcaram a aparição de processos flexíveis, descentralizados de mão de obra, porém altamente estratificados por fatores de gênero, raça, etnia, classe social e localização geográfica”. (Id, Op. Cit.: p. 49).

Ao longo do desenvolvimento metodológico da etnografia digital, emergiram preocupações em relação ao lugar do antropólogo no âmbito das pesquisas on-line, pois, o “estar lá”, conforme postula o antropólogo Clifford Geertz (1998), é reorganizado pela distância física proporcionada pela internet, cujas características permitem que os indivíduos interajam em diferentes espaços e tempos. Débora Leitão e Laura Gomes (2011) ressaltam que na etnografia on-line o “estar lá” não se dá nos mesmos moldes do trabalho de campo off-line, no entanto, “em se tratado de uma antropologia da e na internet, a tecnologia digital é tanto o meio de transporte que executa a viagem quanto o ambiente no qual o campo acontece” (p. 26).

Daniel Miller e Don Slater (2004), em sentido consonante, afirmam que, conforme a compreensão de Geertz, é na observação da cultura que podemos compreender as ações que possuem significação característica para um grupo social. Tal princípio não é implicado na observação on-line, sendo assim, o on-line e o off-line não se constituem em pares antagônicos. Carolina Parreiras (2008) afirma que desde a década de 1990, quando os estudos sobre o ciberespaço emergiram, a antropologia confronta-se com a dicotomia on-line/off-line. Depreendi que o uso que as travestis e os clientes fazem dos sites de *acompanhantes*, majoritariamente, não são práticas apartadas daquelas que eles realizam no âmbito off-line, elas se iniciam na primeira esfera e se desenrolam no face a face. Além disso, o uso da internet e do próprio site de *acompanhantes* devem ser compreendidos como partes integrantes das práticas sociais e não como elementos apartados dela.

Os sites são instrumentos de intermediações do prazer — os usos variam abundantemente, como discutirei a posteriori — cujo objetivo principal é consumir diferentes formas de prazer na interação corpo-cliente corpo-travesti. Por isso, não é profícuo separar esses dois espaços como opostos, eles funcionam em completude, “tomar o on-line e o off-line como cristalizados pode levar à perda dos momentos e fatos situados na passagem, no entremeio destes pólos.” (PARREIRAS, 2008: p. 25). Destarte, como Miller e Slater afirmam, o uso da etnografia on-line é bastante rico desde que haja um compromisso reflexivo bem como ocorre na etnografia clássica. Segundo eles,

a etnografia carrega um senso de observação *in situ*. Ela invoca um envolvimento hermenêutico que constitui um processo dialógico de aprendizado e compreensão cultural - como na famosa demanda de Clifford Geertz (1973) de que sejamos capazes de distinguir uma piscadela de um tique ao conseguirmos entender o que está sendo dito. E isso geralmente requer a pressuposição sobre a racionalidade, no sentido mais amplo, do que está se passando: de que o que as pessoas fazem tem sentido para elas e deve ter para nós. O ponto é que nenhum desses compromissos implica imediatamente uma posição específica sobre a questão da pesquisa on-line versus a pesquisa off-line. Ao invés, demandam uma atenção reflexiva sobre como esses compromissos devem ser honrados em termos das questões, condições e “contextos” particulares da pesquisa. (2004; p. 45).

Nesse sentido, o universo digital deve ser compreendido como um conjunto diverso e amplo de ações e relações que estão presentes no cotidiano dos indivíduos e estão moldados por marcadores de classe, gênero, idade, racialidade e sexualidade (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020). Dentro do campo de análise das Ciências Sociais, mais especificamente da Antropologia, há um esforço para a investigação, análise e interpretação das relações mediadas pela internet. Um exemplo disso é apropriação do conceito de “etnografia multisituada”, elaborado pelo antropólogo George Marcus (1995), “isso mostra o quanto a ideia de etnografia multisituada é útil para pensar a internet e suas relações e conexões, na medida em que aponta para um certo holismo (discutido também por Hine) e para a ruptura com barreiras espaciais e contextuais muito delimitadas” (LINS; PARREIRAS; FREITAS, 2020: p. 3). A partir dessas conexões etnográficas, é possível olhar para os fenômenos que ocorrem no on-line e tratar das suas conexões com o offline, “pensando, sobretudo, em trânsitos, continuidades e em fluidez” (Id. Loc.Cit). A apropriação do conceito de Marcus aplicado à etnografia digital é apenas um dos exemplos de práticas dentro do campo antropológico que podem ser apreendidas como ferramentas para mediação da relação na e através da internet, evidenciando “diversas particularidades, usos e nuances de ‘etnografias para a internet’”(Id. Loc., p. 5).

Seguindo essa lógica, a partir da catalogação dos sites, fiz uma exploração inicial em todos os endereços para entender quais os fundamentos que operavam naqueles espaços, o que era particular e o que poderia ser entendido como algo compartilhado. Durante o desenvolvimento do trabalho de campo, cataloguei cerca de 36 sites, majoritariamente nacionais, com diferentes interfaces, modos de divulgação e público variados. Diante da amplitude de plataformas e conteúdos e da impossibilidade de analisar tanta variedade, concentrei os esforços na análise de anúncios de quatro plataformas. Cada site observado possui lógicas diferentes de divulgar o trabalho das anunciantes, porém, ao mesmo tempo, eles compartilham muitas semelhanças. Subsequentemente, a seleção desses endereços norteadores da pesquisa, conforme mostrarei mais adiante, seguiu a lógica de acordo com determinados critérios que melhor favoreciam minhas análises e compreensão do objeto proposto.

Objetivo, ao longo da pesquisa, observar e compreender como as travestis constroem seus perfis, quais elementos são comuns e as estratégias de promoção de si. Para tanto, fiz uso da observação direta, com o objetivo de ter acesso a mesma perspectiva daqueles que frequentam aquele espaço — que a priori são espectadores. A partir dessa observação, busquei “coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais” (MALINOWSKI, 1976: p. 28). Para tentar delinear a existência — ou não —, de um padrão estético corporal e sócio-moral, percebi que seria mais eficaz compreender como as travestis veiculam as informações em seus perfis sobre o próprio gênero, a racialidade, a classe e outros marcadores êmicos de modo espontâneo, sem que elas fossem questionadas e tensionadas a respeito¹⁷. Os processos metodológicos empregados ao longo da pesquisa podem ser pensados como “etnografia das telas” (RIAL: 2004), que envolvem procedimentos típicos da etnografia aplicados aos estudos das mídias, como a observação estruturada e registros em caderno de campo.

Hine (2020) destaca que estar em campo no ambiente on-line requer que o pesquisador tenha o entendimento de que os recursos e suas limitações são clarificados na prática e, com isso, “não é possível, por exemplo, saber de antemão quais entrevistas serão necessárias, quais perguntas devem ser feitas, que forma de presença é apropriada ou se uma linha particular de investigação será ‘suficiente’ para entender o que está acontecendo.” (p. 5). Seguindo essa

¹⁷ Inicialmente, pretendia estabelecer contato com as *T-Gatas* e realizar conversas e ou entrevistas para compreender como elas pensam esses aspectos e como elas refletem sobre eles. Contudo, posteriormente, concluí que, para o objetivo proposto, seria mais interessante observar como essas articulações se dão de modo espontâneo e direcionadas para o público-alvo: os clientes.

lógica, pretendi criar o que Mário Guimarães Júnior (2004) chama de “corporificações on-line”. Contudo, ao contrário dos interlocutores de Guimarães Júnior que se corporificavam no on-line por meio de avatares para a “construção de corpos digitais” (p. 135), as travestis se materializam no espaço on-line com fotos, vídeos e produções de si que ratificam quem são, quem desejam ser e como almejam se mostrar para os clientes. Consonante ao que descreve Guimarães Júnior sobre os avatares, na produção que as travestis constroem, ocorre “a elaboração de identidades através de práticas corporais, aparências e performances” (Id.Loc.Cit).

Para colher as descrições que as travestis elaboram de si e catalogá-las, reuni em tabelas todas as informações disponíveis em seus perfis e, com a ferramenta de captura de telas, registrei algumas das fotos que disponibilizam nas plataformas para estabelecer paralelo entre a descrição e a imagem da *T-Gata* em questão. Para colher os relatos dos clientes que mais se destacam, também utilizei a ferramenta de captura de tela. Essa aplicação possibilita registrar uma fotografia da tela desejada. Todos esses relatos foram registrados, salvos e catalogados em pastas, conforme as páginas às quais eles se referem. No entanto, “a materialidade social percebida e experimentada pelo etnógrafo só se transforma no lócus analítico após passar por uma série de operações de interpretação e tradução, em que as noções nativas se encontram com os conceitos teóricos” (CAMINHAS, 2020: p.32).

É importante considerar que, quando se trata de pesquisas e coleta de dados feitos na internet, ou com o auxílio da internet, uma das questões mais relevantes é o anonimato dos sujeitos. O anonimato proporcionado pela internet faz com que os indivíduos estabeleçam diversas práticas que, possivelmente, não fariam do mesmo modo em outros lugares ou se tivessem suas identidades postas em tensionamento. No caso dos sites de *acompanhantes*, as travestis e os clientes expõem diversas nuances dos próprios desejos e intimidades, ainda que esteja implícito que o conteúdo produzido na internet é um dado público e pode circular nos diversos espaços da rede e para além dela. Como alerta Parreiras (2015), entre os estudiosos da internet, sejam das Ciências Sociais ou da área do Direito, é consenso que as práticas que nela se desenrolam estão distantes de serem precisas e estabelecidas.

Quando se trata de comportamentos ligados ao sexo e, mesmo aos consumos e produções de pornografia, existem diversas regras morais que regem os comportamentos dos indivíduos. James Clifford (1997) tece reflexões a respeito da relação entre o pesquisador e o pesquisado. O autor pondera sobre os processos envolvidos na escrita de um trabalho etnográfico, destacando que eles podem envolver inúmeras subjetividades e constrangimentos

os quais, por diversas vezes, escapam do alcance do antropólogo. Nesse sentido, Parreiras ressalta que a etnografia está ancorada na negociação de identidades dentro de um espaço conjectural, ou seja,

a conclusão é que essa tradução intercultural pode acontecer, mas devem ser levadas em consideração as relações de poder envolvidas no contato. Se estamos diante de uma realidade dialógica, as partes envolvidas devem ser traduzidas na etnografia e o pesquisador não pode apenas se envolver em sua suposta “capa de autoridade” e se considerar o tradutor e conhecedor legítimo daquilo que estuda. (PARREIRAS, 2008: p. 19).

Considerando as diversas sutilezas, particularidades, disputas e moralidades (CARRARA: 2015) envolvidas na intersecção entre o sexo e a prostituição, optei por não revelar o nome dos sites selecionados e nem indicar de quais páginas extraí os relatos aqui compartilhados. Ainda que as informações colhidas estejam disponíveis para quaisquer usuários que desejem visitá-los, compreendo que não é frutífera a exposição dos nomes dos sites e que tal fato pode gerar fragilidades em relação ao anonimato dos clientes e das travestis, que não foram interpelados formalmente se suas fotografias e nome poderiam ser compartilhados.

Para facilitar a compreensão, nomeei os sites selecionados conforme as cores que compõem os layouts das páginas: Vermelho, Branco, Dourado e Branco e Preto. No anexo I, disponibilizo os endereços eletrônicos que cataloguei, de modo que, dispostos em formato de lista e, sem referências diretas, o anonimato estará assegurado. De modo análogo, preservarei o nome das *acompanhantes* e, nas imagens, os nomes e as acompanhantes foram desfocados. A intenção é que o leitor consiga visualizar de modo adequado as descrições que elaborei sobre os sites. As estratégias adotadas refletem a necessidade de proteger as identidades que compõem esses espaços on-line, uma vez que, embora sejam endereços públicos, eles revelam aspectos íntimos e inconfessáveis que os sujeitos apenas se permitem confessar se puderem permanecer ignotos.

1.2. Os portais do Olimpo

Através de uma combinação de palavras, é possível encontrar uma variedade de sites que versam sobre o prazer. A maioria deles é composta de vídeos em plataformas dedicadas ao segmento de vídeos pornográficos. Não é qualquer combinação de palavras, porém, que mostra os sites de *acompanhantes* que buscava encontrar. Usar as palavras certas para referir-se aos

sites é fundamental para encontrá-los. Pesquisar, simplesmente, "site" e "prostituição" não vincula os endereços eletrônicos aos sites de *acompanhantes*. A palavra “prostituição” não faz parte do léxico das usuárias dessas plataformas, elas não usam tal definição para se referir às próprias práticas. Do mesmo modo, os sites não atribuem essa definição aos serviços que prestam, portanto, esse vocábulo não faz parte desse universo de significação. As travestis e os sites definem que prestam serviços de *acompanhantes*. Foi a combinação entre as palavras “acompanhante” e “sites” que revelou os resultados que almejava.

A escolha do léxico para denominar as próprias atividades é um dado interessante e revela nuances importantes do que se deseja comunicar. Reconhecer-se como *escort* ou *acompanhante* aponta para renúncia de denominações como puta, prostituta ou garota de programa — termos embutidos de significações, atribuições negativas e preconceituosas. Nesse sentido, é reconhecido que, dentro do universo da prostituição, há uma divisão em escalões que estratificam as trabalhadoras sexuais e alimentam um imaginário cercado de estereótipos. Reconhecer-se como uma *escort* e *acompanhante* é comunicar uma classe diferente entre as trabalhadoras sexuais; nesse cenário, a diferença é associada ao luxo, ele “aparece como fantasia que envolve e veicula a prática prostitucional em certos meios, direcionando-a para um certo público consumidor. O luxo é um “selo” do produto sexo, neste caso” (LOPES, 2021: p. 7).

Embora seja cercada de pré-julgamentos e hostilidades, no Brasil, a prostituição consentida não é considerada crime, inclusive, é reconhecida como uma ocupação profissional pelo Ministério do Trabalho. A Classificação Brasileira de Ocupações adotou como denominação oficial “trabalhadoras sexuais” para se referir às pessoas que tem o sexo como sua força de trabalho¹⁸. A nova versão do CBO foi aprovada no início dos anos 2000, sob coordenação do Ministério do Trabalho e do Emprego. A inclusão do trabalho sexual como uma categoria profissional é fruto do envolvimento de diferentes setores da sociedade que atuam na defesa dos direitos das trabalhadoras sexuais. Segundo Marlene Rodrigues (2009), o reconhecimento da prostituição enquanto uma categoria de trabalho é reflexo de novas tendências em relação ao tema que emergiram no Brasil nas últimas duas décadas.

O novo CBO traduz o reconhecimento por parte do MTE da “profissional do sexo” como uma trabalhadora e inovou ante o modelo tradicionalmente adotado no país para o enfrentamento da questão da prostituição. A medida foi ao encontro da posição defendida pelo movimento de prostitutas de retirar tudo o que diz respeito à

¹⁸ A Classificação Brasileira de Ocupações é um documento que retrata a realidade das ocupações trabalhistas no país. De acordo com esse documento, o trabalho sexual é reconhecido como uma atividade laboral. Fonte: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>

prostituição do Código Penal, tratando as questões relacionadas à atividade, na esfera da legislação trabalhista. (BARRETO, 1995; BRASIL, 2003a, 2003b). (RODRIGUES, 2009: p. 70).

Nesse sentido, embora o código penal não preveja nenhuma punição legal para os indivíduos que vendem sexo, explorar, obter lucro ou facilitar a atividade sexual de outrem é considerado crime, segundo a legislação brasileira vigente. O crime de “lenocínio” é tipificado no artigo 227 do Código Penal Brasileiro¹⁹. A lei não tipifica a prática em si como crime, porém, ela prevê punição para aqueles que incentivam ou lucram com a prática, com a pena podendo chegar até três anos de reclusão. Assim, tantas outras atividades ligadas à prostituição podem ser facilmente tipificadas como criminosas, como cobrar taxas pelo anúncio de trabalho sexual na internet. Essa é uma das razões pelas quais os sites fazem questão de ressaltar que não possuem qualquer ligação monetária com os anúncios vinculados em suas plataformas. Os servidores dos sites argumentam que servem apenas como meios de divulgação e publicidade das *acompanhantes*, mas não têm participação nos lucros dos serviços sexuais prestados. Algumas plataformas possuem uma seção destinada para esclarecimentos legais quanto à participação nessa modalidade de anúncio. No site Branco, há uma seção denominada "textos legais", conforme mostra a imagem²⁰. O site declara ser total responsabilidade das anunciantes o serviço que oferecem e quaisquer consequências que possam vir dele.

1.10.3. Responsabilidades dos anúncios e os seus conteúdos.

O usuário que publique um anúncio declara que não existe vinculação de nenhuma natureza entre [redacted] e a informação de contato ou página pessoal que conste publicadas nos anúncios. [redacted] também não tem nenhum tipo de vinculação com os anunciantes nem participação nos serviços que possam se oferecer.

[redacted] não concede, revisa ou autoriza o conteúdo dos anúncios previamente a sua publicação, por essa razão os anunciantes são totalmente responsáveis do conteúdo dos anúncios e da informação oferecida através da presente página web. Portanto, o usuário conhece o conteúdo dos serviços que oferecer por meio dos anúncios, então ao entrar a este site, expressa e tacitamente, aceita o conteúdo e as consequências legais para o caso de não cumprir com as mesmas.

O usuário manifesta que a publicação das suas imagens e os conteúdos incluídos por ele no anúncio foram realizados de forma livre, consentida e voluntária, e não prejudica nem vulnera o seu direito de Honra, a Intimidade Pessoal e à própria imagem.

[redacted] não garante a qualidade, exatidão ou fiabilidade dos dados, imagens, informações ou opiniões, qualquer que seja a origem, que circulem no portal. O usuário assume, baixo a sua exclusiva responsabilidade, as consequências, danos ou ações que possam derivar-se do acesso a tais conteúdos.

[redacted] se reserva o direito de não publicar o anúncio de uma acompanhante se não se ajusta à qualidade mínima exigida do entorno do site.

[redacted] não se beneficia, em nenhum caso, da prestação de serviços de caráter sexual de outras pessoas, nem atua como intermediário em relação com esses. Neste sentido, [redacted] apenas atua como plataforma de anúncios, na qual os anunciantes, de forma pessoa, podem promover os seus serviços profissionais, sem que [redacted] participe de nenhum benefício que tais serviços possam aportar à parte implicada.

[redacted] não promove, incentiva, facilita, induz, entrega ou oferece diretamente ou através de terceiros, por meio da violência física ou moral, engano ou o abuso de poder, serviços obtidos a partir de exploração sexual, trabalhos ou serviços forçados, escravidão ou praticas análogas da escravidão, servidão ou a remoção de um órgão, tecidos ou os seus componentes.

Imagem 1 – Site Branco

¹⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>.

²⁰ Os nomes que pudessem identificar os servidores estão borrados. O registro data de julho de 2022.

Ainda que a atividade sexual não seja punida por lei, outras atividades que a circundam são reprimidas e criminalizadas, como o caso de algumas categorias que se encaixam na definição de facilitadores do trabalho sexual. Letizia Patriarca (2015) evidencia a necessidade de repensar a criminalização dos agenciadores e de estabelecimentos que se encaixam nessas categorias. Inclusive, alguns projetos de lei propuseram repensar esses limites. É o caso do projeto de lei 4211/2012, chamado também de PL Gabriela Leite. De acordo com Patriarca, o projeto buscou apresentar outro entendimento para a prática da prostituição e, assim, ela poderia ser regulamentada, o que representaria a diminuição dos riscos no exercício da atividade. E, ainda, como salienta Patriarca, o projeto objetivava estabelecer um lucro máximo que poderia ficar com os agenciadores, o que significaria "descriminalizar boa parte dos negócios na prostituição" (PATRIARCA: 2015, p. 95).

Como o *texto legal* do site destacado acima evidencia, as *acompanhantes* têm total responsabilidade sobre o próprio trabalho, os responsáveis pelo *site* não assumem qualquer obrigação legal sobre qualquer dano que elas possam ter durante esses encontros. Em contrapartida, as travestis necessitam de uma série de comprovações para que seus anúncios sejam publicados, precisam enviar formulários, documentos e fotos para atestarem que são, de fato, quem dizem ser. A imagem abaixo mostra algumas das exigências para quem deseja anunciar o trabalho sexual no site Vermelho. Os itens essenciais para publicação incluem fotos, nome completo, endereço e documento com identificação. Em contrapartida, o nível de exigência para quem deseja contatar as travestis não é comparável aos exigidos para as *acompanhantes*., Não são solicitados documentos ou qualquer comprovação legal que dê qualquer segurança para as trabalhadoras sexuais. Desse modo, fica evidente que as prestadoras do serviço são inqueridas a comprovar sua real identidade, para que não vendam nenhum serviço enganoso para seus clientes. Caso surja qualquer adversidade durante a prestação de serviços, elas devem lidar de modo autônomo para solucionar qualquer problema que apareça porventura.

2. **ITENS ESSENCIAIS À PUBLICAÇÃO** – A publicação será feita somente se respeitado o envio de todos os itens a seguir, por meio de formulário de cadastro, enviado através do contato efetuado com o Atendimento Unificado:

1. **Nome E sobrenome de anunciante:**

1. Anunciante que desejar fazer parte do site, deverá obedecer à regra padronizada de usar um nome e um sobrenome. Há anunciantes que utilizam apenas o nome, pois foram as primeiras anunciantes do site, época em que este critério não estava em vigor.
2. O nome e sobrenome não poderá exceder o limite de 20 caracteres.

2. **Especificar contato para ligação e WhatsApp:**

3. **Rua, bairro e a cidade:**

1. Caso seja informada a rua por anunciante, a informação será ou não informada no anúncio, a critério de nossa equipe. Não será mencionado o número do imóvel no anúncio.
2. O bairro sempre deverá ser informado quando anunciante tiver local para atendimento, ou a critério de nossa equipe. O exposto neste item não cabe aos anúncios publicados em páginas que tenha como início "Outras Cidades".
3. Caso anunciante não possua local de atendimento, é dever informar à nossa equipe de atendimento no momento da publicação ou alteração de localização e previamente ao envio do link com a conclusão do atendimento;

4. **Fotos:**

1. Não será permitido anúncio com menos de 05 fotos.
2. Fotos sem boa resolução, que faça apologia ao crime, uso de drogas, pedofilia, zoofilia, intolerância religiosa, qualquer forma de discriminação, ou que não sejam aprovadas, a critério de nossa equipe, não serão publicadas.
3. Não serão publicadas fotos que constem localização, contatos telefônicos e outras informações que causem poluição visual, bem como prints, a critério de nossa equipe.
4. O site não possui marca d'água, então, caso seja de interesse de anunciante, deverá ser feita a solicitação de marca d'água sempre que enviar as mídias para adição, previamente ao envio do link.
5. Não serão aceitas mídias que possam atribuir uso indevido de imagem/nome ou ferir os direitos autorais de outrem.
6. Anunciante que queira preservar o rosto, nas fotos publicadas, deverá enviar as mesmas fotos, com o rosto aparente, para a comprovação de que não se tratam de fotos de terceiros.

5. **Foto avulsa de um documento oficial de identificação com foto:**

1. A foto, preferencialmente, em um único arquivo, onde deve conter frente e verso do documento, em condições de análise/leitura de todas as informações. Documentos aceitáveis: RG, CNH, Documento de identidade profissional, Passaporte, Reservista ou Carteira de Nome Social.

6. **Selfie:**

1. Foto do documento ao lado do rosto, em condições de se fazer a análise do rosto, em relação a foto 3 x 4 do documento.

Imagem 2 – Site Vermelho

Como dito anteriormente, os sites de *acompanhantes* alegam não cobrarem nenhuma porcentagem sobre o programa realizado pelas travestis. Segundo os termos de alguns deles, as taxas cobradas são pela publicidade e pela disponibilização de espaço na plataforma. Por outro lado, alguns sites dizem não cobrar nenhum valor para exibir o anúncio em sua página. No entanto, a anunciante terá pouco engajamento em seu anúncio, o que faz com que ele seja arrolado muito abaixo na página e não gere muito destaque e visualizações. Os sites que ofertam a opção de anúncio gratuito, também oferecem planos de assinatura para *acompanhantes* viabilizarem seus anúncios.

Cada site possui um pacote de assinatura conforme as ferramentas de que dispõe. A maioria deles usa o destaque que a acompanhante deseja receber na plataforma como critério para estabelecer os planos. Sendo assim, os planos que oferecem uma exposição maior custam um valor mais elevado. A imagem 3 mostra que os preços são estabelecidos consoante às *subidas* na página, ou seja, a quantidade de vezes que o anúncio da acompanhante será posto no topo da página e, com isso, ficará mais visível para quem acessa. Além disso, os planos podem possibilitar a inclusão de mais vídeos e fotos e alguns podem conter a opção de *destaque*. Isso quer dizer que o perfil da anunciante é realçado com um fundo dourado, tornando-o mais

chamativo na página; outros planos incluem a opção de incluir *stories*²¹ por 50% a mais do valor pago. O preço dos pacotes do site Branco, por exemplo, pode custar até 400 reais, como mostra a imagem abaixo. Apesar de cada *site* ter a sua especificidade e atrativos, as condições de anúncio são parecidas.

Preços

Subidas automáticas

Dê mais visibilidade ao seu anúncio, fazendo com que periodicamente suba à primeira posição da lista da sua cidade.

Setor: Acompanhantes Trans

Cidade: São Paulo

Plano	Duração	Subidas/dia	Preço Total	Preço por Subida
1	15 dias	12	R\$ 140	R\$ 0,78
2 (Recomendado)	15 dias	24	R\$ 260	R\$ 0,72
3	15 dias	48	R\$ 400	R\$ 0,56

mostrar todos os planos

Imagem 3 – Site Branco

Além de planos para quem deseja anunciar, alguns *sites* oferecem planos para os usuários, como é o caso do site Vermelho. Essa plataforma oferece planos mensais, semestrais e anuais para o *T-Lover* que deseja acessar outros conteúdos, como vídeos e fotos exclusivos, ou ainda, ter acesso a conteúdo em tempo real. Nesse plano, o site também atualiza o usuário sobre as novas *acompanhantes* disponíveis na cidade. Eles incluem conteúdos elaborados exclusivamente para os *T-Lovers Premium*, os valores da assinatura variam e podem custar até 239 reais por ano. Algumas dessas plataformas são pensadas exclusivamente para os *T-Lovers*. Como recorda Pelúcio (2005), o surgimento da categoria “T-Lover” está fundamentalmente relacionado com a formação de comunidades na internet, sendo que esses espaços são importantes lugares de sociabilidade. No site Vermelho, por exemplo, nos anúncios das travestis, é comum a presença constante de usuários que se comunicam através de comentários,

²¹ *Stories* é uma funcionalidade presente em diversas redes sociais. São publicações curtas e que ficam disponíveis apenas por determinado período.

partilham experiências, vivenciam fantasias e erotismos. Nesses espaços, os usuários podem partilhar suas paixões e desejos pela corporalidade travesti.

As aparências dos sites de *acompanhantes* são as mais variadas. Alguns são dedicados exclusivamente para as *acompanhantes* travestis, enquanto outros disponibilizam uma seção para as mulheres cisgêneras e outra para as mulheres trans²² e travestis. Nos *sites* que coexistem travestis e *mulheres*, a separação entre elas é bem clara, nunca me deparei com um site que tivesse anúncios mistos em uma mesma página. Desse modo, é bem evidente para o usuário que navegue pelas páginas qual o gênero das *acompanhantes* que estão sendo anunciadas. Dos sites que investiguei, o Vermelho é o maior em quantidade de anúncios e usuários interagindo com as anunciantes.

É comum que as *acompanhantes* que possuem um local para receber seus clientes incluam essa informação nos anúncios. A maioria delas moram em apartamentos, *flats* e veiculam o endereço da localidade para marcar os programas. O site Vermelho é seccionado conforme as regiões do país e os anúncios são divididos pelas localidades de cada estado. Por exemplo, no estado de São Paulo, os anúncios são separados pelas cidades, São Paulo, Campinas, ABC Paulista, etc., e a mesma lógica é usada para outros estados e cidades do país. O que determina a posição dos anúncios na página é o destaque que as anunciantes contratam, de modo que as que adquirem maior destaque estão no topo da página e os anúncios com menos destaque aparecem no final da página.

Os anúncios são bem diversos, as travestis podem disponibilizar mensagens de voz, vídeos e muitas fotos. Além disso, há um espaço para elaborarem uma autodescrição e não há regras pré-determinadas pelo site sobre quais informações devem partilhar, sendo as únicas informações obrigatórias o local onde residem e o telefone para contato. Dessa forma, enquanto algumas travestis elaboram minuciosas e detalhadas descrições sobre a própria pessoa, atributos e aparência, outras apenas disponibilizam fotos e vídeos. Esses recursos costumam ser compartilhados em abundância e em diferentes situações. Além dessa plataforma, o site contava com uma conta no microblog Twitter, onde compartilhavam as anunciantes mais destacadas e os relatos dos usuários considerados os mais eróticos.

Ademais, esse site é bastante conhecido entre os usuários e *T-Lovers*. Eles usam alguns fóruns de discussões na internet para avaliar as *acompanhantes*, sendo que parte delas replicam

²² É comum que os sites e as próprias usuárias se distingam entre travesti e transexual, ou simplesmente trans. Posteriormente, dedicarei um espaço nesta discussão para refletir sobre os usos que as *acompanhantes* fazem dessas denominações.

seus anúncios nesses fóruns como uma forma de divulgação. A reputação que possuem entre os *T-Lovers* desses fóruns é primordial para o sucesso dos anúncios. A lógica de classificação usada por eles é bem semelhante à descrição que Pelúcio (2005) observou em seu trabalho sobre o grupo. Os usuários usam a classificação de “lista branca” e “lista negra” para separar as travestis que cumprem o acordado e são aquilo que dizem ser em seus anúncios e o inverso é usado para denotar que a experiência com a travesti não foi aprazível e serve de alerta para os demais. De acordo com Pelúcio, "as chamadas listas também são tema de debates, como aparece no ‘estatuto’. Há siglas usadas por eles: LB e LN (lista branca e lista negra). As LNs são aquelas consideradas ‘perigosas’, e as LBs, as que não roubam, fazem tudo que havia sido acordado e tratam bem os clientes." (p. 7). A imagem abaixo mostra como é a interface do site para os usuários que acessam o *site Vermelho*.

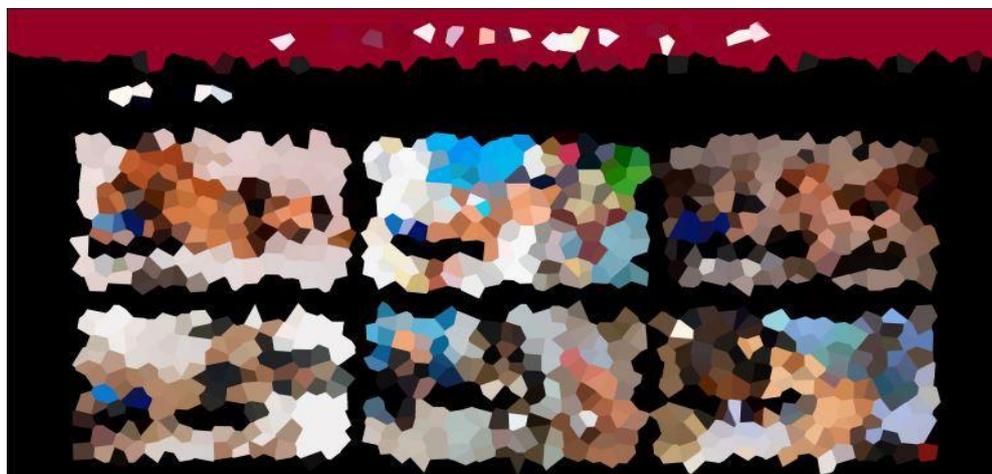


Imagem 4 – Site Vermelho

O site Branco, a segunda plataforma que observei, possui um funcionamento diferente em relação à anterior. Nesse site, mulheres cisgêneras e travestis podem veicular anúncios, porém, como mencionei, os anúncios são disponibilizados em seções distintas: *acompanhantes* e travestis. Ao contrário do site Vermelho, esse site não divide as *acompanhantes* por região, estado ou cidade, anúncios de diferentes localidades são exibidos juntos; para quem deseja, é possível acionar a função *perto de mim* e filtrar as *acompanhantes* que estão mais próximas. Assim, na página inicial do site, encontra-se uma multiplicidade de anúncios simultaneamente, o que torna a navegação cheia de informações visuais para o usuário.

Portanto, ter um destaque dourado em torno do anúncio é fundamental para ser notada em meio a um fluxo imenso de perfis. Cada anúncio aparece em um retângulo que exhibe

algumas informações sobre a anunciante. Elas apresentam, em poucos caracteres, o nome ou uma pequena descrição. Por exemplo, em um dos anúncios, é possível ler a seguinte definição de uma travesti: *fina flor do terceiro sexo, flex com local*. Ademais, outras informações podem ser disponibilizadas nessa prévia do anúncio, como o local, a idade e o preço do programa.

Na imagem abaixo, é possível notar que, no canto esquerdo da página inicial do site, um pequeno relógio amarelo indica, conforme o usuário faz a rolagem da página, há quanto tempo os anúncios naquela direção da página foram publicados. Por exemplo, os anúncios da imagem foram publicados quando fiz a captura da tela. Se eu rolasse a página para baixo, ele exibiria os anúncios feitos há cinco minutos antes, posteriormente, aqueles feitos dez minutos antes e assim por diante. Posto isso, comprar mais subidas por dia ao contratar o anúncio significa estar em evidência em qualquer hora do dia.

Ao clicar no anúncio desejado, o usuário tem uma visão mais detalhada sobre o perfil da acompanhante. Nessa plataforma, a travesti também pode elaborar uma descrição sobre si. Além disso, a plataforma disponibiliza informações padronizadas para serem preenchidas, como o cachê, horário de atendimento e, uma seção denominada *sobre mim*, em que é possível disponibilizar informações em formato de rótulos clicáveis. Geralmente, esses rótulos resumem algumas características das travestis. Por exemplo, em um anúncio, estavam disponíveis os seguintes rótulos: *21 anos, R\$150 Altas Atendimento a casais, Branca, Magras, Morenas, Peitudas, Pubis depilado, Versáteis, Whatsapp*. O funcionamento é muito semelhante ao das hashtags, disponíveis em algumas redes sociais, ou seja, eles servem como uma espécie de filtros de busca. Caso o usuário esteja procurando uma característica em particular, como uma acompanhante *branca*, basta digitar tal característica no campo de busca e todos os perfis com esse rótulo aparecerão nos resultados. Os mesmos rótulos podem ser usados para descrever os serviços prestados. Ao final de cada anúncio, há uma seção com as *trans* mais destacadas da região da anunciante, ou seja, as travestis que pagam destaque também são divulgadas em outros perfis.

Outras duas ferramentas notáveis aparecem em cada perfil, as funções *eliminar anúncio* e *denunciar anúncio*. Em ambas as funcionalidades o internauta pode entrar em contato com a plataforma para registrar alguma queixa ou reclamação formal. Essas funções podem ser usadas para denunciar alguma inconformidade, como o uso de fotos falsas. Na página inicial do site há uma espécie de contagem dos anúncios suprimidos pela utilização de fotos falsas. Em uma das

minhas visitas à página, a descrição dizia que até aquele momento *140.075 trans* tiveram seus anúncios removidos da plataforma pelo uso de imagens falsas.

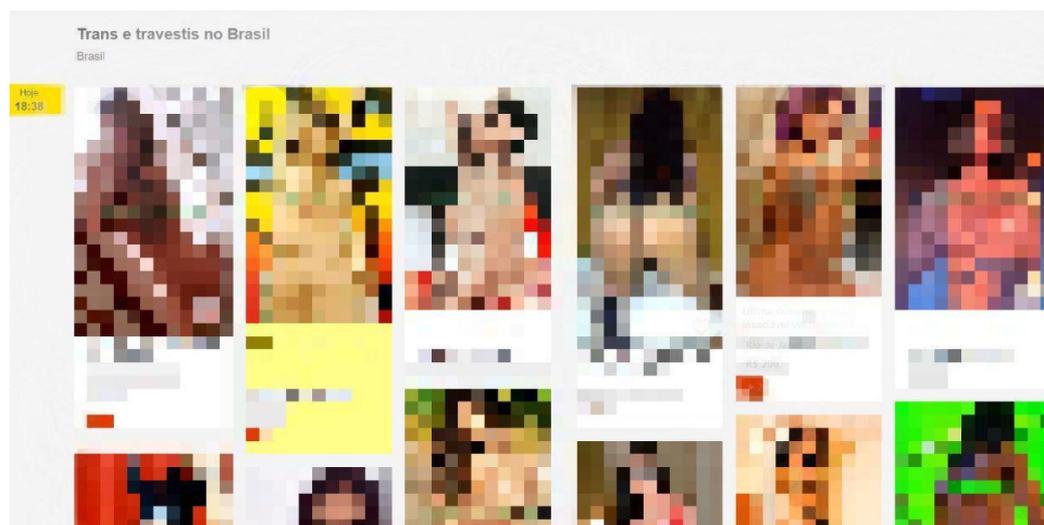


Imagem 5 – Site Branco

As imagens constituem uma parte importante para o negócio de anúncio do trabalho sexual. Para todas as partes envolvidas nas transações on-line, as imagens são elementos indispensáveis para despertar a atenção do observador e, mais do que isso, são um tipo de atestado para aqueles que veem comprovem que, de fato, tudo que é descrito encontra-se concretizado na figura que as travestis dizem ser. A importância da imagem para os laços que se formam na esfera on-line, caracterizado pela ausência de contato físico, é de ajudar a materializar um corpo que não pode ser visto ou tocado.

Os diversos sites e aplicativos de relacionamento potencializaram o uso das imagens como forma de materializar o corpo para o observador. Nos sites de *acompanhantes*, a lógica se assemelha a dos sites e aplicativos de relacionamentos. As imagens são estopim para as interações, pois, a partir delas que o interesse do espectador é despertado, elas ajudam a construir a persona de quem anuncia. Para Roland Barthes (1985), a partir do momento que um corpo é fotografado, ele instantaneamente fabrica outro corpo, metamorfoseando-se antecipadamente em imagem (p. 22). E ainda, de acordo com Beleli,

É inquestionável que os sujeitos estão imersos em, e se constituem por, uma gama de imagens fragmentadas, cujas leituras não necessariamente são detidamente refletidas, mas os impele ter respostas imediatas. A internet acelerou esse movimento, na medida em que ao navegar por um site ou aplicativo, estamos continuamente “em estado de prontidão” (SANTAELLA, 2004 :33), tornando a informação digitalizada parte de suas experiências

profissionais e das relações amorosas, afetivas e sexuais. (BELELI, 2015: p. 96).

O terceiro site em que concentrei as análises é uma plataforma internacional, o site de domínio português Dourado, cujo slogan é *A sua melhor companhia encontra aqui...as melhores travestis de Portugal*. Essa plataforma, diferente das outras, possui as condições de uso em sua página inicial, informando que o conteúdo da página se destina para pessoas maiores de 18 anos. Para acessar o conteúdo do site, é preciso clicar na opção em que o usuário afirma ter a maioridade legal. Adiante, o site apresenta em sua interface o título *Vip Transex do Mês*, com a imagem bastante ampliada, como evidencia a imagem 6. As travestis são mostradas segundo os destaques que contratam no período. O site ainda disponibiliza as travestis *Ultra Destaque*, as quais aparecem em um anúncio que ocupa boa parte da página e não dividem o espaço com outros anúncios. Conforme o destaque vai diminuindo, mais anunciantes aparecem no mesmo espaço da página.



Imagem 6 – Site Dourado

Os valores para anunciar variam de 50 a 400 euros. No modelo mais simples, denominado *pacote básico*, os anúncios aparecem na seção *Outras travestis*. O pacote mais caro oferece a capa do site para a anunciante mais a seção *Vip Transex*, esse pacote só é reservado mediante ao pagamento adiantado de 25% do valor. Os anúncios entre 50 e 70 euros têm limitação de fotos, ou seja, as anunciantes só podem disponibilizar até 15 fotos por anúncio, e, para os pacotes a partir de 120 euros, o limite são 25 fotos por anúncio. Outro dado muito interessante desse site, é a divulgação, em formato de anúncio, de diversos serviços focados na saúde física das *acompanhantes* e dos usuários, como a testagem de doenças sexualmente

transmissíveis, e a divulgação de serviços anônimos e gratuitos para as profissionais do sexo. A imagem abaixo ilustra como esses anúncios são divulgados.

Parte desses serviços é oferecida por uma organização sem fins lucrativos (ONG) chamada Porto G²³. Realizei uma breve pesquisa para conhecer um pouco melhor do que se trata essa organização. Segundo a descrição do site Porto G, a ONG nasceu em 2008 como parte do Programa Nacional para a Infecção HIV/AIDS da Direção Geral da Saúde (DGS), em uma ação nacional na luta contra o HIV/AIDS. O foco da ONG é a prevenção e controle das doenças sexualmente transmissíveis no país, e a divulgação de informações e de materiais preventivos faz parte das ações de controle e prevenção das ISTs. Ademais, outra frente de missão da ONG é combater o estigma e o preconceito associados à infecção e ao trabalho sexual.

The image shows two promotional posters. The top poster is for Porto G, featuring an orange background with a white circle containing a silhouette of a person. Text includes: 'Confidencialidade e apoio a trabalhadora do sexo e clientes', a list of services (Preservativos e lubrificantes; Testes rápidos VIH, Hepatite B e C e Sífilis; Vacinação Hepatite B e Tétano; Ginecologia, infecciologia e psicologia; Informação sobre os direitos de migrantes), 'Serviço anónimo e gratuito', and contact information (927 952 067 whatsapp, 962 301 0764, 227 531 106/7, portog@apdes.pt, www.portog.org, Porto G Apdes, portog.apdes). The bottom poster is for SER+, featuring a white background with a hand pointing up. Text includes: 'ser+', 'FAÇA O TESTE', 'Rastreio do VIH, Hepatites B e C e Sífilis', 'Anónimo, gratuito e confidencial', 'Resultados em 20 minutos', 'Cascais e Oeiras', 'NA SEDE DA SER+', '2ª, 4ª e 6ª das 9h às 12h30', '3ª e 5ª das 14h às 16h30', 'Rua André Homem, Edifício SER+, nº 60 2750-783 Cascais', 'ligue: 910 905 974', and 'oferta de preservativos masculinos e preservativos, gel lubrificante e material informativo'.

Imagem 7 – Site Dourado

De acordo com Pelúcio (2009), o surgimento da pandemia de AIDS ocasionou a ampliação de estratégias de cuidados e responsabilização individual, demandando ações dos sujeitos frente à doença. Pelúcio observa que as estratégias de saúde passaram a ser instauradas no interior dos grupos considerados “vulneráveis”. Segunda ela, isso ocorreu através “de ‘programas educativos’ e ‘de conscientização política’, que dizem respeito não somente à divulgação de informações sobre a doença, mas almejam a mudança de comportamento dos

²³ Endereço eletrônico da ONG disponível em: <<https://www.portog.org/home>>.

grupos populacionais que estariam ‘em risco’, ou teriam ‘comportamentos de risco’” (PELÚCIO, 2009: p. 117).

A partir dos anos 2010, se observou um crescimento da epidemia de HIV, com o aumento da mortalidade por AIDS, bem como retrocessos no campo das respostas governamentais e na “capacidade de controle social por parte das ONGs” (CALAZANS; AYRES; PINHEIRO, 2018: p. 266). No contexto da prostituição, há décadas, a problemática de como prevenir a transmissão do HIV tem sido uma questão importante para a prevenção. Gabriela Leite, Laura Murray e Flavio Lenz (2015) apresentam o conceito de “gestão de risco” para tratar das escolhas feitas pelos indivíduos a partir de todas as informações necessárias para reduzir o risco ao vírus, considerando a “autonomia e protagonismo de indivíduos, mas que também reconhecem que o contexto no qual um indivíduo toma uma decisão tem tanto a ver com as informações disponíveis quanto com o seu interesse em proteger-se” (p. 8).

No Brasil, existem muitos grupos que realizam iniciativas parecidas. Durante o projeto de pesquisa Cidade Trans, realizado no bairro do Butantã, conhecemos uma iniciativa similar promovida por agentes de saúde do Centro de DST/AIDS do Butantã. Na época em que realizávamos o trabalho etnográfico, profissionais do Centro de Saúde Escola do Butantã — unidade docente-assistencial da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), ligada à Faculdade de Medicina, que atua em colaboração com o Sistema Único de Saúde (SUS) nas áreas de ensino, pesquisa e assistência, em especial no distrito do Butantã — tentavam uma parceria com o Centro de DST/AIDS para pensar em medidas de prevenção e do tratamento de DSTs nas profissionais do sexo da região.

O trabalho de prevenção era realizado por uma agente de saúde travesti, fornecendo material informativo e de prevenção e, ainda, almejava incentivar as trabalhadoras sexuais a comparecerem à unidade de saúde para realizar exames médicos preventivos, terapias hormonais e os cuidados relacionados à profilaxia de DSTs. Uma das grandes dificuldades encontradas pelos profissionais era realizar a atratividade das profissionais do sexo, muito em razão do horário de funcionamento do CSE, que conflitava com o trabalho na *pista*. No caso das mulheres cisgêneras, elas não conseguiam deixar seus postos de trabalho para realizar atendimento médico preventivo. No caso das travestis, elas não estavam no bairro durante o dia, já que trabalham majoritariamente durante a noite, horário em que os serviços do CSE não oferecem atendimento. Assim, as médicas e agentes de saúde relatavam a dificuldade de realizar o acompanhamento e ações de profilaxia. Diferentemente do que ocorre no site português, nas

plataformas brasileiras, medidas como essa não são comuns, elas estão mais relacionadas ao modelo de trabalho sexual realizado nas ruas das cidades.

Outro serviço oferecido pela Porto G, como mostra a imagem, é o apoio e informações sobre os direitos das imigrantes. Muitos dos anúncios que analisei no site Dourado eram de estrangeiras, sobretudo, brasileiras. O modelo de anúncio do site é parecido com as plataformas brasileiras: as travestis podem elaborar uma descrição sobre si na seção *Sobre mim*. E ainda, o site oferece um questionário, chamado de *Perfil*, onde elas podem preencher as suas informações, como a nacionalidade, idade, altura, busto, pé, pênis, olhos, signos, idiomas, atendimento, disponibilidade, local de atendimento, deslocamentos e posições sexuais. Para completar o perfil, elas podem disponibilizar a quantidade de fotos que o pacote adquirido permite.

O quarto site que serviu de base para as investigações dessa pesquisa foi o Preto e Branco. Ele possui uma lógica de funcionamento muito semelhante aos descritos anteriormente. As anunciantes são separadas em três categorias: *Trans Brasil Diamond Vip*, *Brasil Vip* e *Trans Brasil Travesti Basic*. Na primeira opção, apenas um anúncio aparece no topo da página, em primeiro destaque; logo em seguida, aparece a segunda opção de anúncio, em um tamanho menor, porém, em um espaço único. Já na terceira opção, múltiplos anúncios aparecem concomitantemente na página, conforme registrado na imagem 8.

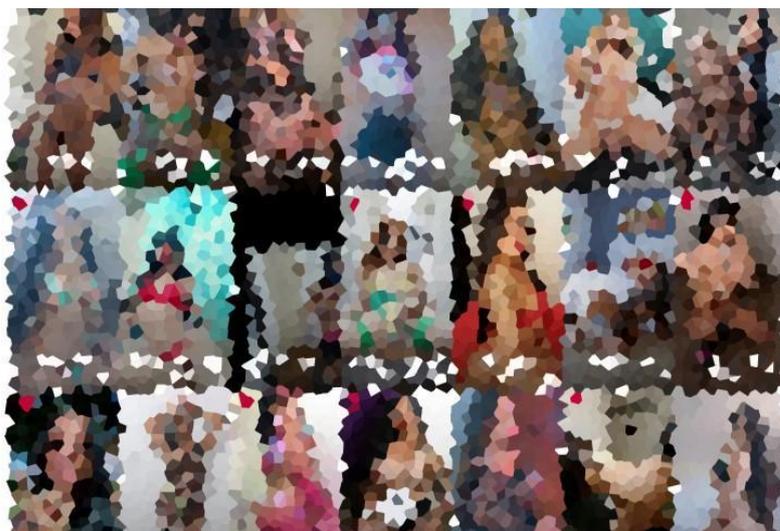


Imagem 8 – Site Preto e Branco

Nesse site, além dos anúncios, o usuário tem a opção de acessar vídeos pornográficos e contratar chamadas de vídeos. Assim como o site Dourado, o site Preto Branco não é um domínio exclusivamente brasileiro, ele apresenta os perfis de acordo com a escolha do usuário

de travestis de qual país ele deseja visualizar. Há travestis de diferentes países como Armênia, Vietnã, Emirados Árabes Unidos e Iraque, bem como a opção de visualizar o site em nove idiomas diferentes. O site também oferece a opção *novidades*, onde o usuário pode conferir quais as novas anunciantes da página. No final da página, há a opção *escort mulheres e*, clicando nessa opção, o usuário é redirecionado a outro domínio exclusivo de anúncio de mulheres cisgêneras.

Os sites possuem algumas particularidades, mas há uma lógica elementar que permanece: as imagens e a descrição de si. Esses são elementos fundamentais para qualquer plataforma e para qualquer anunciante que pretende divulgar seus serviços sexuais e conferir realidade ao que se anuncia. Julieta Vartabedian (2019) faz uma análise de sites de *acompanhantes* na Inglaterra e em Portugal e ela nota que os sites não são apenas um espaço destinado à promoção de um serviço, eles são importantes espaços de visibilidades para as travestis. Vartabedian defende que os sites de anúncios são uma forma de empoderamento e reconhecimento. Como ressalta a antropóloga, ter a segurança para estar visível ao público tornam os sites espaços privilegiados que muitas trans não podem pagar (VARTABEDIAN, 2019: p. 227). Os sites são espaços em que os corpos e as existências travestis podem ser exibidos, admirados e celebrados.

Nas ruas e nas avenidas das cidades, não é incomum que as profissionais do sexo estejam alocadas à lugares periféricos e ignotos. Embora seus corpos sejam desejados por muitos admiradores, esse desejo é reprimido e materializa-se, muitas vezes, em formas de violência. Moira (2016) relata em seu livro uma experiência marcada pelo desejo e pela repulsão, recontando um caso de um encontro casual com um homem que demonstrou intenso desejo por ela. Minutos após a consumação sexual, passou a ignorá-la como se não a conhecesse ou não tivesse desejado estar sexualmente com ela. De modo semelhante, muitos clientes demonstram desejo pelas travestis, enquanto o temor do estigma faz com que o desejo se transforme em violência.

Além disso, a violência transfóbica e homofóbica são fatores que atingem diariamente travestis e transexuais. De acordo com Sergio Carrara e Adriana Vianna (2006), nas grandes metrópoles, os indivíduos que possuem seus corpos marcados com atributos reconhecidos como não pertencentes à matriz heterossexual estão mais suscetíveis à violência homofóbica e outras formas de discriminação, e as travestis e transexuais são comumente as maiores atingidas por essas modalidades de violência. Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e

Transexuais (ANTRA), só em 2021, ao menos 140 pessoas transexuais foram assassinadas, sendo que 135 eram travestis e mulheres transexuais, em sua maioria, negras²⁴.

1.3. A excitação negociada: vejo, pago, logo me excito

As plataformas on-line não servem apenas como espaço de divulgação de um serviço que se pretende consumir na esfera off-line. Embora essa seja o principal objetivo das anunciantes e dos clientes que desejam seus serviços, os sites são espaços em que o erotismo e a excitação são negociados constantemente. As fotos e os vídeos são prenúncios de um corpo que irá se concretizar, porém, servem como estimulantes para quem os observa por meio da tela. De forma semelhante, as palavras empregadas pelas *T-Gatas* e pelos clientes são estímulos incessantes. Muitos internautas afirmam frequentarem os anúncios periodicamente, sem nunca terem a oportunidade de consumir um encontro carnal com as travestis. Assim, a observação dos recursos disponibilizados nas páginas são entremeios para mobilizar os desejos e meios de excitação.

Para uma parcela dos clientes, o encontro sexual presencial com uma travesti representaria um rompimento com a sexualidade assumida até então, uma forma de *sair do armário*. Em certos relatos, esses homens declaram que não possuem coragem para consumir o desejo que neles pulsa. Consumir os conteúdos das *T-Gatas* é acionar os apelos ao erotismo imaginado e não concretizado. Para outros, a expectativa do encontro é parte da construção erótica em relação às travestis. No site Vermelho, a página de Afrodite é uma das mais populares. Ela é bastante conhecida no mundo erótico e pelos admiradores de travestis e ela mesma se reivindica como a mais desejada do país. Ademais, é bastante reconhecida pelos vídeos pornográficos dos quais participou.

Entre as fotos que compõem o seu perfil, Afrodite compartilha momentos de interação sexual com seus parceiros. As reproduções imagéticas do ato sexual aumentam a lascívia dos espectadores, como eles mesmos deixam claro nos relatos. Esses homens, por sua vez, não escondem o estímulo que esses recursos causam. Independente do motivo, os sites são portais para acessá-las e exercer aspectos da própria sexualidade e erotismo. Os relatos selecionados abaixo foram postados na página de Afrodite:

²⁴ Dados disponíveis em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>.

Relato 01

Sou casado e apaixonado por travesti, já chupei e dei pra várias, elas sabem meter gostoso, algumas delas bem dotadas, mas o meu sonho é experimentar essa linda rola

Relato 2

Sonho em relaxar em cima desse monumento nossa a Afrodite é tudo de bom maravilhosa

Relato 3

Eu tenho um devaneio. Me deixar ser estuprado por ela. Deixar ela me pegar de jeito e meter tudo dentro do meu rabo de uma vez. Quero ver ela metendo e eu implorando para parar, até a dor ceder lugar ao prazer.

Relato 4

queria tirar minha virgindade com essa gata amei esse pau Grande

Relato 5

Acredito, que o sonho de qualquer passivo perder o cabaço, com a Afrodite. Pelos depoimentos, ela é maravilhosa. Estou louco para voltar a São Paulo e perder meu cabaço com ela. Fazendo isso, contarei os detalhes aqui.... Quero sair totalmente arrombado, sangrando (se acontecer) e tdo gozado. !!!! Leitinho quentinho na portinha do meu cu !!! Quero muito você Afrodite !²⁵

Esses relatos evidenciam aspectos interessantes dos desejos mobilizados por intermédio do site. As palavras são empregadas para dar vazão à intencionalidade que não pode ser materializada. Maria Elvira Díaz-Benítez (2007) esclarece que expressões performativas são aquelas que realizam uma ação no ato de “dizer algo”, a partir de certas palavras, entonação e acentuação possuem um sentido de referência (p. 96). As palavras são responsáveis por canalizar o desejo. Os autores dos relatos 1 e 2 classificam como *sonho* a vontade de materializar com Afrodite o que veem apenas por fotos e por meio dos relatos de outros usuários que descrevem amiúde os detalhes da experiência vivida.

Os depoimentos carregam uma carga simbólica da satisfação, do desejo e da capacidade de transcendência provocada pelo prazer de estar com as *T-Gatas*, verdadeiras *deusas* aos olhos de seus parceiros. Aqueles que não tiveram oportunidade de desfrutar da presença delas, elaboram fantasias eróticas, ou como eles classificam, *sonham* com o encontro. Para Georges Bataille (2017), o “erotismo” é um aspecto interior do “homem”, no entanto, ele procura sistematicamente um objeto exterior de desejo e a escolha desse objeto é fruto dos gostos

²⁵ Anotações de caderno de campo. Os comentários reproduzidos acima foram postados no site Vermelho, em diferentes datas e por diferentes pessoas. Os relatos foram reproduzidos conforme estavam disponíveis na página, optei por não fazer correções de escrita, apenas modifiquei os nomes das acompanhantes citadas nos relatos.

personais dos indivíduos. Bataille considera que, se essa escolha do sujeito em relação ao objeto de desejo “recai sobre a mulher que a maioria teria escolhido, o que está em jogo é muitas vezes um aspecto inapreensível, não uma qualidade objetiva dessa mulher, que não teria talvez, se não tocasse em nós o ser interior, nada que nos forçasse a preferi-la” (p. 53). Ademais, o autor argumenta que as mulheres “prostitutas”, ao elaborarem certo jeito de corpo, destinado à sedução, tornam-se objetos de desejo dos homens, cujo propósito é a apreciação. Os sonhos não concretizados são construídos articulados com aspectos que flertam com a fronteira entre o prazer e a cominação.

O relato 3 evidencia justamente esse aspecto: a partir do consumo do material erótico de Afrodite, ele estabelece limites entre o desejo e a violência de uma relação sexual não consentida. Segundo a antropóloga Maria Filomena Gregori, é possível existir, no exercício do prazer, a busca de possibilidades eróticas em que há “uma promessa de transgressão das restrições impostas à sexualidade” (2016: p. 19). Para Gregori, os “prazeres perigosos” tensionam diversas categorias socialmente convencionadas, podendo, inclusive, subverter as fronteiras entre o prazer e a dor. Ainda, segundo Gregori,

existem conexões entre os aspectos que marcam a violência, em termos de gênero, e um conjunto de concepções e práticas relativas à sexualidade (um conjunto, importante salientar, desde que visto como sendo recortado pela diversidade e por variados significados). Em particular, dizem respeito aos aspectos que interconectam a prática sexual, no interior de um campo simbólico particular, a uma “erótica”, na qual se relacionam o feminino e o masculino, o corpo jovem e o velho, seja asiático, branco, pardo, negro (e o suporte de tais definições não está colocado necessariamente e exclusivamente a mulheres ou homens, como sujeitos empíricos), supondo uma operação que, antes de apagar as diferenças ou torná-las homogêneas, produz e assinala as posições de poder assimétricas. Essas posições e marcas não são resolvidos no erotismo, mas constituem o material simbólico a partir do qual as tensões entre norma e transgressão e entre consentimento e abuso podem sofrer deslocamentos. (GREGORI, 2016: p. 24-25).

O ambiente on-line é um espaço propício para o exercício de diferentes formas de prazer e erotismo e de circulação de conteúdos pornográficos. Lynn Hunt (1999) elucida que diferentes formas de sensualidade, erotismo e desejos podem ser encontradas em diferentes lugares e em muitos tempos históricos, porém, a pornografia, enquanto categoria própria, é tipicamente moderna. De acordo com Hunt, o termo pornografia foi disseminado no século XIX e foi profundamente marcado pela ascensão da modernidade no Ocidente. A popularização da “cultura impressa” tornou possível que as massas adquirissem materiais impressos e, com isso, a pornografia ganhou status de representação diferenciada.

Por outro lado, Diaz-Benítez (2009) evidencia que a pornografia é constantemente atrelada ao lado degradante do erotismo. O erótico é uma representação mediada pelas metáforas, aludindo ao amor e ao estado de transcendência, enquanto a pornografia não recorre a muitas alegorias, pois sua linguagem é formada por imagens “explícitas e diretas”. Nas palavras de Diaz-Benítez “deste ponto de vista, o erotismo pode aludir a imagens explícitas, mas não exclusivamente a elas, fazendo referência a representações que evocam sentimentos de prazer do corpo e da sexualidade, sem obrigatoriamente produzir um efeito sexual imediato” (2009: p. 19). Nesse sentido, pode-se dizer que o erotismo e a pornografia são dois elementos intimamente conectados e, assim, não faz sentido dissociá-los (GREGORI, 2019).

Jorge Leite Júnior (2009) esclarece que a pornografia, do modo como conhecemos atualmente, ou seja, uma representação sexual pensada para a excitação do observador, nasceu no final do século XIX. É apenas com a legalização da pornografia em países ocidentais que esse mercado se torna segmentado. Parreiras (2015) destaca que as mídias digitais e a tecnologia foram elementos importantes para tornar a pornografia um produto mais acessível e com maior visibilidade para o público geral. O âmbito on-line permitiu que fossem criados diferentes “nichos de pornografia” bem como “aumentando as formas de produção, propaganda, consumo e interação” (p. 12).

Embora o principal objetivo das *T-Gatas*, ao disponibilizarem seus vídeos e fotos pornográficas nas plataformas, seja atrair os clientes para um programa, outras possibilidades de monetizar o sexo advém desse objetivo principal. Em muitos perfis, as travestis divulgam outras formas de os internautas consumirem produtos que elas fabricam. As fotos disponibilizadas gratuitamente nos sites, como uma forma de divulgação do serviço principal, podem gerar outras fontes de renda. Caso os clientes queiram consumir mais fotos do que elas estão divulgando, eles possuem algumas opções. A venda de *packs* de fotos, por exemplo, consiste na venda de determinado número de fotos eróticas, com a possibilidade de o comprador dirigir essa produção conforme seu gosto pessoal.

De modo semelhante, o site OnlyFans é costumeiramente divulgado entre as *acompanhantes*. Essa plataforma é parecida com uma rede social, porém, permite a venda de conteúdos eróticos e explícitos. Diferente de muitas redes, como Facebook e Instagram, que, de modo geral, vedam a publicação de nudez, com o OnlyFans, os usuários podem publicar conteúdo exclusivo para assinantes. Os perfis podem cobrar um valor mensal pela assinatura e valores adicionais por conteúdos, e todas essas transações são feitas em dólares. Em seu perfil

na plataforma Vermelho, Héstia divulga seu perfil no OnlyFans. Para ter acesso ao conteúdo postado no site, como evidencia a imagem 9, é necessário realizar o pagamento de 17,99 dólares por mês, ou cerca de 90 reais mensais.

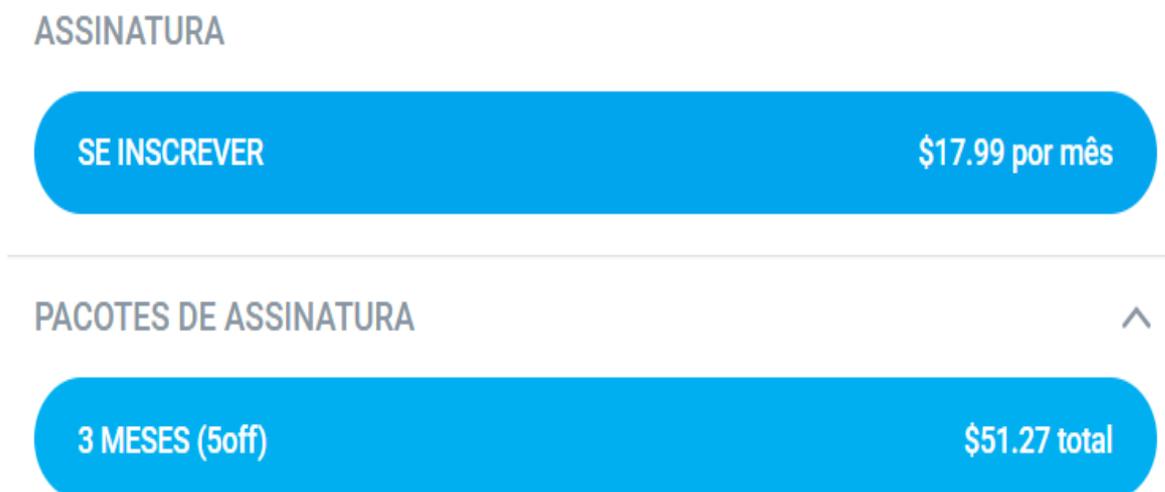


Imagem 9 – Página do OnlyFans

De acordo com Pelúcio (2015), as mídias digitais são parte de um complexo campo em que os desejos e afetos proporcionam a criação de novas tecnologias, favorecendo uma “nova economia dos desejos” (MISKOLCI, 2017). Refletindo à guisa do uso que as travestis fazem dos sites de *acompanhantes* e dessas aplicações voltadas para a monetização do sexo, essa economia do desejo é fortemente mediada pelo emprego das imagens. Como mencionado, elas são peças fundamentais. Para Feona Attwood (2009), desde a invenção da fotografia, — dos vídeos, filmes até as redes sociais — ela borra as categorias do “real” e do “representacional”. Assim, segundo Attwood, a pornografia on-line também representou um rompimento entre as fronteiras do público e do privado, tornando-a mais abrangente e potencialmente acessível a todos. Attwood defende que o desenvolvimento das mídias proporcionou o desenvolvimento de um novo tipo de sexo, aquele mediado pela tecnologia, o “sexo ciborgue” (ATTWOOD, 2009).

Em perspectiva semelhante, Paul B. Preciado (2018) ressalta que a invenção da fotografia foi crucial para a produção de “um novo sujeito sexual e de sua verdade sexual” (p. 121). Como Preciado destaca, embora a produção corporal já fosse representada anteriormente, é com a fotografia que ela ganha outra dimensão, visto que ela confere materialidade e realismo

ao corpo fotografado. Outrossim, a popularização dos smartphones²⁶ representou a facilidade de produção de conteúdo pornográfico. Preciado diz que para aqueles que possuem um corpo, acesso à internet e uma câmera, é possível criar uma página pornográfica e, assim, acessar o “cibermercado da indústria do sexo” (PRECIADO: 2018). O autor compreende que o modelo econômico atual tem como uma de suas características a produção de um corpo “autopornográfico”, possibilitando aos indivíduos independentes produzirem toda sorte de conteúdos eróticos, em contraposição ao monopólio da produção pornográfica de grandes empresas. Esse é um novo paradigma em que,

a indústria do sexo não só é o mercado mais rentável da internet: é também o modelo de rentabilidade máxima do mercado cibernético global — comparável à especulação financeira: investimento mínimo, venda direta do produto em tempo real e formato único, satisfação imediata para o consumidor. Cada portal da internet se configura e se organiza de acordo com esta lógica masturbatória de consumo pornográfico. Se os analistas financeiros que dirigem Google, eBay ou Facebook acompanham com atenção as flutuações do mercado ciberpornô é porque sabem que a indústria do sexo provê um modelo econômico do mercado cibernético como um todo. (PRECIADO, 2018: p. 42).

Compartilho da percepção de Preciado a respeito da promoção de um corpo “autopornográfico” entre as travestis. A produção desse corpo é fundamental e o princípio fundante do negócio é como uma boa prática comercial: não se paga por aquilo que não se vê. Com o início da pandemia de COVID-19, o “imperativo das imagens” (BELELI: 2015) tornou-se mais contundente e rentável. Dados produzidos pelo site Pornhub²⁷, no ano de 2020, evidenciaram o aumento da procura por conteúdos pornográficos com o decreto das medidas de isolamento social.

Assim, a venda de imagens, vídeos e práticas de excitação on-line tornou-se um negócio ainda mais lucrativo para as *T-Gatas*, que além das formas tradicionais de comercializar o sexo, puderam compor outras práticas a partir da internet. Desse modo, observa-se que os *sites* e as possíveis práticas que advêm deles proporcionam furtivas mediações entre aqueles que observam e aquelas que fazem excitar, atualizando as práticas que compõem a “indústria do

²⁶ De acordo com dados do IBGE, o celular é o principal meio pelo qual os brasileiros acessam a internet, tanto no meio rural como no urbano. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC), de 2018, evidenciou que 88,5% dos aparelhos tinham acesso à internet. Disponível em:

<https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2018/Analise_dos_resultados_TIC_2018.pdf>.

²⁷ Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/coronavirus-update-june-18>>.

sexo” (AUGUSTÍN: 2005) e tecem diferentes trânsitos que perfazem a trama do desejo, excitação e do erotismo entre os clientes e as travestis.

1.4. Navegando na rede, circulando na cidade

Como venho discutindo, o uso da internet proporcionou novas possibilidades de comercializar o sexo e outras esferas que compõem o universo erótico. Além disso, as interações mediadas por ela modificam a circulação das travestis e dos clientes pelas cidades. Os territórios de prostituição são espaços importantes na constituição da pessoa travesti, conforme demonstram Kulick (2008), Pelúcio (2005b) e Nascimento (2014). Diversas cidades do Brasil e do mundo possuem ruas, esquinas, avenidas, estabelecimentos conhecidos e marcados pela transição comercial do sexo.

Os territórios da prostituição são polissêmicos e muitos deles estão intrinsecamente ligados a lugares mais ricos das cidades em que há grande circulação de dinheiro, enquanto outros territórios estão em regiões mais empobrecidas das cidades. Porém, esses territórios tornam-se fortemente estigmatizados pelos fazeres que ali se realizam. Esses espaços urbanos que abrigam áreas de prostituição são caracterizados pelos fluxos de pessoas e pelos fazeres sexuais que ali se desenrolam e marcam um regime próprio de fazer cidade. A prostituição cria “zonas morais” (PERLONGHER, 1987) nos espaços urbanos, torna-se inscrita no DNA das cidades de modo que os espaços passam a ser essencializados como uma zona de prostituição. Essa condição se alastra para toda rede que se forma ao entorno e passa a integrar o negócio do sexo — como hotéis, motéis, bares e casas noturnas. Ainda que esses espaços não tenham sido pensados para a prostituição, desde que apropriados por ela, tornam-se parte da abjeção urbana que compõe o universo da prostituição. Nascimento (2014), refletindo sobre as cidades a partir do “universo trans feminino” em cidades do norte e nordeste do país, identifica uma rede urbana que integra o “universo trans”. Esses espaços são moldados pelas necessidades das travestis e mulheres transexuais que circulam entre praças, bares e boates e comercializam sexo,

essas cidades na e da fronteira podem ser pensadas, assim, como lugares estratégicos onde a circulação e a mobilidade se fazem presentes na constituição de uma certa urbanidade trans, que se faz justamente na impermanência e no movimento entre cidades, nas bordas urbanas. (NASCIMENTO, 2014: p. 12).

Para Gabriela Leite (2009), as trabalhadoras sexuais são o que poderia se chamar de “foras da lei sem ser”, isso porque apesar de não exercerem nenhuma atividade ilegal, são um dos grupos que mais sofrem com a repressão policial. Leite detalha como o fato de o trabalho sexual não figurar no código civil não impede que ele seja marginalizado e criminalizado em muitas medidas. Melissa Gira Grant (2014) descreve um cenário semelhante nos Estados Unidos, em que as trabalhadoras sexuais são fortemente alvo de forças policiais que atuam na sua criminalização e ajudam a criar mais estigmas e marginalização. Essa fato deve ser considerado quando analisamos a adoção das plataformas digitais como meios de trabalho, uma vez que todas essas formas de coibição do trabalho sexual atuam como repulsores desses corpos considerados inadequados para ocupar esses espaços e não deixam de ser formas de higienização social.

Nas grandes cidades e metrópoles, as ruas e avenidas que são *pistas* para o trabalho sexual passam a ser lugares evitáveis e indesejáveis, mesmo aqueles que estão localizados em bairros de prestígio social, como o próprio bairro do Butantã. Em sua etnografia sobre a “prostituição viril” em São Paulo, Néstor Perlongher (1986) reconhece que as áreas em que coexistem a prostituição não são marcadas apenas pelas profissionais do sexo que ocupam o espaço, “as áreas de prostituição são focos aglutinadores do chamado ‘submundo da noite’” (p. 66). Uma das regras de ouro que mediam as relações nas transações sexuais é o sigilo. A esmagadora maioria dos clientes das travestis busca seus serviços e não quer ser reconhecida como consumidora do trabalho sexual e como apreciadora da corporalidade travesti. Ainda que não seja a realidade de toda a clientela das profissionais do sexo, ter um carro para circular entre os territórios de prostituição e permanecer ignoto é desejável.

Não é incomum, segundo as travestis que conheci no Butantã, que os clientes se desloquem dos locais que moram para diferentes extremos da cidade com a intenção de contratar seus serviços. O distanciamento dos locais familiares deve-se ao temor de ser reconhecido no momento da negociação nas ruas da cidade. Nesse sentido, quanto mais longe de casa estiver, mais seguro é para realizar os desejos secretos. As zonas de prostituição marcam os indivíduos, não apenas as trabalhadoras sexuais. Os clientes que circulam para diversos lugares da cidade em busca do prazer também são marcados por esses locais.

Com a mediação dos sites, tanto os clientes quanto as *T-Gatas* têm a possibilidade de não ficar à deriva pelas cidades em busca de sexo, eles se deslocam com um destino previamente determinado. Diferentemente do que ocorre com a prostituição de rua, as travestis

disponibilizam locais próprios para fazer o programa e, quando não o possuem, combinam previamente com o negociante o local de encontro. No site Vermelho, em que a premissa é que as travestis possuam as próprias locações para trabalhar, elas disponibilizam para os usuários o nome do bairro em que fazem seus atendimentos, por exemplo.

Ao longo da pesquisa, foram catalogados e analisados 125 perfis e apenas quatro deles não especificaram o bairro ou cidade de atendimento. Outras cinco delas estão localizadas em Portugal, sendo essa a única informação sobre sua localização. A tabela abaixo apresenta as localidades citadas nos perfis das *acompanhantes*. Algumas dessas localidades citadas fazem referência apenas à cidade em que estão localizadas, como Rio de Janeiro, Salvador, Florianópolis, Recife, Osasco e São Paulo, dando uma noção mais ampla ao usuário dos locais que atendem. Mais da metade dos perfis investigados, 64 deles, citam que estão localizados em bairros da cidade de São Paulo, como Bela Vista, Consolação, Moema, Jardins, Vila Nova Conceição e Vila Olímpia.

Tabela 1 –Locais de atendimento²⁸

Locais	Número de vezes que o local é citado
ABC Paulista	1
Av. Indianópolis	1
Avenida Paulista	1
Barra Funda	1
Bela Cintra	1
Bela Vista	13
Belo Horizonte	1
Brooklin	1
Brooklin Novo	1
Campo Belo	1
Centro	1
Centro/RJ	1
Cidade Monções/SP	1
Consolação	6
Copacabana	1
Florianópolis	1
Fortaleza	1
Frei Caneca	2
Itaim Bibi	2
Jardins	6
Jundiaí	1
Lapa/RJ	1
Liberdade	1
Moema	12
Mooça	1

²⁸ Fonte: elaborada pela autora, ano 2023.

Nova Iguaçu	1
Osasco	2
Paraíso	1
Porto Alegre	1
Portugal	5
Praia Grande	2
Recife	2
República	4
Rio de Janeiro	3
Salvador	1
Santa Cecília	1
Santo André	5
São José dos Campos	1
São Paulo	14
São Vicente/SP	1
Sem dados	4
Sorocaba	1
Uberlândia	1
Vila Mariana	4
Vila Nova Conceição	5
Vila Olímpia	6

Em relação à cidade de São Paulo, os bairros localizados em áreas famosas de prostituição, como a região do centro da cidade, como República, Avenida Indianópolis e o Butantã, são os locais menos citados pelas travestis. Observa-se que os lugares de atendimento das travestis estão localizados em bairros com boa infraestrutura e, geralmente, ocupados por pessoas de classe média (CALDEIRA, 2000). Com toda a negociação sexual ocorrendo pela internet, esses clientes vão diretamente para o local combinado sem que ninguém saiba que a busca por sexo está mobilizando o deslocamento. Ademais, as travestis sempre destacam que os locais são prédios ou casas discretos. No caso dos prédios, é comum que sinalizem a ausência de porteiro ou controladores de acesso, ou seja, não há ninguém para ver ou constatar a identidade de quem circula nas dependências do local e quebrar o sigilo, tão fundamental para os clientes.

Ocupar territórios diferentes daqueles marcadamente como zona de prostituição é uma forma de marcar diferença em relação aos estigmas que esses locais carregam e afastar-se geograficamente da abjeção contida neles. De acordo com Teresa Caldeira (2000), o espaço urbano é organizado de acordo com regras e padrões de diferenciação e de separação. Segundo ela, “essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade.” (p. 221). Não se pode obliterar a dimensão simbólica de habitar em lugares reconhecidos como bons bairro e de alto padrão, trata-se de uma forma de reforçar uma ideia de tranquilidade e

segurança. Contudo, não deixa de ser uma maneira de marcar determinada posição de classe e marcar diferença em relação a outro tipo de profissionais do sexo.

É importante considerar que o uso da internet, de aparatos tecnológicos e dos meios digitais não é acessível para todos os indivíduos por diferentes motivos, bem como o habitar em bairros cujos preços do metro quadrado são dos mais elevados da cidade, como no caso do bairro Vila Nova Conceição²⁹. Essas marcas de classe passam a ser inscritas no corpo e exercem alteridade em relação às demais. Pierre Bourdieu (1983) evidencia que as diferentes posições sociais são traduzidas em estilos de vida que retratam simbolicamente diferenças que são inscritas nos indivíduos. Como demonstrarei no próximo capítulo, a diferença é essencial na construção dos perfis das *T-Gatas*. Sendo assim, habitar e trabalhar em áreas reconhecidas como zonas nobres ou de alto padrão é parte da construção de classe, remete ao poder e ao luxo, é possuir classe. Todos esses sinais são inscritos na persona e na corporalidade travesti, compõem o exercício da diferença e ajudam a construir uma ideia de diferenciação, inscrita na pele, no corpo e no jeito de ser.

²⁹ De acordo com dados do site Valor Econômico, o bairro Vila Nova Conceição possui o metro quadrado mais caro da cidade, chegando a custar R\$ 16.197 por metro quadrado, os bairros Vila Olímpia e Jardim Europa também aparecem na lista. Referência disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/05/10/conheca-os-10-bairros-mais-caros-de-sao-paulo.ghtml>>.

CAPÍTULO 2

“Eu sou diferenciada”: as acompanhantes por elas mesmas

2.1. O gênero da deusa

Qual seria a definição mais acurada para o gênero travesti? Provavelmente, essa é uma das perguntas mais difíceis de serem respondidas e pode assumir usos polissêmicos e distintos. Muitos teóricos dos estudos de gênero empreenderam esforços para elaborar uma definição que fosse adequada à experiência corporal e de gênero das travestis. Como dito anteriormente, pode-se dizer que “travesti” refere-se àquela cuja experiência corporal e social é guiada pela construção e reconhecimento de uma corporalidade marcada por signos ditos como femininos. No entanto, para além dessa tentativa de definição mais conceitual e convencional, é possível identificar que o ser travesti não abarca uma única definição, apontando para a multiplicidade contida na existência travesti.

Comentando sobre a identidade travesti, Benedetti (2005) evidencia que “as múltiplas diferenças e particularidades vivenciadas pelas pessoas nesse universo social não podem ser reduzidas a categorias ou classificações unificadoras, pois estas, ao tornar equivalentes de mundo e identidades às vezes até antagônicas, podem ser arbitrárias”. (p. 17). Nesse sentido, Benedetti opta por não oferecer uma definição categórica sobre o que é ser travesti, ao invés disso, ele sinaliza sua preferência pela adoção do termo “universo trans”, que, segundo ele, pode ser entendido como “um domínio social no que tange à questão das (auto)identificações. Muitas são categorias nativas que definem e classificam as pessoas, hábitos, práticas, valores e lógicas como pertencentes a esse domínio” (Id. Loc. Cit).

Os usos das categorias “trans” e “travesti” constantemente aparecem entrelaçadas, tanto na literatura antropológica sobre o tema quanto no uso que as *acompanhantes* fazem nos sites. Embora muitos dos endereços eletrônicos contenham em seu título que se trata de um site de acompanhante travesti, o uso das categorias que elas mobilizam em suas autodescrições são múltiplas. Nesses contextos, “trans” e “travesti” operam quase como sinônimos e cada acompanhante os utiliza de acordo com a própria compreensão do que se referem. Parte das

discussões envolvidas na tentativa de diferenciação entre a transexualidade e a travestilidade recorrem ao debate médico. Há quem compreenda que a diferença entre ambas as identidades de gênero está centralizada no desejo das pessoas transexuais de realizar a cirurgia de transgenitalização. Em contraposição, as travestis seriam aquelas que experienciam algum grau de transformação corporal, porém, não recorrem necessariamente à cirurgia de redesignação sexual na construção de um “corpo feminino”.

Em sua pesquisa etnográfica com um grupo de pessoas transexuais, o antropólogo Bruno Barbosa (2010) pôde verificar que para seus interlocutores, a cirurgia de transgenitalização é um ponto crucial na diferenciação entre transexuais e travestis. Barbosa evidencia que essa diferenciação é baseada em argumentos médico-psiquiátricos que remontam ao próprio conceito de “transexualismo”, elaborado pelo sexólogo Harry Benjamin na década de 1950. Para Benjamin, a diferenciação básica entre travestis e transexuais é que as primeiras se sentiriam bem e podiam obter prazer com a genitália com a qual nasceram, enquanto as pessoas transexuais sentiam a necessidade de realizar a cirurgia de transgenitalização para atingir o pleno conforto com seu corpo (BARBOSA, 2010). Argumentos como os propostos por Benjamin ainda são bastante reivindicados por diversas entidades sociais, indicando a complexidade da discussão e que estamos longe de um consenso sobre ela.

Além de argumentos médicos, é preciso considerar que há outros critérios morais que operam nas diferenciações entre as categorias “travestis” e “transexuais”. Jorge Leite Júnior (2008) evidencia os esforços clínicos em nomear distintamente essas categorias. Contudo, ele também destaca o fato da identidade travesti ter emergido da noção de trânsito entre gêneros, conferindo a ela certa indefinição e ambiguidade — terreno fértil para criação de diferentes tipos de marginalidades associadas à figura travesti. Leite Júnior aponta que, nesse processo, foram atribuídas à identidade travesti noções de periculosidade, imputadas até então ao que era denominado de “perverso sexual” (p. 190).

Nesse sentido, Leite Júnior demonstra como o discurso médico colabora para a produção de entendimentos sociais bastante distintos sobre ambas as categorias, embora frequentemente as duas sejam alocadas no campo patológico, a forma como são descritas confere entendimentos diferentes sobre elas. Leite Júnior mostra que o CID-10³⁰ define a identidade travesti como “travestismo” e “envolve excitação sexual intensa e recorrente com o

³⁰ Cabe lembrar que atualmente está em vigor a CID-11, implementada em janeiro de 2011. Para ver mais sobre o tema, acessar o site a seguir: <https://bvsmis.saude.gov.br/classificacao-internacional-de-doencas-passa-pela-11a-revisao-e-entra-em-vigor-em-janeiro-de-2022/>

uso de roupas do sexo oposto, que pode se manifestar como fantasias, impulsos ou comportamentos”³¹. Essa definição relaciona fortemente a identidade de gênero à atividade sexual e uso de vestimentas consideradas como do “sexo oposto”. Já a definição de transexualidade, segundo Leite Júnior, “está centrada no sofrimento, mal-estar e desconforto, estando o tema do prazer totalmente ausente do diagnóstico” (LEITE JÚNIOR, 2008: p. 192).

Fora da esfera clínica, frequentemente, a imagem da travesti é construída com base em discursos policiais e televisivos que as definem como indivíduos ambíguos, envolvidas em polêmicas, casos de roubos e diferentes tipos de violência. O notório caso do jogador de futebol Ronaldo Nazário é um exemplo cabal disso. Em 2008, ele se envolveu em uma polêmica amplamente noticiada ao contratar o serviço sexual de travestis e não pagar o valor acordado com elas. O jogador foi alvo de chacotas e inúmeros questionamentos por ter contratado os serviços sexuais de travestis — não por ter deixado de cumprir sua parte no acordo —, tendo sua sexualidade amplamente questionada.

De modo semelhante, alguns quadros do extinto programa televisivo Pânico na TV, elaboravam pegadinhas em que homens eram conduzidos a beijar travestis sem saber de sua real identidade de gênero e essa era a jocosidade envolvida na ação, o homem achar que se tratava de uma mulher cisgênera e descobrir, após o beijo, que se tratava de uma travesti. Um exemplo disso foi o caso de um argentino incitado a beijar uma travesti como forma de vingança contra o país, considerado rival do Brasil. A visão de mundo propagada por esse programa é a de que se relacionar amorosamente ou fisicamente com travestis é um demérito e, portanto, uma forma de punição a ser aplicada. Além dos casos citados, são inúmeras as reportagens jornalísticas que apontam casos de roubos, furtos e agressões de travestis, descritas como agentes criminosas.

Por outro lado, a identidade transexual está presente no debate público de maneira menos estigmatizada, como em debates relacionados às discussões sobre identidade de gênero e luta por direitos. De acordo com Leite Júnior, para adquirir legitimidade própria, a identidade transexual teve que se descolar de outras categorias, como a travesti: “no Brasil, esta distinção tornou-se ainda mais acentuada pelo fato de o termo “travesti” estar associado historicamente ao imaginário do desregramento sexual e ao universo da prostituição” (LEITE JÚNIOR, 2008: p. 209). É importante ressaltar que não pretendo sugerir que um grupo possua vantagens sobre

³¹ Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiQUI% C3% A1 tricos/transtornos-paraf% C3% ADlicos/transtorno-transv% C3% A9stico> >

outro ou que sofra menos com a violência, basta lembrar que o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo.³² A intenção aqui é discutir como o uso dessas categorias também possuem variações, hierarquias e refletir sobre as intencionalidades envolvidas nos discursos elaborados pelos atores sociais e como elas também enunciam determinadas categorias morais.

Ainda que, no imaginário popular, os termos “travestis” e “transexuais” sejam associados a variados termos estigmatizados e, quase sempre, associados à prostituição — com valor semântico negativo —, os seus usos buscam atenuar os preconceitos que estão incrustados neles. As profissionais do sexo, a priori, estão imbuídas de diversos estigmas, uma vez que a prostituição enquanto uma atividade laboral é vista socialmente como uma forma de degradação moral. As pessoas que estão envolvidas nela buscam abrandar os prejuízos da atividade e a escolha de termos e de auto atribuição de gênero perpassa por essas questões. Desse modo, mesmo que muitos sites se reconheçam como um sítio destinado ao anúncio de programas de travestis, o uso dessa categoria passa longe de ser unânime. Entre as *T-Gatas* dos sites que acompanhei, os usos dessas categorias são variados. Contudo, nesta dissertação, prezo pelo emprego do uso do termo “travesti” por entender que ele é um ato político, principalmente por conceber que é necessário a desconstrução da categoria “travesti” como algo semanticamente negativo.

Independente das categorias que as *T-Gatas* reivindicam para si para mencionar o próprio gênero, o prazer sexual e o bom uso da própria genitália são sempre um serviço garantido e associado a ele. Os usos, as qualificações e descrições do próprio gênero costumam vir acompanhados de adjetivos que ressaltam uma feminilidade e outras características reconhecidas como características pertencentes ao gênero feminino, como evidenciam os trechos dos perfis de três *T-Gatas* diferentes:

Autodescrição 1³³

“[...] ...se você ama uma trans estilo cavalona e super feminina está no lugar certo!!”

Perfil de Anaka

Autodescrição 2

³² De acordo com dados divulgados pelas Nações Unidas no Brasil. <<https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-%C3%A9-o-pa%C3%ADs-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relat%C3%B3rio-da>>.

³³ Os trechos das descrições foram reproduzidos conforme disponibilizadas pelas *T-Gatas*, optei por não fazer correções de escrita, apenas modifiquei os nomes das acompanhantes citadas nos relatos. Todas as autodescrições reproduzidas aqui são parte dos registros do caderno de campo.

“[...]tenho documentos com gênero e nome alterados, então sem constrangimentos na portaria de flats, prédios ou motéis, *super feminina*”

Perfil de Diana

Autodescrição 03

“[...] Não tomo hormônios e isto me deixa 100% viril e com muito tesão.”

Perfil de Freya

Anaka e Diana destacam que são *super femininas*, reivindicam essa característica juntamente com as suas próprias definições de gênero. Anaka é uma *T-Gata* de pele branca e longos cabelos loiros, seu corpo é bastante curvilíneo, muitas fotos destacam seu abdômen definido, seus ombros são pequenos e tem quadril e pernas avantajados. O quadril ganha destaque devido às suas nádegas acentuadas e arredondadas, assim como seus seios, que são voluptuosos e avantajados. Seu rosto é pequeno e oval, com olhos agateados e nariz com um contorno fino e alongado — julgo que adquiriu essa forma através de intervenção cirúrgica; além de lábios volumosos, que ganham destaque em seu rosto. Anaka possui diversas tatuagens pelo seu corpo, desenhos de rosas e borboletas. Por sua vez, Diana possui pele branca e longos cabelos pretos, seus olhos são levemente puxados e as sobrancelhas arqueadas e pretas ganham destaque em seu rosto. Assim como Anaka, Diana similarmente possui um corpo marcado pelas curvas, com quadril, nádegas e seios proeminentes; as tatuagens também se destacam em diferentes partes do corpo.

Apesar de serem bastante diferentes e de não terem fisionomias que se assemelham, tanto Anaka quanto Diana usam o adjetivo *super feminina* para demarcar que possuem as características corporais socialmente desejáveis quando se trata de feminilidade — ainda que ser *feminina* possa representar múltiplas características diferentes, ambas as *T-Gatas* partilham o entendimento de que possuem esses atributos. Como ressalta Teresa De Laurentis (1994), as definições de gênero baseadas na diferença sexual se relacionam, sobretudo, com as diferenças entre “homem” e “mulher”, na qual “‘diferenças sexuais’ derivadas não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos (e a ênfase aqui é menos no sexual e mais nas diferenças como ‘différance’), acabam sendo, em última análise, uma diferença (da mulher) em relação ao homem — ou seja, a própria diferença no homem.” (p. 207).

A categoria “gênero” também possui efeitos discursivos; se a interpretarmos como diferença, essa característica marca diferença em relação a outros tipos de feminino. Nesse sentido, segundo a antropóloga Larissa Pelúcio (2005c), as travestis são marcadas pelo desejo de um corpo que esteja alinhado à “perfeição”, intimamente relacionado com “passar por

mulher” (p. 98). Nesse sentido, Benedetti (2005) sugere que, para as travestis, utilizar características corporais é relevante no esquema de diferenciação dos gêneros” (p. 58). Nota-se que não é qualquer gênero que está sendo reivindicado, é um gênero corporificado e embasado em um padrão de feminilidade reconhecido como desejado, ele excede o feminino. Ou seja, percebe-se que o entendimento de gênero partilhado encontra intersecção na corporalidade dita feminina, o gênero está no corpo. Dentro dos campos dicotômicos que pretendem definir gênero, existem inúmeras hierarquias que classificam o que é reconhecido como mais ou menos feminino e quais signos esse corpo deve assumir. No final dos anos 1980, Joan Scott já evidenciava que gênero é uma classificação social imposta sobre uma corporalidade e nos ajuda a compreender o que é socialmente atribuído aos universos feminino e masculino. Segundo a autora,

O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. [...]. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT: 1989, p. 7).

O relato de Diana também expressa dimensões interessantes quanto à dimensão formal do gênero. Segundo ela, a retificação do gênero e nome em seus documentos seria uma garantia de não constrangimentos para aqueles que contratarem seus serviços, uma vez que seria possível circular por diferentes ambientes sem que haja discordâncias entre o corpo, aparência, nome de registro e gênero atribuído ao nascer, ou seja, sem que ninguém soubesse que se trata de uma travesti. Mesmo que esteja explícito para qualquer observador e ela se reconheça como travesti, a passabilidade³⁴ é um elemento importante dessa relação de produção de gênero. O uso de determinadas categorias por sujeitos marcados pelo gênero atua na produção desses indivíduos e é parte do processo de autoconstrução enquanto agentes sociais (MOORE: 2000). A produção de um corpo que carrega signos considerados femininos também possibilita um trânsito sem constrangimentos. Um apurado grau de transformações e incorporações de signos socialmente femininos é a vivência em todos os âmbitos — sem questionamentos externos — do ser mulher. Como os sites destinam-se aos negócios, poder assumir sua identidade feminina sem constrangimentos pode ser um fator agregador de lucro, haja vista que os clientes desejam

³⁴ É uma expressão utilizada para referir-se à possibilidade de um indivíduo ser lido socialmente como pertencente ao gênero assumido, sem que seja reconhecido como uma pessoa transexual ou travesti.

sigilo. Portanto, circular com uma travesti sem que ela seja identificada como tal pode ser diferencial para muitos deles.

Por outro lado, a autodescrição de Freya evidencia uma outra dimensão de gênero que é construída pelas *T-Gatas*. Grande parte das travestis que experienciam algum grau de transformação corporal faz uso de hormônios. Através da hormonioterapia, seja ela caseira ou acompanhada por um profissional da saúde, muitas pessoas trans conseguem promover transformações corporais que aproximam a corporalidade da identidade de gênero com a qual se identificam. Muitas *acompanhantes* associam, em suas autodescrições, o uso de hormônios a um desempenho sexual não satisfatório. Elas alegam que o uso contínuo de doses hormonais impossibilita uma ereção adequada e capaz de atender aos desejos dos parceiros com quem se relacionam. Nesse sentido, o uso ou não de hormônios também é um fator atuante na construção do discurso sobre o gênero. Neste nicho do mercado do sexo, como discutirei mais adiante, a potência sexual é algo almejado e lucrativo. Como o objetivo é o ganho econômico, os entraves no desempenho sexual podem se tornar uma questão para o exercício da atividade laboral. Ser uma travesti *feminina* e não recorrer ao uso de hormônios sintéticos é descrito como um diferencial.

Para Preciado (2018), é possível dizer que vivemos em tempos marcados pelo regime “farmacopornográfico”, que se refere “aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô-) da subjetividade sexual, dos quais a pílula e a playboy são dois resultados paradigmáticos” (p. 36). Em sua análise, Preciado aponta que o surgimento da categoria gênero representou um marco importante para o regime farmopornográfico, pois ele simboliza seu advento, haja vista que a noção de gênero integra o discurso biotecnológico. Nesse sentido, Preciado evidencia que, enquanto a sociedade disciplinar do século XIX considerava o “sexo” como algo definitivo e invariável, no regime farmacopornográfico, o gênero “parece ser sintético, maleável, variável, aberto à transformação e imitável, assim como possível de ser tecnicamente produzido e reproduzido” (PRECIADO: 2018, p. 116). Desse modo, não é possível pensar em uma definição fixa e fechada sobre como as *acompanhantes* produzem o próprio gênero e o que é ser travesti; essa auto fabricação do próprio corpo e da identidade de gênero perpassa diferentes processos, que podem ser tão únicos como podem ser compartilhados, uma vez que “sob a aparente neutralidade e universalidade do termo ‘mulher’, esconde-se uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividade: sexo, raça, classe, sexualidade, idade, capacidade, diferenças geopolíticas e corporais etc.” (Id. Loc: p. 118).

Dentro dessa multiplicidade de fazer gênero que as *acompanhantes* autodescrevem em seus perfis, há também o uso de termos como *menina mulher*, *menina*, *boneca*, *bonequinha* e *feminina*. O uso dessas categorias é interessante e aponta para algumas representações acerca do entendimento do que é ser mulher. No universo de significação do senso comum, existem algumas características que compõem o termo genérico “mulher”; pode-se pensar em determinadas qualidades, atributos e aspectos que uma mulher deveria ser ou representar. O uso do termo *menina mulher*, por exemplo, remete à uma docilidade e um jeito de menina, a conservação de certa jovialidade e ao mesmo tempo atitudes e comportamentos de uma mulher adulta, que já atingiu a maturidade. Esse tipo de denominação demonstra que a construção de gênero também inclui outros aspectos além daqueles corporais; o comportamental também constitui gênero, ser mulher é agir a partir do que se entende como tal.

O adjetivo *menina* atua de modo semelhante, evidencia certa aparência e determinado ethos, ou seja, comportamentos que conformam a identidade, formas de agir e de conformar a própria aparência, se portar, posar para fotografias, entre outros aspectos. É o caso de *acompanhantes* que constroem a própria feminilidade em torno da figura da *ninfeta* ou da *lolita*. *Ninfeta* e *Lolita* são construções de gênero que compõem um modo de ser e agir no mundo, trata-se de uma sensualidade desintencionada, embora ela seja vista e percebida por quem observa, despertando seu desejo. Butler (2018) recorda que o gênero não é uma categoria estável, trata-se de uma identidade construída no tempo e que se constitui por uma repetição de determinados atos. De acordo com ela,

nesse sentido, o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença. Se o fundamento da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos no tempo, e não uma identidade aparentemente homogênea, existem possibilidades de transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo (BUTLER: 2018, p.3).

A filósofa destaca que gênero é um conceito constituído, construído e realizado, é um ato performativo. Butler descreve como os indivíduos, por meio de seus atos, gestos e

encenações de diferentes ordens, constroem uma identidade “generificada”. Por isso, Butler fala em gênero como “performatividade”, uma vez que ele é apreendido e reproduzido de maneiras específicas e não se trata, portanto, de nenhuma característica inata ou “biológica”. Trata-se de um agrupamento de características que se constroem por meio de ações reiteradas constantemente e que são corroboradas por meio de um acordo social subjacente que sustenta essa confecção de gêneros. Ademais, Butler aponta que as fabricações performativas de gênero auxiliam na manutenção da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Aproximando essas noções expostas pela filósofa à realidade dos sites de acompanhantes, é possível refletir como a produção de um discurso sobre o gênero e a sua produção ancorada em signos corpóreos hiper femininos também pode significar uma maior rentabilidade e sucesso na atividade laboral. Uma produção de gênero mais acurada em relação ao que é reconhecido como mulher é valorativa por tratar-se de uma *quase mulher*.

Segundo Gayle Rubin (2018) podemos falar em um “sistema sexo/gênero” para referir-se aos “arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (p. 11). Dentro desse “sistema sexo/gênero”, existem domínios do desejado e do indesejado, do permitido e do rechaçado, que afetam diretamente o exercício da sexualidade, pois a sexualidade é alocada como “má” ou “boa”. Rubin descreve que dentro do campo da “má sexualidade” está o sexo comercial, fora do casamento, promíscuo e homossexual. Considerando essas características, contratar os serviços sexuais das *T-Gatas* pode ser para alguns uma prática não ideal de sexualidade e moralmente condenável.

Desse modo, realizá-lo com uma acompanhante que possui menor grau de transformação corporal e adequação ao feminino desejado, juntamente com a presença do pênis, pode ser um lembrete não oportuno do masculino. Do mesmo modo, possuir um corpo hiper feminilizado de acordo com o gênero esperado torna a atividade sexual mais normativa. Nessa relação com uma travesti que é *quase uma mulher*, a corporalidade, a construção de gênero efetivada e performada por elas podem operar como um indulto relacional. Há apenas um lembrete de que não se trata de uma *mulher de verdade*: o pênis. Portanto, a construção de gênero reivindicada para si e o modo como ele é operacionalizado corporalmente pode ser um disparador de desejo para quem acessa as plataformas de anúncio. Para muitas travestis esse é justamente seu diferencial: ser uma mulher *com algo a mais*. Dentro desse universo de

significação, isso corresponde a ser uma mulher fálica, altamente feminina e capaz de fazer transcender através do pênis, ou seja, ser simplesmente travesti.

2.2. *A polissemia do corpo*

Para o antropólogo David Le Breton (2011), é possível dizer que “a existência do homem é corporal” (p. 7). Segundo ele, o corpo é o centro da ação social e coletiva, além de ser o centro do simbolismo social. É através do corpo que estamos e agimos no mundo e nos espaços que integramos; desse modo, a produção do corpo e o discurso que elaboramos sobre ele são importantes para o entendimento das subjetividades e da coletividade que integram a corporalidade dos indivíduos. O corpo e o que é dito sobre ele, são elementos muito importantes das autodescrições que as *T-Gatas* elaboram em seus perfis. É comum descreverem o próprio corpo em suas variadas dimensões e todos os detalhes que o compõem. As imagens e outras produções imagéticas ajudam a construir esse corpo que não é palpável para o observador e precisam informar quais são as características que o compõem. São reconhecíveis algumas características corporais compartilhadas entre elas; é notável que as técnicas para descrever o próprio corpo e suas características seguem um modelo compartilhado, observável na maioria dos perfis disponíveis nos sites investigados.

As características corporais estão associadas de modo a erigir um relato erótico, um formato de corpo, uma tonalidade de cabelo, a racialidade e, portanto, não são simples características físicas, elas assumem conotações sexuais. Elas demonstram como uma particularidade corpórea pode assumir uma nova disposição no “mercado do sexo”, um atributo físico pode endossar o serviço que é descrito e oferecido. Elas constroem as autodescrições a partir de “técnicas do corpo”, as formas pelas quais os indivíduos aprendem a utilizar-se do próprio corpo. O corpo seria o instrumento mais elementar dos seres humanos, aprendemos a lidar com ele e como dispor dele,

nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com técnicas do corpo. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos" desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (MAUSS, 2018: p. 407).

É cabível refletir que cada grupo social possui uma forma de utilizar-se do próprio corpo, a depender de cada contexto histórico-social e de marcadores como gênero, sexualidade,

racialidade, classe, além de outras marcas que classificam os corpos de todos os indivíduos nos espaços que habitam. Assim, dentro do “mercado do sexo”, também existem “técnicas do corpo” elaboradas pelos sujeitos para adaptar-se às condições que a atividade exige. Saber dispor do próprio corpo e dos atributos que o compõem é ainda mais imperativo para as *acompanhantes*, justamente pelo fato da corporalidade não ser algo palpável e estar sujeita a alterações e intervenções de diversas ordens. Além disso, aprender a dispor do próprio corpo é intrínseco ao negócio, é torná-lo mais desejável, interessante e instigante para atrair toda sorte de olhares e despertar desejos. O corpo é a matéria-prima das trabalhadoras sexuais e, no caso das *acompanhantes*, é preciso elaborá-lo e tecê-lo da melhor maneira possível.

A racialidade é um elemento importante e notável nessa tecitura descritiva da própria corporalidade. Não são todos os perfis que marcam essa categoria na descrição, contudo, para aqueles que a utilizam, ela é um dado importante. Usualmente, a racialidade é um inaugurador da autodescrição e opera como um adjetivo qualificador, isto é, ele reitera algum atributo que é reconhecido como desejável. Quando o marcador de racialidade está presente, ele não é usado de uma única forma ou de modo homogêneo e, na maioria das vezes, não segue a lógica de classificações étnico-raciais de órgãos oficiais como o IBGE. Nesse contexto, a racialidade é posta em jogo, aliada a outras qualidades edificadoras da própria persona, e ajuda a construir a imagem de uma mulher sensual e atraente. A descrição de Aurora³⁵, reproduzida abaixo, demonstra os usos interessantes da racialidade e como ela ajuda a construir um corpo desejável que vale a pena conhecer.

Autodescrição 4

Olá me chamo Aurora, tudo bem, minhas delícias? Eu sou essa moreninha linda, sempre bem-humorada, simpática, de carinha delicada e corpo de babar. Tenho uma pele cor de canela e umas curvas sinuosas pra você se perder de prazer. Dá uma olhada nesse rabo gostoso! E meu *dote*, hein? Ficou interessado, então me liga pra gente combinar essa experiência inesquecível de puro prazer, uma morena linda, feminina, cheirosa, gentil e bem tarada. Tenho um membro delicioso, que está sempre pronto pra entrar na dança, bem durinho, grosso e com 20cm de prazer. E tem mais, adora jorrar um leitinho bem quente e em quantidade. Se você quer me dar seu cuzinho, eu vou te comer bem gostoso, bem fundo, te mostro o que é um pau com tesão e você vai delirar. Ah, se você quiser comer o meu, também te prometo mais loucura, bem

³⁵ O relato da acompanhante foi reproduzido integralmente como está disponível no site em que foi colhido. Foram feitas alterações no nome da acompanhante e no usuário das redes sociais. A mesma lógica é seguida nos outros relatos reproduzidos ao longo da dissertação.

quente, passiva e feminina. Vem matar essa vontade e transformar seus sonhos mais depravados em realidade. Tenho um local bem discreto e confortável, ou podemos marcar num motel ou hotel. Atendo 24h por dia e aceito cartões.

Perfil de Aurora.

Aurora inicia sua apresentação nomeando-se como *moreninha*, acompanhado de outros adjetivos como *linda*, *simpática* e *carinha delicada*. O uso desse último adjetivo é bastante interessante considerando o desejo travesti por uma corporalidade com características alocadas dentro do espectro feminino. Além disso, variações do termo *moreninha*, como *morena* e *pele cor de canela*, são empregadas amiúde no processo de autodescrição. Schwarcz (2012) aponta que, no caso brasileiro, há um sistema classificatório que não é capaz de dar conta de todas as definições raciais existentes no país e, desse modo, criam-se diferentes termos para dar conta do que escapa desse sistema. Esse contrassenso, segundo ela, faz parte de um modelo brasileiro de negação do conflito.

Os censos demográficos são exemplos disso, haja vista que, por diversas vezes, os dados sobre raça foram ocultados do recenseamento, como uma forma de apagamento do conflito étnico racial existente no país e de não o reconhecer como não-branco. O recenseamento de 1980, por exemplo, restringiu-se a categoria étnico racial a quatro grupos; segundo Schwarcz, foi agrupado na categoria “pardo” as variações de categorias raciais como “mulatos, mestiços, índios, caboclos, mamelucos, cafuzos, etc” (p. 97). Schwarcz evidencia o surgimento da categoria “pardo” como um termo polivalente, usado para encaixar todas as racialidades indeterminadas.

Refletindo sobre isso, pode-se perceber uma tendência contrária ao se observar a história oficial dos censos. Ao invés de enquadrar a própria racialidade em uma categoria estanque e pré-definida, observa-se — não apenas entre as *acompanhantes* — uma definição que pretende definir quase que exatamente a própria cor. Como resultado dessa indefinição racial que existe na sociedade brasileira, traços fenotípicos e certos traços físicos são usados também como um definidor racial. O desejo de descrever a própria racialidade de modo didático e preciso — como o uso do adjetivo *clarinha* —, segundo Schwarcz, evidencia como, no Brasil, a racialidade é mesmo uma “marca física” (p. 102). O uso de cores simboliza uma forma privilegiada de linguagem, segundo ela, e reverbera nos âmbitos social, econômico e cultural; nesse sentido, a definição de cor, seja sua ou de outrem, não é uma mera aleatoriedade, pois ela atua na

conformação de identidades (Id. Loc. Cit). Esse é um fator interessante e que auxilia na percepção de como as *acompanhantes* contam sobre a própria cor e racialidade.

A racialidade não é um dado aleatório ou dito por um acaso, é uma informação importante porque ajuda a construir a imagem de uma mulher sensual e capaz de proporcionar prazer a outros corpos. É um importante construtor da identidade, ainda que nem todas as *acompanhantes* façam uso dele, e, quando está presente, reifica a pessoa que se apresenta. A variedade de termos revela a intencionalidade em relação à imagem que se pretende construir e imputar a si mesma; o discurso sobre si é um dispositivo poderoso de atração e convencimento. De acordo com Foucault, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1999: 10). Schwarcz aponta para o fato que dizer que é “preto”, “branco”, “amarelo” não diz respeito apenas a cores, está se falando também de “relação”. Em diálogo com Victor Turner (2005), a autora evidencia que

há elementos essenciais a serem retirados da releitura das cores. [...]. Por outro lado, a essas experiências corporais corresponde uma percepção de poder, ou ao menos uma classificação de rótulo cromático. Afirma ainda que as cores representam experiências físicas intensificadas, assim como proporcionam uma espécie de classificação e nomeação primordial da realidade. Cores são, pois, sínteses e condensações das mais poderosas e gostaria de destacar o quanto se produz em cima dessas classificações. (SCHWARCZ, 2012: p. 48).

Se, conforme ela aponta, há uma relevância sobre as classificações baseadas em cores, as produções das travestis sobre as próprias identidades fornecem importantes classificações e nomeações sobre a realidade. Na tabela abaixo, é possível conferir os diferentes tipos de termos contabilizados e registrados. Essas informações são dos 125 perfis que analisei ao longo da pesquisa. Foi possível observar diferentes formas de relatar a própria racialidade; algumas buscam descrever precisamente qual sua cor e quais traços integram sua identidade racial. Alguns desses termos apareceram repetidas vezes, em diferentes perfis e em sites de endereços eletrônicos distintos, enquanto outras denominações foram registradas exclusivamente em um único perfil. Como é possível observar na tabela, em algumas linhas há duas categorias separadas por uma barra de espaço, essa é uma indicação de que a acompanhante utilizou mais de uma categoria para descrever a própria racialidade e etnia.

*Tabela 2 – Autoclassificação étnico-racial*³⁶

Autoclassificação étnico-racial	Quantidade de menções
Bem branquinha	1
Branca	6
Branquinha	14
Branquinha/Branquinha de neve	1
Branquinha/rosada	1
Branquinha/Rosadinha	1
Bronzeada	6
Bunda bronzeada	1
Clara	1
Clarinha	1
Cor de pele bronzeada	1
Cor do pecado	1
Doce morena banhada no mel	1
Índia	1
Índia manauara/ Morena jambo	1
Japôndia	1
Loira	2
Loiraça	1
Mestiça/pele clara	1
Mestiços	2
Morena	11
Morena bronzeada	3
Morena cacheada	1
Morena carismática	1
Morena clara	4
Morena clara bronzeada	1
Morena clara macia	1
Morena da cor do pecado	2
Morena de luxo	2
Morena de pele branca	1
Morena natural, pele bronzeada, da cor do pecado	1
Morena tatuada	1
Morena toda bronzeada	1
Morenaça	1
Moreninha	1
Moreninha/ pele cor de canela	1
Mulata	2
Mulata bronzeada	1
Mulatinha	1

³⁶Fonte: elaborada pela autora. Os termos reunidos acima foram reproduzidos tal qual estão descritos nos perfis das acompanhantes nos quatro sites que analisei ao longo da pesquisa.

Mulato/Morena Jambo	1
Negra (Pantera Negra)	1
Negra	4
Oriental	1
Oriental legítima	1
Pele branca	1
Pele bronzeada	3
Pele levemente bronzeada	1
Pele morena	1
Pele moreninha	1
Pele não tão clara pra ser considerada branca e nem tão escura pra ser considerada negra	1
Pele rosa	1
Pele super bronzeada	1
Preta	1
Ruiva Natural	1
Super bronzeada	1
Traços indígenas	1
Sem dados	20

Compreender as noções e os discursos acerca da racialidade sob a perspectiva da branquitude é um movimento importante na discussão sobre o tema, pois a desloca para o centro da questão, juntamente com os corpos tradicionalmente racializados. Analisando os dados contidos na tabela, vemos que a categoria *branquinha* é uma das mais utilizadas entre os perfis analisados, há 14 *acompanhantes* que se reconhecem como tal. Além disso, é possível notar algumas variações desses termos como *bem branquinha*, *branquinha neve*, *rosada*, *rosadinha*, *branca*, *clara* e *clarinha*. É interessante o esforço didático de descrever a própria cor e destacar a própria especificidade entre as demais. O uso do diminutivo para referir-se à própria racialidade é um dado interessante. Além de ser um recurso linguístico que denota afetividade, também denota certa “infantilização” e sujeição (GONZALEZ, 1984), além de conferir ênfase na característica que está sendo anunciada. Nesse caso, trata-se de uma brancura efetiva, aquela que não permite dúvidas ao observador.

Pelúcio (2005) observou uma tendência entre as travestis de orientar as mudanças corporais e estéticas em um esforço de tornar-se e ser reconhecida como uma mulher bela e desejável, geralmente, branca. Essa relação evidenciada por Pelúcio indica que, para certos grupos, há uma estética considerada aprazível, uma racialidade entendida como mais desejável e elas estão associadas à boa aparência. No caso da colonização brasileira, para garantir a espoliação colonial, segundo o sociólogo e político Alberto Guerreiro Ramos (1955), a minoria

descendente europeia não recorreu apenas ao uso da força e da violência, mas à criação de um sistema de estereótipos e ideal estético branco, que teve como resultado a associação de signos positivos à branquitude, ao passo que foi associado à negritude significados estéticos negativos.

Para o autor, isso resultou na não aceitação das raízes étnicas brasileiras e na valorização de uma branquitude ligada às raízes europeias, da qual nenhum brasileiro faz parte integralmente. Como consequência, Guerreiro Ramos compreendia que haveria no imaginário nacional uma tendência dos indivíduos se “branquearem”, reconhecendo-se e descrevendo-se como mais claros do que de fato seriam, “um desses processos de disfarces étnicos, que aquela minoria tem utilizado, é a tematização do negro. Ao tornar o negro como tema, elementos da camada ‘branca’ minoritária se tornam mais brancas, aproximando-se do seu arquétipo estético — que é europeu.” (p. 181).

Nesse sentido, o uso de categorias como *rosa* e *rosadinha* é emblemático e denota uma certa extrapolação do ideário racial. Ele indica o reconhecimento de uma racialidade que vai além de uma aparência que é apenas branca. Essas categorias apontam que estamos falando de um tom de pele que vai além do *branquinho*, ele transcende. O uso das categorias que hiper valorizam a branquitude também aponta para o exercício de alteridade que está sendo posto. Em muitos contextos, esses termos estão associados a outros adjetivos tidos como positivos, como *branquinha com rosto encantador* ou *branquinha de pele macia*. Além disso, não é incomum que as travestis destaquem que possuem as características de peitos, ânus e pênis rosados — tais caracteres apontam para uma corporalidade branca específica. Esses traços físicos são ressaltados muito positivamente por elas, como um aditivo enriquecedor e potencializador do desejo e da experiência sexual. Não é incomum que esses traços físicos sejam reconhecidos pelos próprios clientes como algo valorativo.

Lia Schumann (2012), ao abordar as hierarquias raciais existentes no contexto paulistano, identifica a existência de uma certa associação estética entre o que é considerado belo e a branquitude. Schuman ressalta que essa valorização não reflete apenas uma estética valorizada dentre tantas outras existentes em nossa sociedade, mas sim como aquela compreendida socialmente como o que é belo “de verdade”. Em oposição, cria-se categorizações de tudo aquilo que não se encaixa nesse grupo, ou seja, os indivíduos não-brancos. Desse modo, Schucman afirma que, no Brasil, a branquitude é orientada pelo sentimento de superioridade estética em relação aos demais grupos étnicos-raciais que compõem a sociedade. Esse é um ponto que a autora ressalta. O sentimento de superioridade

não aparece apenas em relação aos indivíduos negros, trata-se de uma contraposição em relação a todas as outras identidades raciais,

tanto esse traço de superioridade quanto o padrão de beleza de nossa cultura não é algo natural ou dado aos brancos. Mesmo assim, essa imagem de belo produz significados compartilhados, dos quais os sujeitos se apropriam, singularizam, produzem sentidos e atuam sobre eles de alguma forma reproduzindo-os ou contrapondo-os. (2012: p. 71).

Como efeito, conforme observa Schuman, esses diversos significados culturais compartilhados são incorporados no processo de constituição dos sujeitos. Sendo assim, “nesse movimento da constituição individual, os significados alheios tomam sentidos próprios” (p. 72). Outros atributos são aliados na construção desses significados, ajudam a erigir um sentido de branquitude e de uma estética tida como referência, aprazível e desejável. A alusão à boneca *Barbie*, por exemplo, é bastante comum entre os perfis. No perfil de Sunna, por exemplo, ela disponibilizada a seguinte descrição para seus clientes:

Autodescrição 5

Olá, queridos, muito prazer, me chamo Sunna, tenho 19 anos de idade, uma nova ninfetinha. sou essa travesti Barbie muito carinhosa e safadinha.

Venci 04 concursos de Miss inclusive o Nacional, o Nordeste e o Miss do meu Estado Sergipe.

Perfil de Sunna.

O adjetivo *Barbie* evidencia o intento de informar um tipo específico de corporalidade, que não deixa de pautar uma racialidade particular, além de informar determinado padrão estético — ainda mais se considerarmos que essa boneca é conhecida por sua pouca diversidade de cores, corpos e estilos, além de exaltar um padrão estético hegemonicamente branco. Não por acaso, ele aparece em perfis de travestis que se reconhecem como *branquinhas*. Para ressaltar sua beleza e atrativos, Sunna informa aos leitores que foi vencedora de diferentes concursos de beleza.

Marcados por valorizar determinado padrão estético corporal, esses concursos têm como característica a pouca diversidade, de forma que, geralmente, os corpos reconhecidos como belos possuem um padrão muito semelhante. A pouca diversidade desses concursos é alvo de diferentes críticas, principalmente por representarem tão pouco a verdadeira diversidade da sociedade brasileira. Uma prova disso é o fato de o concurso Miss Brasil, um dos mais famosos e reconhecidos desse ramo e que ocorre regularmente desde 1957, só ter premiado três

mulheres negras em toda a sua história. Essas representações ajudam a conformar o imaginário dos indivíduos sobre o que é belo e o que não é e endossa narrativas sociais sobre o que é desejável e como uma mulher socialmente aprazível deve ser.

É importante ressaltar que não possuo a intencionalidade de atribuir às *acompanhantes* qualquer desejo consciente de se expressar ou se qualificar de modo preconceituoso ou até mesmo racista. Contudo, é relevante analisar tais classificações porque elas evidenciam aspectos muito mais amplos. Não se trata de algo puramente individual, mas algo de ordem coletiva. As noções estéticas que colocam características relacionadas à branquitude como padrão desejado e a ser seguido apontam para uma questão muito mais ampla e estrutural, são as raízes da forma como a questão racial foi constituída e é atuante em nossa sociedade, um problema que nunca foi enfrentado e muito menos superado.

Nesse sentido, as instituições sociais também são partes importantes na manutenção e reiteração das relações raciais desiguais vigentes na sociedade brasileira. Elas ajudam a manter e reforçar diversos aspectos da desigualdade racial no país. As mídias são um exemplo disso, pois constantemente estão veiculando modelos de comportamentos, valores sociais, além de possuírem papel fundamental na construção do que nós, enquanto sociedade, compreendemos sobre o belo ou não. Elas possuem influências difusas na modulação de um ideal estético e são atuantes na conformação visual dos indivíduos de uma sociedade. Como aponta Aline Soares Lima (2009), diversas representações contidas em revistas, novelas, propagandas e nas mídias digitais são responsáveis por delinear as percepções sociais para a aceitação ou rejeição dos indivíduos.

Além disso, Lima evidencia que as mídias também são atuantes na fabricação das identidades que são construídas no âmbito on-line, ao colocar em escopo repetidamente corpos magros, pessoas brancas e loiras, feminilidades de atrizes, modelos e influências que performam determinado padrão estético: “somos de alguma forma impelidos pelas relações sociais a construir identidades que tenham como referência representações prestigiadas ou, no mínimo, aceitas socialmente” (LIMA: 2009, p. 88). Além disso, os processos de construções de identidades são pautados pela diferença e por um sistema de oposição — o negro em relação ao branco, por exemplo —, que acabam por deslegitimar a pluralidade de representações e identidades.

Refletindo sobre isso, pode-se pensar que, no que concerne à racialidade e à construção do discurso sobre ela, não se trata apenas de um dado físico, ele é construído e regido

por relações sociais e por influências culturais. Nesse sentido, é possível pensar na identidade racial como construída e interpretada a partir de muitos elementos sociais; considerando o “mercado do sexo” e o contexto dos sites de *acompanhantes*, é possível pensar que ela pode até mesmo ser situacional.

Outrossim, refletindo sobre a racialidade como parte da construção de identidade, há outros complementos que acompanham a autoclassificação *branquinha* e que ajudam a construir esse tipo de corpo com marcas racializadas. A categoria *branquinha* é um ponto de partida compartilhada por algumas *T-Gatas*, contudo, o que vem depois dela é um tanto único de cada perfil. Embora possuam características físicas que se repetem, o modo de narrar a própria aparência e a própria corporalidade é construído de modo bastante próprio. Por vezes, apenas o uso dessa categoria já resume o que se pretende dizer sobre a própria corporalidade, como é o caso de um acompanhante que se apresenta da seguinte maneira:

Autodescrição 6

Olá tudo bem? Me chamo Rhea sou bem branquinha e amo uma safadeza!

Perfil de Rhea.

Ao contrário de outros perfis que descrevem o próprio corpo amiúde, Rhea resumiu a própria corporalidade à sua racialidade. Esse é um modo de fazê-lo, como há casos em que a racialidade não é mencionada e o foco são outras características físicas. Como todo discurso é produtor de efeitos diversos, resumir a totalidade de um corpo a uma categoria que alude à racialidade faz refletir os significados que o enunciador espera produzir em quem acessa seu discurso. Tal fato faz pensar se é assumido por quem escreve que seu interlocutor conseguirá compreender todos os significados estéticos contidos nessas atribuições, uma vez que o desejo de toda anunciante é parecer o mais atrativa possível para angariar a maior quantidade de clientes. Retomando o que expõe Schuman (2012) sobre a branquitude, assumida como ideal estético, pode-se pensar que se descrever sucintamente referenciando apenas essa característica é uma maneira de comunicar referências compartilhadas, capazes de preencher as expectativas para o que se espera de um corpo *branquinho* e o que esteticamente isso significa.

Outras autodescrições fornecem detalhes de outras características que as *T-Gatas* associam à racialidade e a corporalidade *branquinha*. Eles ajudam a dimensionar como é esse corpo e o que elas querem associar a ele. Além disso, ajuda a compreender como a categoria racial é articulada na elaboração do corpo desejável e quais recursos elas utilizam para que ele

seja lido dessa forma. Vender sexo nos sites de *acompanhantes* pressupõe o manejo das próprias potencialidades físicas, ser bela por si só pode não ser o suficiente. Saber dispor dos próprios atributos e saber expô-los aos clientes é fundamental. Abaixo são reproduzidos alguns trechos pertencentes a diferentes sites e, em diferentes momentos do trabalho de campo, retrato apenas os trechos das descrições que fazem menções à racialidade e os adjetivos relacionados.

Autodescrição 7

[...] sou uma garota de programa transex, branquinha, rosada e super feminina. Sou safada, com olhos claros e um jeitinho super carinho para você se apaixonar.

Perfil de Auriem.

Autodescrição 8

Leia com atenção. Sou a Shai, sou uma belíssima trans manauara branquinha, com o rostinho encantador, uma linda ruivinha da pele macia.

Perfil de Shai.

Autodescrição 9

Como vai? Espero que bem. Me chamo Nefertiti, tenho 22 anos, 1,70 de altura, sou uma trans muito bem cuidada e macia, branquinha, a famosa Branquinha de neve rrsrsrs, olhos mel esverdeados, uma boquinha macia carnuda e rosinha que adoro chupar engolir tudo e ganhar leitinho, cabelo castanhos claros quase loiros naturais, seios rosinhas e lindos e macios, tenho um bumbum branquinho macio e redondo com um cuzinho rosinha e muito guloso que adora levar muita rola e ganhar leitinho e cavalgar, e dar em várias posições, um *dote* grande e grosso de 19ctm (cheio de leitinho), vou ao encontro bem arrumada maquiada, cheirosa e bem vestida, estou sempre me cuidando para oferecer o melhor atendimento.

Perfil de Nefertiti.

A autodescrição da acompanhante Arien destaca alguns traços constitutivos do que ela compreende por *branquinha*, como o fato de ser *rosada* e os olhos verdes. Anteriormente descrito, o uso do termo *rosinha* ou *rosada* associada à branquitude é bastante interessante. Além de ser usada para denominar uma pessoa que é bastante alva, o termo também pode expressar que os seios, os pênis e a região anal não são escurecidos — o que, para muitos, é compreendido como uma genitália fora dos padrões estéticos. Nos últimos anos, tornaram-se bem conhecidos diversos tratamentos estéticos dedicados à região íntima, cujo público-alvo, geralmente, é o feminino. A maior parte deles promete justamente atuar no clareamento e na conformação visual da genitália. Com isso, é possível compreender como as cores da genitália podem ser um marcador da diferença, ou seja, possuir essa característica pode aumentar o

prestígio pessoal e permite alocar a própria corporalidade como diferenciada. Ela é valorizada pelas anunciantes e pelos clientes, que parecem endossar o desejo por ânus, mamilos e pênis *rosadinhos*.

Por outro lado, a rejeição da pele escurecida e o reconhecimento desses traços como negativos ou mesmo indesejáveis evidenciam traços importantes ligados à nossa constituição social dual. O que é branco e claro é reconhecido como algo bom e positivo, em oposição ao escurecido; basta pensar em diversas expressões correntes que usam essa lógica de adotar o branco para atenuar algo que é considerado ruim, como a inveja branca ou magia branca. Em contrapartida, compreende-se que a inveja e a magia, consideradas ruins, estariam alocados no outro lado nessa escala de oposição. Andreas Houfbauer (2011) relembra que as noções de “negro” e “branco” vieram muito antes do discurso racial e estavam fortemente relacionadas com ideais morais e religiosos em que o branco estava relacionado ao “bem o bonito, a inocência, o puro, o divino, enquanto o negro era associado ao moralmente condenável, ao mal, às trevas, ao diabólico, à culpa.” (p. 3). Essas noções também possuem influências no reconhecimento do que é bom e do que não é quando relacionado à racialidade. Nesse sentido, Schwarcz (2012) denota que,

estamos falando de um certo ‘uso social’ da cor, que não só leva a terminologia a se mostrar subjetiva, como torna seu uso — em conversas, em documentos oficiais (como a certidão de nascimento e a de óbito) ou na vida privada — objeto de disputa. Com uma forte preferência pelo branco ou por tudo o que ‘puxa para o mais claro’, joga-se o preto para o ponto mais baixo da escala social [...] (p. 105).

A autodescrição de Shai também evidencia nuances interessantes da descrição racial elaboradas pelas *acompanhantes*. Ela se reconhece como *branquinha*, categoria que é acompanhada pela caracterização *rostinho encantador* e *ruivinha de pele macia*. O uso de diminutivos, corrente em diversos anúncios, denota o intuito de estabelecer níveis de intimidade com o interlocutor; quando se trata de figuras femininas, indica uma certa sensualidade em jogo, fortemente atrelada à sexualidade. Esse jogo de palavras aponta para o uso semântico que mistura a sedução e a submissão, uma associação da sensualidade com o feminino (PELÚCIO: 2010). Esse jogo de palavras também aponta para uma distinção em relação ao masculino, comumente representado pelo aumentativo, que seria um sinal de masculinidade e virilidade. A construção de uma identidade associada a uma mulher com traços físicos encantadores auxilia na elaboração imagética ligada à sensualidade e sexualidade deleitável. Outro atributo relacionado pela *acompanhante* Shai, na autodescrição 8, aponta para a associação entre a racialidade a *pele macia*. Essa é uma característica muito utilizada pelas *acompanhantes*, em

diversos perfis e com sentidos diversos. Nesse caso, ela reifica que a racialidade não se trata apenas de um traço físico, ela é constituída por diversos fatores que extrapolam as considerações oficiais do que é constitutivo da racialidade em termos físicos.

As tonalidades dos cabelos também são informações importantes a considerar quando tratamos da racialidade no Brasil. Em muitos casos, a cor e a textura do cabelo são tomados como base para definição de raça e cor no país. Nilma Lino Gomes (2008) ressalta que a presunção de identidade racial é diferente de cultura para cultura, é construída historicamente e perpassa diversas mediações. No caso brasileiro, tanto o cabelo como a cor da pele são muito expressivos e constantemente usados como critério para a definição e classificação étnico-racial. É um critério para definir quem é branco ou não é e o mesmo ocorre para a definição da negritude.

Assim, como Gomes, não desejo reduzir todo o sistema de classificação racial brasileiro, que é tão complexo, ao cabelo e mesmo à cor de pele. Como ela ressalta, “no Brasil, o modo pelo qual as pessoas classificam a si mesmas e às outras, numa perspectiva étnico/racial, não se baseia unicamente na aparência física.” (p. 4). Essas marcas reconhecidas pelas *T-Gatas* nas autodescrições indicam partes importantes da constituição da própria corporalidade e racialidade e apontam para elementos relevantes a serem expostos e retratados e como eles são produzidos de modo contextual. A racialidade também diz respeito aos significados sociais reconhecidos e atribuídos a ela — como as cores dos cabelos e a textura da pele. Esses significados não ficam restritos ao plano da conformação visual, eles dizem respeito também ao plano sensorial. Nesse contexto, fica evidente como a racialidade é um marcador extremamente complexo e relacional.

A autodescrição de Nefertiti também evidencia aspectos importantes sobre a ampla constituição racial dos *sites de acompanhantes* e como as travestis a constroem e mobilizam dependendo do contexto. No início de seu relato, Nefertiti descreve-se como *bem cuidada e macia* e logo em seguida define-se como *branquinha de neve*. Esse sentido dado para a própria racialidade é bastante interessante e revela a necessidade de precisar a própria cor de modo superlativo. Não basta apenas definir como branca, é necessário distinguir-se dos outros tipos de brancura — é um indicativo de que branco não é tudo igual. Outras informações fornecidas por ela ajudam na sua construção racial, como a cor dos olhos e a descrição precisa da cor dos cabelos. Os tons claros dos olhos e dos cabelos são características bastante valorizadas socialmente e fortemente associados à racialidade branca.

A construção racial brasileira, fortemente marcada pelo racismo, traços físicos claros são considerados quase automaticamente como sinônimos de beleza. Portanto, esses traços também são importantes na construção da corporalidade *branquinha de neve*, uma vez que ajudam a clarear a racialidade para além do que foi dito. Nefertiti também faz questão de descrever minuciosamente seus lábios, como um ponto interessante de seu corpo. Ela destaca que são *carnudos*, no entanto, são *rosinha* e *macios*. Cabe atentar-se para o fato de lábios grossos ou popularmente conhecidos como *carnudos* serem um dos traços físicos mais fortemente associados à negritude — embora não seja aqui a intenção conformar a pluralidade que compõe a negritude a apenas um traço físico. Ao mesmo tempo que ela exalta essa característica, é também reiterado que se tratam de lábios *rosinhas*, *de forma que* essa colocação age como um reforço das características associadas à corporalidade branca.

Compreendo que esse processo não é, necessariamente, construído de modo intencional, isto é, com a intencionalidade de negar qualquer traço associado à negritude ou de sublimar a branquitude. As intencionalidades dos sujeitos são múltiplas e ocasionais e não há como enquadrá-las como fruto de preconceitos raciais de qualquer espécie. Elas mostram como os processos de reafirmação racial estão estruturalmente introjados socialmente, são incorporados nos discursos dos atores sociais, atuando também na maneira como eles vão descrever e compreender a si próprios. Muitos desses processos estão presentes socialmente e são usados sem que haja uma reflexão mais acurada sobre o que eles significam. No entanto, ainda que não haja a intencionalidade de afirmar uma superioridade racial, se assumir como *branquinha de neve* possui efeitos, diz muito a respeito da corporalidade que é reconhecida e desejada, e como se espera ser reconhecida por seus pares.

Sob outra perspectiva — ainda que com objetivos similares —, muitas *T-Gatas* utilizam a categoria *morena* para definir a própria racialidade. Entre os perfis analisados, 11 travestis citaram essa categoria para se autodefinir em relação à racialidade (depois de *branquinha* esse foi o termo mais utilizado entre elas). Explorando esses perfis, é possível perceber que algumas *acompanhantes* fazem uso dessa categoria muito ligada ao cabelo: a textura e a cor são muito importantes para essa determinação, como é o caso da acompanhante que se define como *morena cacheada*. Mais uma vez é notória a importância dos cabelos como um locus essencial para falar sobre racialidade, uma vez que ele fornece algumas pistas sobre o pertencimento étnico-racial sem ser decisivo e definitivo.

Além da categoria *morena*, 15 outros termos semelhantes aparecem nas autodescrições — são casos em que esse termo é acompanhado de um adjetivo de outra ordem ou com a função de especificar didaticamente para o leitor de que tipo de *morena* se trata. São eles: *morena bronzada; morena cacheada; morena carismática; morena clara; morena clara bronzada; morena clara macia; morena da cor do pecado; morena de luxo; morena de pele branca; morena natural, pele bronzada, da cor do pecado; morena tatuada; morena toda bronzada; morenaça; moreninha e moreninha/pele cor de canela*. Essas categorias indicam a necessidade de informar claramente o tom da pele e de relacioná-lo com outros traços da corporalidade ou até mesmo da personalidade da anunciante.

Esse é o caso dos termos *morena carismática* e *morena de luxo*. Ao contrário do termo *branquinha*, que parecia bastar-se por si mesmo em alguns casos, aqui o uso composto da categoria *morena* evidencia a necessidade de diferenciação da racialidade que é alocada em um espectro bastante amplo e não reconhecida como o padrão estético automaticamente valorizado socialmente, como é o caso da branquitude. A racialidade da *morena* é construída na associação com outros termos e nas interconexões com o branco, além de outras diferenciações. Sueli Carneiro (1995) ao discutir questões relacionadas ao gênero, raça e ascensão social aponta para o fato de que a

construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é outro qualificado positivamente como pelo afastamento do outro de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente. Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo. (p. 547).

Carneiro evidencia que nos processos envolvidos na formação da identidade dos indivíduos há movimentos de aproximação e afastamento com aquilo que julgamos aprazível e, inversamente, daquilo que gostaríamos de nos afastar. Ainda que a cor da pele seja uma característica inscrita nos sujeitos e visível para aqueles que o observam, a forma de interpretar e narrar a própria racialidade perpassa diversos tensionamentos. Reconhecer e descrever a própria racialidade engloba esses atravessamentos e movimentos de aproximação e afastamento do que é considerado positivo ou não. O uso das categorias *morena da pele clara, morena clara* e *moreninha* evidenciam uma certa ambiguidade em relação à própria classificação racial, uma vez que há uma autoidentificação com brancura. O termo usado para se classificar é *morena*, mas também há um movimento de demarcar que não se trata de um tom de pele escuro. A utilização desses termos evidencia um processo social mais amplo que é parte constitutiva da

sociedade brasileira, a ideia presente no senso comum de que o Brasil é “uma nação mestiça e branqueada” (SCHWARCZ, 2012: p. 103).

As diversas denominações e variações existentes em torno da descrição racial revelam as muitas formas pelas quais a miscigenação opera em nossa sociedade. Nesse sentido, para Schwarcz, a “quantidade de variações em torno do termo branca [...] demonstram a forma definitiva que, mais do que uma cor, essa é quase uma aspiração social, um símbolo de inserção social” (Id, Loc. Cit). Para Thales Azevedo (1977), dada a construção do mito de uma democracia racial como ocorreu no Brasil, operam critérios de classificação racial que alocam o “branco”, mesmo genericamente — e sendo “mestiço” — em uma posição social que carrega “certos atributos do grupo social superior” (p. 7). A forma como as relações raciais se desenvolvem no Brasil contribuiu para essa construção genérica de nós mesmos, apontando para uma tendência e desejo de aproximar-se da branquitude.

Hofbauer (2011) elabora uma discussão sobre a construção do “mito da democracia racial” e sobre o branqueamento como um traço específico do racismo brasileiro. Segundo ele, houve uma disseminação no ideário popular — entre brancos e não-brancos — a respeito do branqueamento, isto é, uma construção social que atribui um status social mais elevado à branquitude e “projeta ainda a possibilidade, ou melhor, cria a ilusão de uma possível ‘metamorfose’ da cor (raça)” (p. 5). Esses ideais relacionados à racialidade ainda possuem reverberação social e afetam diretamente a forma como pensamos e interpretamos a nossa própria cor. Nesse sentido, Hofbauer evidencia que essa ideologia atua também na aspiração social de se apresentar mais branco quanto for possível.

Embora o uso de algumas das categorias relacionadas a *morena* indique a construção de um discurso relacionado à racialidade que se aproxima de uma relação mais branqueada, essa categoria também perpassa a gradação de cores observada anteriormente. Em um sentido semelhante, o uso de categorias como *morena clara bronzeada*, *morena natural pele bronzeada* e *morena toda bronzeada* apresentam um outro viés do uso desse termo. Eles evidenciam uma racialidade marcada pela temporalidade: o tom de pele mais escurecido é adquirido, porém não é permanente. É muito interessante o uso desses termos, pois eles evidenciam um desejo por um corpo escurecido de sol, contudo não reconhecido como negro. Além disso, é muito comum associar determinada racialidade a uma sensualidade descrita como inerente à “morenidade”, como se bastasse ser para ter. Há *acompanhantes* que reconhecem essa sensualidade em si e utilizam as categorias raciais fortemente relacionadas à sensualidade e à

boa sexualidade. É possível observar alguns desses elementos nos perfis das *acompanhantes* Ceres e Demeter, cujas descrições estão disponibilizadas a seguir:

Autodescrição 10

Olá meus amores, me chamo Ceres ... idade 23 anos, altura 1,79, *Dote* 21Cm ... recém chegada na cidade, sedenta pra experimentar o que os paulistano tem de melhor. Sou uma morena toda bronzada e cheia de tesão, pronta pra realizar todos seus desejos mais íntimos, sou especialista em dominação, fetiches e massagens...Uma trans de alto nível e garanto 100% de descrição e satisfação... Não cronômetro tempo e o seu tempo, gosto de deixar nosso momento o mais íntimo possível, sou super carinhosa se seu desejo é uma namoradilha... e super viril se deseja ter “novas experiências” [...].

Perfil de Ceres.

Autodescrição 11

Olá, meus queridos clientes, sejam bem-vindos ao meu anúncio, me chamo Demeter, sou uma garota trans, tenho 1,70 m de altura, morena, bronzada com os seios lindos, a cinturinha fina, bumbum gg, como você poder ver nas fotos (fotos caseiras sem alterações e uso de photoshop e filtros, uma tgata real como nas fotos) toda meiga, feminina e sexy esperando por você. Sempre linda e cheirosa para a gente fazer aquele sexo gostoso com direito a tudo que você procura. Vou te satisfazer de um jeito que ninguém nunca fez. Dona de uma raba deliciosa que adora cavalgar em um macho gostoso. Vem ser meu namoradinho por algumas horas garanto que você não vai se arrepender, te darei muito prazer e muito beijo na boca, além de um sexo inesquecível e bem gostoso.

Perfil de Deméter.

Ceres se descreve como uma *morena toda bronzada e cheia de tesão*, além de disponível para a realização de diferentes desejos sexuais e alguém capaz de satisfazer sexualmente aqueles que contratarem seus serviços. A acompanhante Deméter relaciona a racialidade e cor *bronzada* a outros traços estéticos que compõem sua corporalidade e a fazem ser reconhecida como uma mulher bonita. Em ambos os contextos, observa-se que ter um corpo escurecido de sol é um traço distintivo e reconhecido como positivo — tanto que é relevante falar sobre ele e marcá-lo como algo constitutivo da própria corporalidade —, ou seja, não é uma característica que passa despercebida pelas *acompanhantes* ao relatarem si mesmas.

O corpo bronzeado é uma característica estética valorizada e entendida como um traço relevante da corporalidade feminina e socialmente valorizado. Reconhecido como um “país tropical”, a imagem do Brasil construída no imaginário popular é de uma local ensolarado e de corpos queimados de sol, sendo muitas dessas imagens também endossadas pelas diferentes mídias. Piscitelli (1996) analisa as construções midiáticas a respeito dos marcadores de gênero e raça e atenta-se para o modo como elas influenciaram a visão de turistas estrangeiros sobre as mulheres brasileiras. Ser “dona de um corpo dourado” é uma das alusões correntes propagadas por diferentes mídias em relação às mulheres brasileiras.

Na cultura popular, construções como essas estão presentes e são atuantes no modo como os sujeitos se compreendem e interpretam a própria racialidade e corporalidade. Gabriela, Cravo e Canela (1958), do autor baiano Jorge Amado, é um exemplo de personagem presente no imaginário popular, marcada por sua sensualidade inata, indomável e diretamente relacionada com sua racialidade. Gabriela é uma das mais famosas representações da sensualidade tropical e da sexualidade à flor da pele, sua marca é a “cor de canela”. Inclusive, esse adjetivo se tornou corrente para definir uma racialidade feminina específica. Laura Moutinho (2004), analisando a obra de Jorge Amado, atenta-se para o modo como as relações raciais e de gênero são tecidas pelo autor. Sobre a construção dessas relações, Moutinho ressalta que as narrativas entrelaçadas remontam aspectos relacionados à construção da narrativa racial que constituiu a nação brasileira, as mulheres *cor de canela* seriam mais desejáveis para o “branco colonizador” do que as mulheres brancas e indígenas.

Nesse sentido, os marcadores de raça e gênero quando associados se materializam na figura da *morena* sensual e desejável — figura tipicamente brasileira. A cor bronzeada e o ser *morena* ou *morena cor de canela* estão intimamente relacionados com o gênero, conforme ressalta Piscitelli, pois expressam uma ideia de cor e racialidade que estão diretamente ligadas às concepções a respeito da feminilidade, “as associações que dão sentido ao ser ‘morena’ e, ao seu par oposto, o ser ‘branco’ e os atributos associados a cada termo mostram a interconexão entre umas e outras diferenciações” (PISCITELLI: 1996, p. 26). Além do mais, é possível refletir sobre como a racialidade também pode ser produtora de gênero a depender do contexto em que sujeitos estão inseridos e dos papéis sociais que eles assumem para si. A canção *Morena Cor de Canela*, interpretada por Luiz Gonzaga, expõe algumas nuances associadas a essa figura socialmente construída. Em um trecho da canção, há a seguinte descrição:

Olha o jeito dela/ morena cor de canela/ pode morrer de paixão/ quem olhar nos olhos dela/
Olha os seus olhinhos/ nariz tão afilados corpo esculpado/beleza que Deus Criou/ Cabelos

anelados/ boca cor de jambo/ ela vai envenenando/ qualquer homem que lhe ver/ sua Cintura bem fininha/ afinadinha/ vai descendo, alarguendo/ nos quadris que tentação [...] ³⁷.

O trecho da composição descreve algumas das características físicas do biotipo *morena cor de canela*. Assim como Gabriela, a letra da canção atribui a esse tipo feminino racializado uma beleza inebriante, um tipo físico escultural, muito bem desenhado, marcado pela cor e pelos sabores tropicais, que a fazem irresistível para quaisquer homens que veem ou sentem seus encantos. É atribuída à “morena de cor de canela” a capacidade intrínseca de enamorar com seu charme, e seus atributos físicos envolventes podem fazer com que alguém “morra de paixão”. Concomitantemente, o uso de palavras como “envenenando” e “tentação” indicam um aspecto dúbio relacionado, uma vez que são palavras que podem carregar significados semânticos negativos, indicando uma certa periculosidade amorosa.

Obras como “Gabriela, Cravo e Canela” e a canção “Morena Cor de Canela” são exemplos de uma construção racial permeada por cheiros e cores, descrita como arrebatadora, encantadora e irresistível. Embora o termo *cor de canela* tenha sido usado como representativo desse tipo de demarcação racial, ele não é único mobilizado socialmente (*morena cor de jambo* é outro exemplo). Essas nomeações apontam para uma construção social específica em torno de algumas tonalidades de cor de pele: para tonalidades mais claras, próximas ao branco, construiu-se um ideário de desejabilidade e sensualidade feminina, de uma mulher *morena*, sensual, que goza de uma fruição sexual, capaz de fazer qualquer homem cair em “tentação”. Essa imagem tornou-se a cara do Brasil e foi exportada para o mundo — se a mulher brasileira tivesse uma cara e um corpo, ele seria moreno, com cheiro tropical, sensual e sexual.

Nota-se que a pele bronzeada, *cor de canela*, ou simplesmente *morena*, seja natural ou escurecida pelo sol, não é algo necessariamente negativo, pelo contrário: pode ser positivo e desejável ter uma pele mais escurecida e, assim, alocá-la dentro dessa hierarquia do desejo e da sensualidade. Nas praias cariocas, por exemplo, segundo Patrícia Farias (2007), a “morenidade” representa a conquista de uma “cor” considerada sinônimo de perfeição corporal. O “mercado do sexo” como parte da sociedade reflete alguns dos padrões, gostos e preferências que são observados no interior da própria sociedade. E essa é uma característica que foi assimilada como um traço estético almejado, desejado e admirado.

³⁷ A canção “Morena Cor de Canela” tornou-se reconhecida na interpretação de Luiz Gonzaga, para quem também é atribuída sua composição. As informações disponíveis nos sites de buscas sobre a real autoria da letra da música são dúbias, portanto, não há como determinar seguramente quem são os seus autores. A letra completa está disponível no site a seguir: <<https://www.lettras.com.br/luiz-gonzaga/morena-cor-de-canela>>. Acesso em: 20 de jun.2023.

Assumir e marcar a própria corporalidade como *bronzçada* também evidencia o desejo pela diferenciação, uma vez que esse marcador informa que se trata de um corpo queimado pelo sol, sendo esteticamente aprazível, mas não naturalmente escurecido, ou seja, não se trata de um corpo negro. Para Guacira Lopes Louro (2020), os corpos carregam marcas que possuem significados e “dizem” coisas sobre eles. As posições sociais no interior de uma sociedade possuem total relação com os corpos, pois “os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados e hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos, a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura” (p. 69). As características de um corpo, como a cor da pele, são significadas culturalmente e tornam-se “marcas”, que podem valer mais ou menos e tornam-se muito relevantes para determinar a posição social dos sujeitos. Em síntese, “características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (p. 70).

A autoclassificação racial *mulata* opera práticas de nomeação e reconhecimento de papéis sociais bastante próximos do termo *morena*. Entre as autodenominações disponíveis nos perfis analisados, a categoria *mulata* foi usada na descrição de duas travestis, enquanto outros termos derivados dele, como *mulata bronzçada*, *mulatinha* e *mulata/morena jambo*, aparecem uma vez em perfis diferentes. Juno é uma das *acompanhantes* que faz uso de uma das categorias oriundas do termo *mulata*. No texto abaixo, reproduzo sua autodescrição.

Autodescrição 12

Olá meus queridos, prazer, sou a Juno [...] *-*, tenho 19 aninhos, 1.68cm de altura e sou uma transexual gostosa, estilo namoradinha. Sou estudante e trabalho como modelo nas horas vagas. Sou uma pessoa educada, atenciosa, sensual, sexy e super feminina, de pele macia e lisinha, mulatinha com pelinhos loiros. Sou a pessoa perfeita para você que procura um atendimento diferenciado. Gosto de realizar desejos, fetiches, fantasias e muito mais entre quatro paredes. Estou disposta a proporcionar prazer aos clientes, quero e vou lhes tirar da mesmice. Adoro pessoas gentis e bem educadas. Também trabalho com pacotes mensais, em que o cliente tem direito a um ou dois encontros na semana, podendo aproveitar mais tempo comigo, este pacote sai muito mais em conta do que o convencional. Também faço videochamadas, aceito cartões.

Perfil de Juno.

Juno descreve-se como uma *mulatinha* de *pele macia e lisinha*, além de destacar que os pelos de seu corpo são *loirinhos*. Novamente vemos o adjetivo *pele macia* sendo utilizado em associação à racialidade, qualificando e conferindo diferença. A ênfase dada para certos elementos corporais, como a textura da pele e a cor dos pelos, evidencia a construção de uma narrativa de corpo que confere sinais identificáveis e de signos apreciados pelos frequentadores desse espaço. Juno destaca traços positivos de sua personalidade diretamente relacionados com sua autodenominação racial, assim como enfatiza suas potencialidades corporais e sexuais, garantindo ser ideal para a realização sexual de quem assim desejar.

Historicamente, o termo *mulato* foi usado para caracterizar um indivíduo que descende de um genitor branco europeu e de um genitor negro africano, de forma que tornou um termo corrente para designar indivíduos frutos da mestiçagem. Contudo, *mulata* converteu-se em uma maneira bastante difundida de representar a mulher negra brasileira, assim como a *morena*, essa categoria figura como uma das representações mais exportadas sobre o Brasil, além de ser tida como uma figura representativa de como teria ocorrido a mistura de raças no país. Para Anne McClintock (2010) a “invenção das raças” nos centros urbanos foi central para a autodefinição da classe média, mas também para o controle das classes consideradas “perigosas”. Conjuntamente com o “culto da domesticidade”, tal fato foi “uma dimensão crucial, ainda que oculta, das identidades, tanto masculina quanto feminina — por cambiantes e instáveis que fossem — e, elemento indispensável tanto do mercado industrial quanto da empresa colonial” (p. 20). Essa invenção de raças de que fala McClintock foi significativa na formação das identidades raciais brasileiras e no modo como as racialidades são descritas e compreendidas enquanto papéis sociais.

As representações sociais sobre a corporalidade das mulheres racializadas podem ser relacionadas ao que Patricia Hill Collins (2019) denomina de “imagens de controle”. Collins argumenta que a ideologia dominante no período escravocrata norte americano incentivou a criação de variadas imagens de controle inter-relacionadas e socialmente construídas sobre as mulheres racializadas, e essas imagens de controle revelam o interesse dos grupos dominantes de manter a posição subalterna das mulheres racializadas. Collins relata que mulheres brancas de classes sociais mais elevadas eram incentivadas a aspirar quatro virtudes fundamentais: piedade, pureza, submissão e domesticidade, já as mulheres afro-americanas se defrontavam com outras “imagens de controle”.

Collins identifica que a primeira imagem de controle posta às mulheres negras estadunidenses foi a figura da “mammy”, isto é, a empregada fiel e obediente. A “mammy” seria uma criação que justificaria a exploração das mulheres escravizadas e explicaria o confinamento de mulheres negras ao serviço doméstico: “a imagem da mammy representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral.” (COLLINS: 2019, p. 140). Seguindo a história norte-americana, Collins identifica uma segunda “imagem de controle”, a da “matriarca”. Essa imagem, para Collins, é primordial para entender as opressões interseccionais, uma vez que é pressuposto nos Estados Unidos que a pobreza negra é transmitida por meio de valores passados de pais para filhos. De acordo com essa lógica de pensamento, as crianças negras não recebem o mesmo nível de atenção que crianças brancas de classe média, culpabilizando assim as mulheres negras pelo “fracasso” de seus filhos em diferentes esferas sociais. A terceira “imagem de controle” que Collins identifica é a da mulher dependente do Estado de bem-estar social nos Estados Unidos, aquela que não é capaz de promover os meios necessários para o sustento dos filhos e depende do Estado para sobreviver. Por fim, Collins identifica uma última “imagem de controle”, a “Jezebel, a prostituta ou a *hoochie*”³⁸, imagem essa de suma importância nesse encadeamento de “imagens de controle” da condição das mulheres racializadas.

Segundo a socióloga, no contexto de formação sociocultural norte americano, essa “imagem de controle” teve como objetivo controlar a sexualidade feminina negra. A figura da “Jezebel” emergiu no contexto da escravidão e atribuía às mulheres negras a característica de serem sexualmente agressivas. Atualmente, segundo Collins, seguindo o legado histórico da “Jezebel”, emerge a figura das “hoochies”, mulheres jovens consideradas provocantes e sexualmente assertivas. Para Collins, a figura das “hoochies” circunscreve uma série de limites aos “pressupostos que demarcam a heterossexualidade”, haja visto que a heterossexualidade é erigida a partir de um pensamento binário que pressupõe a sexualidade masculina e a feminina, segundo qual os papéis de gênero estariam alinhados de acordo com o que é considerado adequado às expressões sexuais de homens e mulheres.

Dentro dessa percepção, os homens brancos devem ser ativos e as mulheres brancas passivas e, segundo Collins, “quem é negro ou pertence a outros grupos racializados ao mesmo tempo se situa fora dessas definições de normalidade e marca seus limites” (2019: p. 157).

³⁸ De acordo com a nota do tradutor, “hoochie” é um termo informal e pejorativo para referir-se a uma mulher jovem e que se veste de maneira sensual e considerada provocante.

Consonante a esse cenário de normatividade branca heterossexual específica de gênero, as “hoochies” se tornam uma expressão de uma sexualidade feminina desviante, uma vez que a heterossexualidade branca é considerada normal e a condição desviante é associada à condição da mulher negra. Collins ressalta que, no contexto das opressões interseccionais, a sexualidade supostamente desviante das mulheres racializadas faz com que elas sejam lidas como “vorazes”.

Embora seja vista como uma mulher bonita e desejável, a construção social em torno da “hoochie” ou da “Jezebel” indica que se trata de uma mulher cujo apetite sexual é inadequado e, na pior possibilidade, insaciável. Por isso, basta um pequeno deslocamento para que ela seja vista como uma aberração e, de acordo com Collins, a atribuição desse papel faz com que os parceiros sexuais dessas mulheres também sejam estigmatizados. Enquanto homens negros são frequentemente hipermasculinizados por seu suposto elevado apetite sexual, por exemplo, o suposto o excessivo apetite sexual das “hoochies” faz com que elas sejam masculinizadas, uma vez que elas teriam apetites sexuais semelhantes a um homem. Em conjunto, essas “imagens de controle” revelam, para Collins, o interesse da elite masculina branca em condicionar a sexualidade das mulheres racializadas, “ao formar sutilmente uma trama com opressões interseccionais de raça, classe e gênero e sexualidade, elas ajudam a justificar as práticas sociais que caracterizam a matriz de dominação nos Estados Unidos” (COLLINS: 2019, p. 159).

Essas “imagens de controle” são analisadas por Collins a partir do contexto norte americano. Refletindo sobre a realidade brasileira, Leda Martins (1996) aponta que nos campos das representações poéticas, literárias e audiovisuais há um registro do perfil da mulher negra brasileira, que segundo ela, teria sido construída a partir de um viés masculino e não coincidiria com o que de fato seria o ser mulher negra, pois “é, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, neste espaço privilegiado que a ficção toma possível.” (p. 111). Para Martins, esse olhar literário para a mulher negra foi muito influenciado pelo machismo, mas também aponta para um registro marcado pelo racismo, proporcionando o surgimento na cultura popular de três tipos de representações femininas negras. Como dito de modo breve anteriormente, Martins identifica que na cena literária brasileira predominam três representações ficcionais sobre o corpo feminino negro: o da “mãe preta”, da “empregada doméstica” e a representação da “mulata”, sempre insinuante, corpo erotizado e alvo de desejo, principalmente dos homens brancos. Segundo ela,

capturado nessas miragens produzidas na e pela linguagem literária, esculpido como letra e forma na materialidade dos significantes textuais. o corpo da mulher negra, literariamente narrado, torna-se uma concha de onde ecoam as vozes narrativas que tecem a personagem feminina à revelia de seu próprio desejo. Esses perfis de

mulheres, alheios e alienantes, nunca são auto-definíveis, mas posam nas cartografias do texto como se se quisessem eternamente mirados e perenemente desejáveis. (MARTINS: 1996, p. 112).

Ao contrário do que retrata Collins acerca da “hoochie”, a figura da *mulata* no Brasil, como reivindica Martins, tem uma construção histórica marcada pelo racismo, mas sobretudo evidencia como as “imagens de controle” podem ser operadas para produzir posições de poder e privilégios para alguns grupos sociais e, para outros, auxilia na naturalização de posições de dominação. No Brasil, a figura da *mulata* é quase mítica, retratada em diferentes linguagens e com diferentes recortes, como a obra “As mulatas” de Emiliano Di Cavalcanti, considerada emblemática e histórica. Para alguns, a *mulata* poderia ser considerada a cara do Brasil e um dos símbolos da miscigenação, sendo um sinônimo ao falar do país. Em relação ao tema, Lélia Gonzalez (1984) disserta sobre os efeitos do racismo e do sexismo que são produzidos nas mulheres racializadas brasileiras. Fruto desse processo, Gonzalez identifica a construção atuante de uma dupla imagem: a “mulata” e a “doméstica”. Para fins dessa análise, me concentro na primeira imagem de que fala a autora. Ela se utiliza das noções de “consciência” e “memória” para retratar o lugar das mulheres racializadas no processo de formação sociocultural brasileiro. Para Gonzalez,

a consciência é o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. (p. 226).

Assim, podemos pensar como certas figuras emblemáticas adquirem tal posição na consciência e na memória coletiva. Gonzalez descreve a figura da *mulata* como parte da construção do “mito da democracia racial”. Segundo ela, é no Carnaval que esse mito é simbolicamente reiterado e a figura da mulata ganha um destaque sobrepujante. Para Gonzalez, nesse momento festivo em que as mulheres racializadas estão em evidência, elas são transformadas em uma espécie de “Cinderela do asfalto”, são celebradas, desejadas e postas em protagonismo, inclusive midiático, “toda jovem negra, que desfila no mais humilde bloco do mais longínquo subúrbio, sonha com a passarela da Marquês de Sapucaí. Sonha com esse sonho dourado, conto de fadas no qual ‘A Lua te invejando fez careta/ Porque, mulata, tu não és deste planeta’” (GONZALEZ: 1984, p. 228). Gonzalez compreende que esse “mito da democracia racial” transfigurado na figura da *mulata* é uma das formas de exercício da “violência

simbólica”, pois do outro lado desse endeusamento oriundo do Carnaval, as *mulatas* se transfiguram na “empregada doméstica”, e “a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade” (Id. Loc. Cit).³⁹

A antropóloga Mariza Corrêa (1996) elaborou importantes contribuições sobre a categoria *mulata*, do ponto de vista da construção do sujeito como objeto de diferentes discursos — médicos, literários e carnavalescos. Corrêa propõe a reflexão sobre a invenção dessa categoria para além de sua “existência empírica”, contribuindo para questionamentos relacionados às questões de gênero e de raça. A primeira figura emblemática constituída em torno da *mulata* a coloca em uma miscelânea de cheiros e sabores, todos eles postos como sinônimos de uma mulher extremamente desejável, bonita, graciosa e sensual — modo muito semelhante ao qual as travestis recorrem a essa categoria para se autodescrever. São diversas linguagens que contribuíram para a construção dessa figura emblemática, com o ápice de popularidade encarnado na figura da Globeleza⁴⁰. Segundo Corrêa, a Globeleza é “uma mulata estilizada, abstrata ou imaginária” (p. 40), uma espécie de síntese de todas as suas “antepassadas”.

O mesmo campo semântico e simbólico responsável por formar a figura quase mítica da *mulata* foi antes responsável por corporificar também o seu reverso. As mesmas palavras-chaves usadas para caracterizá-la positivamente foram “utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro” (CORRÊA: 1996, p. 40). Corrêa aponta para o fato de autores como Aluísio Azevedo e Jorge Amado terem endossado a *mulata* como essa figura desejável, ao passo que também foram responsáveis por criar estereótipos sobre seu reverso. Os personagens “mulatos” carregam o fardo da ascensão social ou são representações de desafio à ordem social, enquanto as *mulatas*, com seus atributos corporais e sensualidade, seriam responsáveis por provocar o “descenso social”. A construção social envolvida na categoria *mulata* se opõe em muitas medidas ao tratamento dado ao seu oposto, que no polo masculino é visto como degradante, enquanto o polo feminino é celebrado e cultuado no campo da desejabilidade.

³⁹ Para mais sobre essa discussão, consultar GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

⁴⁰ Atualmente, é o nome dado à cobertura do Carnaval na emissora TV Globo. O nome também é uma referência a uma mulher que samba nas vinhetas de carnaval da emissora, geralmente, trata-se de uma mulher negra vestida com trajes de banho e ornamentada com recursos digitais. A modelo Valéria Valenssa foi a Globeleza mais conhecida e se tornou símbolo da “mulata” representativa do carnaval brasileiro.

A figura da *mulata*, ainda que ambígua, seria uma representação fixa dentro de uma escala de classificação racial — está no meio entre o branco e o preto —, “ao contrário da fluidez e circulação supostamente permitidas nesse *continuum* aos ‘elementos de cor’, à mulata é reservado um lugar definido, ou definitivo, do ‘encontro das raças’: uma espécie de pororoca cultural” (CORRÊA: 1996, p. 47). A figura da *mulata* é inegociável, quando recorremos ao registro de gênero, ela é reconhecida irrefutavelmente como feminina. Corrêa explica que *mulata* se configura em gênero por meio da “mulatice” consagrada por diversos ramos das artes, uma figura produzida culturalmente em um longo processo histórico, diferindo das figuras femininas comumente retratadas.

Nos registros textuais, segundo Corrêa, a *mulata* rompeu as classificações de sexo e passou a constituir classificações de gênero e transformou-se em produto social, um símbolo de uma sociedade que deseja retratar-se como mestiça. A antropóloga resume que a figura da *mulata* transfigura de um “modelo de sexo” para um “modelo de gênero”, “da mulata ‘animal’, passando pela mulata ‘vegetal’, chegamos à mulata tal qual, agora visualmente bem definida e aparentemente aceita no imaginário, social como personagem com estatuto próprio” (CORRÊA: 1996, p. 49). A figura da *mulata* coloca em discussão como a racialidade é um marcador social importante, mesmo estando totalmente imbricada no campo de significações relativo às definições de gênero (Id. Loc. Cit).

A categoria *mulata* é uma importante construtora de significados dentro do tecido social brasileiro, e dispõe de um status social diferenciado e altamente relevante. Sônia Giacomini (2006) retrata a cena do 2º Curso de Formação Profissional de Mulatas⁴¹ e os diversos “shows de mulatas” realizados pela cidade. Giacomini observa um *ethos* na produção social da *mulata* que envolve expectativas, jeitos de corpo, de ser e de comportamento, afinal se tratava de um campo profissional, que carregava uma série de expectativas de uma atividade especializada e de como deveria ser realizada por uma pessoa capacitada.

Diferentemente do que é observado nos *sites analisados*, em que o reconhecimento de ser mulata é convertido aos interesses mercantis da prostituição, Giacomini relata que as “mulatas profissionais” não desejam ser associadas ao universo da prostituição e, muito menos serem reconhecidas como “prostitutas”. Contudo, se no acionamento das habilidades

⁴¹ Formação profissional ministrada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Social (SENAC) entre os anos 1980 e 1990 no Rio de Janeiro.

profissionais houvesse o vislumbre de vantagens, as “mulatas profissionais” deixavam-se confundir com o ofício da prostituição, uma vez que,

assumindo de maneira plena a idéia de que são símbolos sincréticos da brasilidade, as mulatas incorporam também a representação segundo a qual são portadoras de qualidades intrínsecas passíveis de manipulação em rituais de sedução do homem branco (no caso, sobretudo, o gringo). (GIACOMINI, 2006: p. 100).

Em relação ao universo dos *sites* de *acompanhantes*, há uma lógica que parece diferir do universo das mulatas profissionais — sem esquecer das diferenças contextuais e históricas que marcam os dois âmbitos. Imbuída de uma sensualidade própria e de uma feminilidade inerente, a categoria *mulata* comunica gênero. Trata-se de uma feminilidade conhecida cabalmente, que não deixa de ser um atestado de que se trata de fato de uma mulher e, mais do que isso, de uma mulher sexualmente desejável, uma corporalidade apreciada culturalmente pela masculinidade brasileira.

Ao ser incorporado ao discurso das *T-Gatas*, esse título pode ser convertido em benesses financeiras, assim como todas as outras categorias relacionadas à racialidade, uma vez que podem despertar o interesse e o desejo, a partir da a sensualidade e sexualidade à flor da pele que a figura da *mulata* opera automaticamente no imaginário popular. Reconhecer-se como *mulata* é reivindicar para si uma figura cheia de significados socialmente reconhecidos e que comunica intrinsecamente muitos sentidos. Operacionalizar essa categoria em sua autodescrição, assim como *branquinha* e os leques da “morenidade”, monetiza um universo de significações que carregam essas figuras.

Refletindo em termos de comunicação sobre a própria racialidade, a categoria *mulata* também pode apresentar-se como uma alternativa e rejeição em se assumir como uma mulher “negra preta” (CORRÊA: 1996, p. 50). Nas autodescrições das *acompanhantes* nos *sites* analisados, 4 travestis se autodeterminam como *negras* e uma utiliza a categoria *preta* e outra a categoria *negra* (*pantera negra*). Os trechos das autodescrições abaixo evidenciam como algumas dessas categorias são operacionalizadas.

Autodescrição 13

Oi meus lindos, muito prazer, eu sou a Frigga, uma trans negra de beleza exótica, toda linda e carinhosa, tenho a pele macia e cheirosa, cintura fina e um bumbum delicioso. Em meu programa é liberdade total, sou ativa e passiva, adoro ser chupada. Gosto de criar um clima legal, a gente bate um papo, interage, e depois eu faço tudo pelo teu prazer. Vem me conhecer melhor, agende nosso encontro ligando para o telefone [...], com total sigilo e discrição, espero ansiosa por seu contato, beijos.

Autodescrição 14

Olá, muito prazer. Espero que esteja tudo bem, eu sou conhecida como Athena, uma acompanhante transex de alto nível, bem feminina, linda, toda gostosa, de personalidade única, exclusiva e totalmente exótica, carregada com um sorriso encantador, sou dona da pele mais macia, mais cheirosa e toda bronzeada que você jamais provou na sua vida. Sou diferente, intensa e autêntica, meu humor é quente e fatal, por onde eu passo, sempre exalo sensualidade e exuberância, beleza afro brasileira, obra prima perfeita, paisagem de corpo desenhado que vai se harmonizando impecavelmente com aqueles lindos cabelos cacheados, bem tratados e genuinamente naturais, claro, que só enaltecem e irradiam ainda mais meu brilho próprio, minha autenticidade, a minha raça e a minha cor orgulhosamente preta. Sou a mulata original, mais autêntica, mais bela e simpática do sul do Brasil, a mulher dos seus sonhos, aquela quem te tira do sério, aquela safada e tesuda que está sempre pronta para uma sacanagem, venha me conhecer e vamos gozar gostoso, se você gosta de chocolate, pode cair de boca, pois estou derretendo toda de tesão, venha me beijar na boca, me deixar louca, quero tudo com você.

Perfil de Athena.

Frigga e Athena tecem e relacionam nuances interessantes das categorias *negra* e *preta* em suas autodescrições. Frigga se descreve como uma *trans negra de beleza exótica*, além de ressaltar características como *cheirosa*, *pele macia* e aspectos de sua corporalidade que podem classificá-la como sexualmente atraente. Além disso, ela utiliza a categoria racial *negra* e o adjetivo *exótica* para classificar a própria beleza. O termo *exótica* associado ao discurso sobre a corporalidade, sendo comumente utilizado para classificar um tipo estético que não se encaixa ao que é tido como padrão de beleza. Seria um tipo de beleza extravagante, diferente ou até mesmo excêntrica. Como discutido anteriormente, o modo como as relações raciais foram construídas no Brasil afetaram todos os tecidos sociais, de forma que a maneira como vemos e classificamos nós mesmos e os outros em termos estéticos também perpassa essas relações. Isto é: as definições do que é considerado normativo ou exótico também recebem influências diretas do crivo da racialidade.

Segundo Pelúcio (2010), a exotização e erotização do “outro” tem sido historicamente uma das maneiras simbólicas de expressar nas relações cotidianas processos de dominações econômicas e culturais. O Colonialismo foi um dos responsáveis por propagar diversos signos exóticos não só sobre o Brasil, mas sobre seus habitantes. Piscitelli (2002) evidencia que as

ideias de “diferença” e “exotismo” estão intimamente ligadas, uma vez que a “ideia de exotismo é construída através de procedimentos nos quais a alteridade é delineada mediante distinções inseridas em nítidas relações de desigualdade — no sentido de distribuições diferenciadas de poder” (p. 218).

O processo de exotização está fortemente interligado à erotização, que atribui à corporalidade de outrem a denominação de incomum, ao que passo que essa diferenciação também operacionaliza o desejo. No caso brasileiro, desde os tempos coloniais muitas representações pela ótica do *exótico* foram elaboradas sobre o outro, conferindo uma sensualidade fruto do *exótico*, fortemente marcada por “desigualdades atravessadas por distinções de gênero e raça” (PISCITELLI: 2002, p. 201). O processo de exotização é fortemente influenciado pela racialidade e pelo gênero, pois não é qualquer corpo que passa a ser comumente retratado como *exótico* e naturalmente sensual. Esse não é um discurso adotado por travestis que se reconhecem como *branquinhas*, por exemplo. Fica claro como a racialidade opera esse adjetivo de um lugar historicamente construído e marcado.

É a partir da racialidade negra que é construído esse ideário de beleza e corporalidade *exótica*. Mais do que isso, é uma corporalidade sensual por natureza, assim como a *mulata* é sexualizada em sua essência. Esse processo de exotização da mulher negra brasileira perpassa por uma forma de corpo e um jeito de ser esperado, há uma ideia pré-concebida de como ela deve ser, agir e portar-se. De acordo com Leitão (2007), o processo de exotização está intimamente relacionado ao processo de idealização, uma vez que o outro passa a ser imaginado.

Maneira de ver e atitude frente aos outros, o exotismo é, ao contrário do racismo, uma positivação do outro. Seus costumes, seu modo de vida, seus valores, sua produção não apenas são dignos de estima, mas mesmo almejados. Através dele as características do que é diverso adquirem valência positiva. Mas ainda que se mostre enquanto celebração do outro, o exotismo talvez não esteja tão distante daquele que em aparência é seu oposto, o etnocentrismo. Indo da desconfiança à hostilidade, este último rejeita toda forma cultural que seja diferente da sua própria. É nesse ponto que etnocentrismo e exotismo se aproximam. Mesmo que difiram em conteúdo, um valorizando e outro repelindo, ambos têm em comum o fato de ser um enunciado sobre si próprio ainda mais do que sobre o outro (p. 209).

Por um lado, esse processo de exotização é bastante questionado como sendo uma face do etnocentrismo e, ao contrário do que afirma Leitão, uma face do preconceito racial. Em contraposição, no “mercado do sexo”, esse processo de exotização e erotização pode ser bastante profícuo, uma vez que é comercializada uma ideia socialmente construída e que promete ser sexualmente atrativa — é a materialização de encontro sexual historicamente

narrado como prazeroso. Athena, por exemplo, narra sua própria persona como *totalmente exótica*, a partir disso descreve cuidadosamente cada detalhe que compõe seu corpo, como *a pele mais macia, cheirosa e toda bronzeada que você jamais provou na sua vida*. Nesse contexto, esse corpo *exótico* é construído em torno da ideia de ser provado e degustado, toda essa racialidade tem gostos e cheiros a serem apreciados, que podem ser muito rentáveis para aquelas que souberem dispô-los da melhor maneira.

No contexto de sites especializados em intercâmbio sexual, uma das características que fica evidente para Pelúcio (2010) é a tentativa das travestis de acionar táticas de apresentação de serviços e descrições de si, atendendo às expectativas da clientela para qual estão anunciando. A produção da autodescrição passa pelo acolhimento de referências étnicas tidas como características desse corpo exótico. No relato de Athena, por exemplo, ela utiliza um conjunto semântico que ajuda a demarcar a exotividade, como os adjetivos *intenso, autêntico, quente e fatal*, adjetivos que auxiliam na elaboração discursiva da sensualidade exalante. O corpo é descrito como *paisagem, harmônica* e outros adjetivos que flertam com uma espécie de naturalismo erótico — bem como outras *acompanhantes* que recorrem a diferentes texturas, sabores e cheiros para marcar a própria corporalidade —, constituindo um corpo exótico, sensual e que se distingue de todos os outros, e são esses fatores que o tornam único.

O termo *exótico* como uma categoria central no reconhecimento e na descrição das *acompanhantes* possui conexão com a própria exotização da corporalidade travesti. Incompatível com o dimorfismo sexual feminino e masculino, com a presença de seios fartos e curvas bem delineadas, a convivência com o pênis, a performance feminina e o papel sexual alocado no campo do masculino, na corporalidade travesti “misturam-se esses elementos híbridos à possibilidade da presença do sêmen nas relações. Esse fluido impregnado de significados simbólicos é capaz de suscitar a cumplicidade (ambos tiveram prazer na relação) e excitação (a transgressão do sexo ‘entre iguais’)” (PELÚCIO: 2010, p. 208). A racialidade incorporada a esse jogo de interpretações relacionadas ao erotismo transpõe a corporalidade travesti para um campo múltiplo de exotismos, potencializando esse corpo anunciado como mais desejável, “consumir o exótico significa ter acesso a ele, não apenas enquanto objeto, mas enquanto experiência” (LEITÃO: 2007, p. 213).

Assim como a *mulata*, um conjunto de representações em torno do corpo *exótico* também recaiu sobre as mulheres indígenas. Desde a época dos relatos dos colonizadores, já se ressaltava a corporalidade e beleza *exóticas* como um dos traços distinguíveis dos indígenas.

Essa figura feminina ligada ao exotismo e à sexualidade natural também se tornou um símbolo da sensualidade brasileira inerente. Basta pensar nos diversos arquétipos de mulheres indígenas representadas em diferentes meios, geralmente simbolizada como uma jovem mulher, com longos cabelos pretos, vestimentas e pinturas que remetem à cultura indígena. As personagens Paraguaçu e Moema⁴² são exemplos desse tipo de representação. Esse retrato é acompanhado de um comportamento sensual, sexual e libertino, voltado para a satisfação dos prazeres da carne — comumente, o alvo dessa excitação é o homem branco.

A produção de modelos que seriam representativos de certas ideias relacionadas a um padrão de comportamento, ou uma expectativa de ação relacionados a determinados corpos, atua na incorporação desses tipos ideais como modo de reivindicar os seus significados inerentes. A acompanhante Thalia é uma das três travestis que relacionam a categoria indígena em sua autodescrição — as outras travestis utilizam os termos *índia manauara/morena jambo* e *Japôindia*. O texto disponível no perfil de Thalia evidencia como ela mobiliza a categoria étnico-racial.

Autodescrição 15

(Perfil oficial, não sou fake)

Olá me chamo Thalia, tenho 1.69 de altura, sou uma acompanhante transexual de primeira classe em meus serviços, qualificada para o seu prazer. Sou quente e safada, uma índia amapaense nova na cidade, magrinha, feminina e delicada venha se deliciar. Gosto de homens educados e safados que gostem de se divertir entre quatro paredes, realizo fetiches e tenho experiência com iniciantes. Curiosos e desocupados serão bloqueados. Sou calma e educada, estou localizada na Zona Norte de São Paulo, com local discreto e seguro. Faço atendimentos em hotéis ou a domicílio, aguardo por você. Para mais informações entre em contato por whatsapp no telefone [...]. Venha se deliciar nesta ninfeta, aguardo sua companhia.

Perfil de Thalia.

Thalia refere-se a si mesma como uma *índia amapaense*, uma acompanhante de *primeira classe, nova na cidade e qualificada para o seu prazer*. Os adjetivos usados por ela evidenciam o uso da categoria étnico-racial voltada para a produção de um discurso sobre um

⁴² As personagens Paraguaçu e Moema são retratadas no filme **Caramuru - A Invenção do Brasil**, de 2001, dirigido e escrito pelo cineasta Miguel Arraes e Jorge Furtado. No longa-metragem, as personagens são interpretadas respectivamente por Camila Pitanga e Deborah Secco, ambas as atrizes não se identificam publicamente integrantes de qualquer etnia indígena.

corpo sexualmente deleitável e qualificado, marcando a rejeição do estereótipo da indígena selvagem. O uso da categoria *índia*, assim como as categorias *morena* e *mulata*, carrega muitas ideias preconcebidas sobre um jeito de corpo e modo de agir são mobilizadas pelo emprego delas. Para Piscitelli (1996), a forma como a prostituição é retratada na mídia brasileira evidencia algumas “marcas” pelas quais as mulheres são sexualizadas, isto é, como elas operam um “sistema de representação do exótico que torna as/os “outras/os” vendáveis” (p. 32). No caso das *acompanhantes*, trata-se de assumir para si esse sistema de representação, mobilizando diversas imagens que as tornam desejáveis e atrativas. Esse “sistema de representação” diz respeito à construção de tipos femininos e de características alocadas no polo feminino dentro da dicotomia de gênero, pois não se trata apenas de representações que comunicam importantes noções de racialidade — são também representações de gênero.

As diferentes categorias utilizadas para demarcar a racialidade evidenciam sua importância na construção de um discurso sobre si e sobre o próprio corpo. Outras categorias utilizadas para precisar a racialidade realçam que esse marcador é um dado importante ao ponto de ser mencionado e especificado — trata-se de um dado essencial na constituição da própria corporalidade, matéria-prima das trabalhadoras do sexo. A descrição acurada da racialidade põe em evidência o desejo de ressaltar o que as distingue e as torna especiais em relação às demais anunciantes. Falar sobre a própria racialidade é falar da diferença, o que pode ser bastante amplo e até mesmo impreciso. Além das categorias étnico-raciais mencionadas, termos como *oriental*; *oriental legítima*; *pele não tão clara pra ser considerada branca e nem tão escura pra ser considerada negra*; evidenciam a amplitude de significados presente nesta esfera de interações e o empenho em precisar para o leitor aspectos cruciais da própria corporalidade.

Tão relevante quanto o movimento de determinar a própria racialidade e tecer considerações sobre ela é o fato de muitas *acompanhantes* não mencionarem esse dado. Dos 125 perfis analisados, 20 deles não continham nenhuma menção à própria racialidade, cor ou etnia. É nas autodescrições que as travestis costumam descrever a própria corporalidade e serviços, contudo, quando a racialidade não é reconhecida ou mencionada, por vezes, a cor do cabelo torna-se um elemento marcante, inaugurador de discurso e definidor de identidade. A ausência de marcas de racialidade é um importante comunicador, uma vez que a maneira como marcamos nossos corpos — ou como eles são marcados socialmente — possuem reverberações simbólicas e materiais. Essas marcas sociais são expressas por uma variedade de símbolos e códigos: “ela poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a uma

determinada identidade; que seja incluído em ou excluídos de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo [...], em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado” (LOURO, 2020: p. 77).

Ao falar sobre a própria racialidade, as travestis estão elaborando significações sobre diferentes esferas atuantes em suas identidades e na forma como serão lidas socialmente. Refletindo à guisa das reverberações que isso possui no “mercado do sexo”, vemos que é um fator ainda mais influente, ordenando a classificação dos corpos como atrativos, desejáveis ou indesejáveis. Essa capacidade de incitar sexualmente quem observa é determinante para o sucesso das profissionais. As mobilizações e estratégias para aproximar a própria racialidade de uma matriz mais branqueada ou mais escurecida, a depender do contexto, em certa medida não diferem das estratégias usadas pela população brasileira no geral, e os diversos termos que giram em torno de uma mistura são evidência disso.

Elaborar autodescrições nos sites de *acompanhantes* para vender um jeito de corpo perfeito é parte integrante do *e-commerce* do sexo, um negócio cujo objetivo é vender a própria corporalidade como a ideal a ser contratada, e para isso elas usam recursos que julgam convenientes e atrativos. A constituição circunstancial de um corpo mais branqueado ou mais escurecido também é evidência de que esse mercado está de acordo com uma classificação racial mais ampla e dos seus atravessamentos sociais. O trabalho semântico feito pelas *acompanhantes* e posto em articulação com outras características corporais realça a “performatividade” envolvida na racialidade. Esse processo está entrelaçado intimamente com os modos de apresentação da própria pessoa e do próprio corpo — juntamente com a exposição visual dessa corporalidade.

2.3. A diferença é a alma do negócio

Quem acessa os sites de *acompanhantes* encontra uma variedade de perfis disponíveis na home page. Como descrito, em uma mesma página é possível visualizar uma quantidade numerosa de perfis. Diferenciar-se em meio a tantas fotos e informações é essencial para que esse seja um meio de trabalho lucrativo. No processo de autodescrição, além de construir elaborações sobre o próprio gênero, aspectos da corporalidade e da racialidade — que atua como inaugurador de discurso sobre a própria pessoa —, outros elementos são fundamentais para a construção de um discurso que incite o desejo do observador.

No primeiro contato etnográfico com as travestis, foi perceptível que a beleza e a estética são códigos constantemente postos em articulação nos discursos sobre elas mesmas e sobre as outras, é quase uma regra moral que comensura os sujeitos que ali estão. Possuir uma estética atraente e ser reconhecida como bela é importante para a maioria das travestis que pude observar, é por meio desse código que elas se classificam. É muito comum a ideia de que a beleza integra o campo subjetivo e seu princípio organizador está nos olhos de quem observa. Entretanto, a beleza é uma dimensão que desperta o interesse coletivo, os indivíduos não são indiferentes à beleza (TEIXEIRA, 2001). O que é belo não perpassa apenas os sentidos do corpo humano, trata-se de elementos que atravessam esferas simbólicas e materiais. Para o antropólogo Sérgio Alves Teixeira, independente da discussão sobre a subjetividade ou objetividade acerca da percepção da beleza, é inegável que a beleza é objeto de interesse em todas as sociedades, podendo assim, pensar na beleza como “algo que tem valor em si” (p. 192).

No início da pesquisa pelos sites de *acompanhantes*, a importância da beleza tornou-se ainda mais preponderante. O discurso sobre ela é construtor da imagem de si e da própria pessoa. Em muitos casos, essa dimensão é tão fundamental que se torna o fio condutor que ancora a apresentação de si. O tom empregado na construção das autodescrições é de persuasão, uma vez que não adianta apenas ser bonita, é preciso provar através de palavras e imagens ser mais do que isso; é preciso que os próprios clientes atestem essa característica e a registrem, uma espécie de garantia aos outros usuários. Nos trechos das autodescrições a seguir, é possível observar como esse discurso da beleza é construído — e como as categorias raciais estão implicadas—, como a beleza é mobilizada para materializar uma corporalidade semântica.

Autodescrição 16

Estou disponível para aqueles que procuram realmente uma trans feminina e bela, completa! Apenas disponível para homens educados e higiênicos ao 100%. Não venha diminuir meu cachê. Pois invisto muito na minha beleza para te oferecer pessoalmente muito mais do que minhas fotos já dizem por si só. Ativa e passiva mais bonita ao vivo que em fotos. Isso garanto! Eu tenho um belo corpo, uma linda bunda empinada e bronzeada para você socar gostoso e me fazer gozar, de tanto me socar! Tenho coxas grossas, seios lindos grandes e fatos, Cintura Fininha na régua, sou baixa tenho 1.68 de altura. Porém sempre estou com saltos muito alto porque amo. Tenho um belo pau de 20 cm bem duro e poderoso, pronto para quebrar sua bunda, meter bastante e te fazer delirar! Fazer você gozar com meu pau dentro! Espero por você com peças íntimas muito sexy, amo quando você me traz uma fantasia para eu colocar e desfilar para você! Vivo muito maquiada e cheirosa. Minhas fotos são 100% atuais e reais,

não tenha dúvidas. Comigo você vai se divertir ao máximo e no final você nunca vai me esquecer! Estou disponível todos os dias das 24 horas. Dispostas a realizar suas fantasias mais íntimas!

Perfil de Irene.

Autodescrição 17

Olá tudo bem? Deixe-me apresentar, eu sou a Perséfone, dona de um corpo bem feminino e sedutor. Sou alta, esbelta, tenho cabelos negros, pele morena, com aparência aceitável de modelo de passarela com um rosto encantador e totalmente feminino. Sou uma garota extremamente educada e atenciosa, procuro em meu atendimento deixá-lo totalmente relaxado antes do ato. Estarei esperando sempre bem vestida, maquiada e cheirosa para bem o atender. Faço fetiches, massagens, oral, beijo na boca, strip, ativa e passiva, são privilégios em meu atendimento. Meu objetivo é realizar todas as suas fantasias e fetiches mais picantes e quentes, adoro beijar porque acho que isso é o começo de tudo, um verdadeiro vulcão em todos os sentidos da palavra. Sou ativa e passiva na cama, faço estilo namoradina e estou pronta para realizar todos os seus desejos. Beijo na boca, faço beijo grego, sou sem frescuras, super liberal e o meu diferencial é que gosto de deixar as coisas acontecerem.

Perfil de Perséfone.

Com uma foto em destaque e outras secundárias, é possível ver que Irene tem longos cabelos pretos e lisos, uma leve franja lateral, sua pele aparenta estar levemente bronzeada, suas sobrancelhas são pretas, grossas e cuidadosamente delineadas, a maçã de seu rosto é proeminente — julgo que haja alguma intervenção estética —, seu nariz é pequeno e afilado, ao contrário de seus lábios, mais volumosos. Na foto, ela aparece deitada em um deck de madeira, aparentemente à beira da piscina ou banheira, com um dos braços sob a cabeça e suas nádegas estão em evidência, bem como seus seios. Vestindo um conjunto de calcinha e sutiã vermelhos, ela sorri discretamente para a fotografia. É possível ver algumas tatuagens e suas longas unhas vermelhas.⁴³

A autodescrição construída por Irene demonstra a centralidade da beleza e como ela orienta o exercício de seu trabalho. Ela se coloca em oposição a um tipo não ideal, as *trans* menos femininas e *belas*, evidenciando que a beleza adquire um valor social, de distinção e cria hierarquias para quem não consegue acessá-la plenamente. Irene esclarece que por ser uma

⁴³ Como os dados colhidos ao longo desta pesquisa estão baseados em “observação de telas” e não possuo autorização das travestis para divulgar suas imagens, optei por elaborar uma foto-descrição das imagens disponibilizadas por elas. Com esse recurso, espero que os leitores consigam formular as imagens ainda que não possam visualizá-las.

trans bela e feminina está disponível apenas para homens *educados e higiênicos*, esses seriam os requisitos mínimos diante de todo o investimento feito para garantir uma aparência bonita e agradável. É notória a importância dada a ser reconhecida como mais *bonita pessoalmente* do que nas fotos disponibilizadas, nesse contexto, é um atestado de ser tudo aquilo que está reivindicado no perfil. Teixeira (2001) destaca que a recompensa à beleza ocorre, com variada intensidade, em todas as relações sociais, mas é no terreno da sedução que ela proporciona a garantia de retorno maior e concebe-se como um estímulo de maior importância inicialmente. O antropólogo registra que a beleza parece despertar maior interesse nos homens do que nas mulheres.⁴⁴ Conscientes do potencial de atratividade, as mulheres seriam mais preocupadas em estarem belas e serem reconhecidas como tal.

Assim como Irene, a foto de destaque no perfil de Perséfone é um registro profissional: ela se apresenta sentada em um sofá branco, uma das pernas sob o móvel e um dos braços apoiados nele, levemente inclinada. Ela está trajando uma meia arrastão preta, top e calcinha pretos. Seus longos cabelos pretos estão divididos no meio e postos de lado, seu rosto é oval, olhos escuros, nariz fino e pequeno, as sobrancelhas são escuras e bem delineadas, os lábios são médios e esboçam um sorriso sedutor direcionado ao observador. Em sua autodescrição, Perséfone diz ser dona de um corpo *bem feminino e sedutor*, além de destacar algumas de suas características físicas, diz ter uma *aparência aceitável de modelo de passarela, rosto encantador e totalmente feminino*.

A interpretação de Perséfone sobre sua própria beleza e corporalidade passa por um entendimento de uma beleza aceitável e atrativa de acordo com um modelo estético vigente na indústria da beleza. Pelúcio (2005c) ressalta o desejo das travestis de se adequarem a um tipo de corpo transformado e moldado de acordo com referências “heteronormativas, sujeitas que estão a padrões estéticos e a princípios morais afinados com o que o senso comum considera normal, belo e desejável” (p. 107). Alinhar-se aos referenciais de beleza existentes na vida social é uma forma de adequar-se às expectativas da beleza. Porém, fazê-lo também revela quais são as referências sobre o que é belo e quais influências orientam a construção constante do corpo.

⁴⁴ Teixeira embasa-se em dados fornecidos por pesquisadores da Universidade de Harvard, que “mapearam a atividade do sistema nervoso central de homens heterossexuais, de 21 a 35 anos, e descobriram que a visão de uma mulher atraente causa *frisson* em algumas das áreas mais primitivas do cérebro. Do ponto de vista cerebral (masculino heterossexual, enfatize-se), uma mulher bonita causa as mesmas reações da cocaína em cocainômanos e da aposta em dinheiro em jogadores inveterados’ (Veja, 2001d, p. 108)” (TEIXEIRA, 2001: p. 201).

Em ambos os perfis, nas descrições sobre o que as faz belas, há referência a um tipo específico de corporalidade, com formas voluptuosas, arredondadas, seios fartos e nádegas proeminentes, além de formas *finas* e *esbeltas*. Ser *bem cuidada*, estar cheirosa, maquiada e bem vestida, principalmente, de maneira sensual e provocante, são códigos constitutivos do ser e estar bela. Ademais, tais descrições indicam a compreensão sobre a beleza imbricada com o entendimento do feminino. Esse dado tão fundamental mostra que não é qualquer tipo de beleza que elas estão descrevendo ou atrelando à própria corporalidade, mas sim uma beleza profundamente generificada. Analisando a célebre frase de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se”, Butler conclui que o gênero não é uma forma de identidade estável, mas sim uma forma de identidade que é temporalmente construída,

por meio de uma repetição estilizada de certos atos. Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero imemorial. (BUTLER, 2019: p. 214).

Kulick (2008) compreende que as ideias das travestis acerca do que é o feminino são tecidas em relação a uma aparência, comportamentos e relacionamentos específicos. Por outro lado, ideias sobre o feminino cujas ações ou aparências “contrariem essa ideia pré-formatada e tomadas como evidência de que as travestis entendem o universo feminino de maneira mais realista e melhor do que as próprias mulheres. Por causa disso, a feminilidade aparece como algo ao alcance de qualquer um que realmente a deseje”. (p. 111). Esse é um “valor moral” de acordo com o ethos travesti, entendido como “cuidar-se” e implica na busca constante por “padrões estéticos” e comportamentos que são entendidos como parte do feminino. Berenice Bento (2006) compreende que os sujeitos pautam suas ações de acordo com determinadas suposições e expectativas. Falando sobre gênero especificamente, isso implica em um entendimento sobre quais seriam as formas “naturais” de ser e agir. Com isso criou-se um conjunto de expectativas idealizantes sobre o que seria uma “natureza perfeita”, como é o caso da expectativa em torno da maternidade.

Conforme Butler (2018) sugere, Bento aponta que “as expectativas, em articulação com as suposições” fazem com que os sujeitos tentem produzir em suas ações e em suas práticas modelos que entendem ser representativos do seu gênero ou do gênero com que se identificam, como é o caso das pessoas transexuais (BENTO, 2006: p. 103). É por meio de negociações e interpretações que as pessoas transexuais põem em prática aquilo que consideram pertencer ao polo feminino ou masculino. A “performance” reitera constantemente os entendimentos sobre

esse polo dicotômico, uma vez que não existe uma maneira “verdadeira de ser homem ou de ser mulher”. Segundo Bento, existem “configurações práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com idealizações do feminino e do masculino” (p. 104).

No contexto dos sites, esse processo de idealização perpassa a ativação de signos e símbolos que ajudam a construir a ideia de um feminino extremamente erótico e pautado numa fabricação e reconhecimento de um corpo belo e deleitável. Mirian Goldenberg (2006) defende que em cada contexto cultural existe uma construção cultural dos atributos valorativos que fazem com que certos comportamentos sejam ressaltados em detrimento de outros: há um corpo típico de cada sociedade. Nesse sentido, mais do que bonitas as travestis se reconhecem e reafirmam como donas de uma beleza transcendental, superlativa. A maneira como adjetivam a própria beleza destaca como essa categoria é constitutiva e pertence ao ethos das *T-Gatas* que frequentam esse espaço — é um código de quem elas são e de como querem ser reconhecidas pelos seus pares.

Por sua vez, os seus clientes também reconhecem a estética travesti de modo hiperbólico, destacado e reiterado. Seguindo essa perspectiva, a analogia não poderia ser outra: a beleza e as qualidades estéticas das *T-Gatas* fazem delas *deusas*. Cada uma delas, a seu próprio modo, é uma *deusa* Vênus, dona de uma beleza capaz de sobre-exceder aqueles que pagam pelo prazer de estar com ela. Seguindo essa lógica, os sites de *acompanhantes* podem ser pensados como um Olimpo, repleto de *deusas* que anunciam a própria estética, beleza e corporalidade como o súpero, inigualáveis e únicas dentro desse *e-commerce* do sexo.

O discurso sobre a beleza frequentemente aparece associado ao marcador etário. Esse é um dado importante para a elaboração da autodescrição, pois em muitos sites há um questionário simples com informações básicas sobre as anunciantes e a idade é uma dessas informações consideradas básicas, mas elas podem optar por fornecer esse dado ou não. Em muitos perfis, essa informação não aparece como um mero dado, é atrelado às qualidades que as fazem ser belas. Os dados relacionados a esse marcador são apresentados na tabela abaixo. Dos 125 perfis analisados, 47 não faziam menção sobre a idade, enquanto as e as outras 78 *acompanhantes* mencionaram esse dado.

Tabela 3 – Faixa etária das acompanhantes⁴⁵

Idade	Número de <i>acompanhantes</i>
19 anos	9
20 anos	14
21 anos	10
22 anos	9
23 anos	13
24 anos	6
25 anos	4
26 anos	5
27 anos	4
28 anos	3
34 anos	1
Sem dados	47

De acordo com os dados da tabela, a maioria das travestis afirmam ter entre 19 e 38 anos⁴⁶. Dentro desse recorte, mais da metade das *acompanhantes* têm entre 19 e 23 anos. É notório que as anunciadas são, sobretudo, mulheres jovens, com idades próximas à maioridade legal. Compreendo que há três movimentos que ajudam a entender o marcador etário dos perfis das *acompanhantes*. Em primeiro lugar, embora muitas *T-Gatas* assumam para si o estereótipo da mulher jovial, os sites são espaços dedicados para pessoas maiores de idade legalmente, de modo que elas se marcam como mulheres jovens, quase meninas, mas dentro do limite da legalidade. O segundo ponto importante a ser considerado é o fato de a população travesti ser composta, sobretudo, por jovens. Isso ocorre por diversos fatores, em especial o fato de que o Brasil é um dos países que mais mata mulheres trans e travestis no mundo, tendo uma expectativa de vida dessa população de cerca de 35 anos.⁴⁷ O terceiro movimento que identifiquei é a erotização e sexualização que ocorre em torno do corpo jovem, principalmente de mulheres. Assim, a mobilização do marcador etário — de modo semelhante aos marcadores discutidos anteriormente — é mobilizado de um modo específico nesse contexto. Produzir um corpo de acordo com que é compreendido como sensual e desejável é o objetivo, o que inclui a possibilidade de descrever um corpo mais jovem do que ele realmente é. A juventude pode ser

⁴⁵ Fonte: elaborada pela autora.

⁴⁶ Embora muitos sites exijam documentos de identificação como uma requisito para anunciar em seus espaços, a idade é atribuída pelas próprias travestis. Elas podem escolher fornecer a idade de acordo com a data de nascimento ou atribuir um número que for mais conveniente.

⁴⁷ Para ver mais sobre o tema, acessar: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/expectativa-de-vida-de-trans-no-brasil-se-equipara-com-idade-media-diz-advogada/>>. <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>> e <<https://antrabrazil.org/category/violencia/>>.

entendida como um “capital simbólico” influente. Na descrição abaixo, é possível ver como a acompanhante Hera articula o marcador etário.

Autodescrição 18

Olá amores, tudo bem? Prazer, meu nome é Hera, primeira vez anunciando, tenho 20 anos, sou esta ninfeta iniciante e muito foga. Sou uma acompanhante completinha, faço ativa e passiva, tenho um *dote* de 20 cm, bem sacuda com bastante leitinho farto pra dar e vender. Meu corpo é todo natural sem nenhum tipo de silicone, peitinhos de hormônio uma pele lisinha e macia de bebê, adoro que me façam gozar, chupando vamos ter muitos orgasmos juntinhos, claro. Atendo 24 horas. Sou liberal entre quatro paredes, bem carinhosa e atenciosa, gosto de tratar meus clientes como se fossem meus namoradinhos secretos. Adoro ser bem ativa na cama e dominar, tudo no seu limite e no que você permitir, podemos inverter os papéis e você ser a minha menininha, posso te emprestar minhas roupinhas e uma peruca, tenho diversos brinquedinhos, como consolos etc. Tenho um local discreto de atendimento, com estacionamento, me desloco a hotel, motel e residências. Venha passar bons momentos ao meu lado, adoro beber um bom vinho, um bom papo e um bom sexo. Prazer garantido ou seu dinheiro de volta!!!

Perfil de Hera.

Alguns elementos descritos por Hera se destacam em relação à função do marcador etário e na elaboração de um discurso sobre um corpo gerador de prazer. Ela se descreve como uma *ninfeta iniciante* de 20 anos de idade, usa os adjetivos no diminutivo, como *completinha* e a já conhecida *pele lisinha*, associada ao que ela denomina de *pele macia de bebê*. Ao longo de seu anúncio, os termos *menininha*, *roupinhas*, *brinquedinhos* e *namoradinho* também são flexionados no diminutivo. Nessa conjuntura, o emprego do diminutivo opera o exercício da feminilidade e imprime uma sensualidade ao discurso que, associado ao adjetivo *ninfeta*, evidencia a intencionalidade de retratar uma corporalidade bastante jovem e, principalmente, sensual. Ademais, o papel de *ninfeta* e de *namoradinho* aludem a uma performance de determinado tipo de mulheridade, o da namorada fiel. A figura da *ninfeta* relaciona-se diretamente com a figura da Lolita⁴⁸ — uma adolescente bastante jovem e com ar de inocência, docilidade e ingenuidade. Além disso, a Lolita e a *ninfeta* possuem em comum o fato de serem

⁴⁸ O romance *Lolita*, escrito em 1955 pelo escritor russo Vladimir Nabokov, tornou-se notável pelo seu enredo principal bastante polêmico: o interesse e envolvimento sexual de um padrasto de meia-idade por sua enteada de 12 anos, chamada Dolores, conhecida intimamente como Lolita.

o objeto de desejo de homens muito mais velhos, que se encantam e se sentem seduzidos pela sua aparência extremamente jovem e sensualidade, considerada por esses homens como própria da juventude.

O desejo por mulheres que se encaixam nos estereótipos de *ninfeta*, Lolita ou *menininha* não é uma exclusividade dos sites de *acompanhantes*, é uma questão muito mais ampla. Cabe salientar que a idade não é um marcador puramente biológico, ele é imbuído de diversas camadas sociais e culturais. Guita Grin Debert (1998) fala sobre a distinção entre um fato biológico e universal, que é o envelhecimento do corpo humano, e um fato social e histórico, que é a maneira pela qual o envelhecimento é percebido e vivido. Quando se discute o envelhecimento no contexto da sociedade ocidental, as debilidades causadas no corpo humano são muito mais abordadas — processos perceptíveis e importantes de serem visibilizadas e discutidas —, porém pouco se fala das potencialidades que podem ser vivenciadas e alcançadas nessa etapa da vida. O que se percebe é a associação da juventude como o ponto alto da trajetória de vida de um indivíduo, atribuído como dádiva a ser mantida. Nesse sentido, Debert (2004) pontua que “as categorias de idade presentes em uma sociedade e o caráter dos grupos etários nela constituídos são um material privilegiado para pensarmos na produção e reprodução da vida social em diferentes contextos culturais” (p. 2).

Em relação ao domínio da sexualidade, a produção de um corpo desejável está relacionada com o seu reconhecimento da juventude. Essa jovialidade não está contida apenas no dado biológico, mas nos significados sociais contidos nele, inclusive em toda produção investida na manutenção da corporalidade jovem. A desejabilidade e a percepção do que é belo ou não, como dimensões socialmente construídas, conectam-se diretamente com o marcador etário. Isso não quer dizer que um corpo jovem seja visto, necessariamente, como sensual e desejável, mas essas dimensões influenciam densamente na construção do desejo, uma vez que a maioria das nossas referências são construídas a partir desses encadeamento. Debert consegue expressar fielmente essa dimensão ao enfatizar que

considerando que as idades assim como gênero são relacionais e performáticas, o argumento central [...] é que assistimos a um duplo processo que ativamente dissolve a ideia de vida adulta. Por um lado, a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido a qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta motivação para a vida, uma espécie de doença auto-inflingida, como são vistos hoje, por exemplo, o fumo, as bebidas alcóolicas e as drogas. (DEBERT: 2004, p. 3).

Debert apresenta uma perspectiva duplamente interessante relacionada à percepção da juventude. A primeira delas é que a juventude se constitui para além de um grupo etário, assume um “valor”, e os sujeitos engendrados dentro dessa perspectiva são socialmente reconhecidos por ela. Ser percebido como alguém cuja aparência é jovem torna-se elogioso e desejável mas, mais do que isso, é algo a ser conquistado e mantido a todo custo. Com isso, é perceptível que a juventude não é apenas um estágio da vida humana pelo qual todos os seres humanos irão passar, não é um dado puramente natural, trata-se de uma dimensão performática. A juventude aparece como “performance” na medida que ela é apreendida e reproduzida de uma maneira específica — *Lolita* ou *ninfetinha* são adjetivos que integram uma expectativa de corpo e de agir peculiar. No caso das *acompanhantes*, é esperado um tipo de juventude bastante relacionada à corporalidade bem cuidada, considerada bonita e com dimensões específicas e diferentes tipos de investimentos.

A juventude é performática à medida que está intimamente relacionada a uma expectativa de gênero. O anseio por uma aparência permanentemente jovem e tudo que ela engloba é uma exigência socialmente feita às mulheres. Não saber envelhecer é uma acusação comumente feita às mulheres de todas as idades, resumindo a expectativa de que a passagem do tempo seja pouco percebida em seus corpos. As marcas do tempo se convertem em pecado mortal em uma sociedade que espera que as mulheres permaneçam sempre jovens. A beleza e o envelhecimento são interpretados como pares opostos, de forma que uma mulher sexualmente atrativa costuma ser entendida como jovem. Enquanto muitos homens na medida que envelhecem são considerados mais interessantes e exemplos de bom envelhecimento, para as mulheres costumam ser relegadas as críticas e cobranças para investirem todos os tipos de esforços para recuperar e manter a juventude. A produção e reprodução de discursos e imagens sobre a juventude associada à beleza fazem parte do negócio do sexo, ao reafirmar um comportamento esperado das mulheres. Longe de ser problematizado, o desejo por *meninhas* é continuamente reafirmado e reproduzido no discurso. Esse jeito de corpo é esperado e desejado, independente da própria faixa etária e de se sua própria corporalidade é considerada aprazível para aquelas com quem se relacionam.

2.4. Dignas e irrepreensíveis deusas do poder, luxo e riqueza

Além de características estético-corporais, faz parte dos recursos acionados pelas travestis enumerar os traços ético-morais que as constituem. Chamo de categorias ético-morais os termos usados para se autoqualificar moralmente, relacionando o entendimento do que faz uma boa e uma má *acompanhante*. Tão fundamental quanto ser reconhecida como sexualmente atraente é ser vista como uma pessoa agradável, profissional, confiável e dona de um atendimento guiado por princípios éticos que não coloquem em risco o sigilo e a segurança, fundamentais para a relação cliente-travesti.

As travestis relacionam em seus perfis diferentes tipos de adjetivos que fornecem aos leitores um panorama de quem elas são para além da aparência estético-corporal. As narrativas construídas por elas, assim como suas descrições da própria corporalidade, não dizem respeito só a elas próprias. O que é dito também constrói discurso sobre o outro: as travestis falam de si em sentido hiperbólico, criando um tipo ideal em oposição ao tipo considerado negativo. As qualidades sócio-morais destacadas auxiliam na construção e qualificação dessa oposição, e a partir dessas características os leitores podem atestar que se trata de um tipo ideal. As descrições dispostas a seguir salientam algumas nuances envolvidas nesse processo semântico de construção ético-moral.

Autodescrição 19

Ola lindos, me chamo Vesta. Sou uma linda trans, super top, tipo panicat, com corpão natural, como vocês podem verificar nas fotos, também sou super educada, simpática, cheirosíssima, elegante, divertida, sexy, muito carinhosa e atenciosa. Sou uma acompanhante de luxo para homens de ótimo gosto. Sou ativa, com um *dote* de 17 cm bem duro e viril, também sou passiva, como você quiser, com um bumbum grande, durinho e empinado. Isso vale para homens, para iniciantes sei deixar eles super a vontade com meu jeito 100% feminino e discreto. Meu local é ótimo e tranquilo, ambiente climatizado, ótima localização. Garanto que não vai se arrepender e que terá momentos de muita diversão e prazer, venha conferir.

Perfil de Vesta.

Autodescrição 20

Olá amores, muito prazer, me chamo Belona, sou a transex dos seus sonhos, primeiramente gostaria de salientar que você está lidando com uma pessoa honesta, irei te fazer pirar de prazer. Conhecida em todo o território nacional não só por minha beleza física, mas também pelo meu caráter, simpatia, educação e entrega total ao cliente proporcionando assim um ótimo e perfeito atendimento. Ativa com um *dote*

grande e duro de 21 centímetros e uma passiva com um bumbum enorme e guloso de 110 centímetros. Se você não me comer gostoso, o comido será você.

Perfil de Belona.

Assim como os relatos anteriores, Vesta e Belona caracterizam seus aspectos estético-corporais mais relevantes, além disso, deixam evidente traços importantes e diferenciais da própria personalidade. Vesta se define como *super educada, simpática, cheirosíssima, elegante, divertida, muito carinhosa e atenciosa*. Já Belona se caracteriza como uma *pessoa honesta, que é reconhecida não apenas por sua beleza física, mas também pelo caráter, simpatia, educação e entrega total* em seu atendimento. Além dessas características elencadas por elas, possuir *carisma, tranquilidade, atendimento ímpar, conversa agradável, ser atenciosa, respeitar sempre os limites, ser paciente, ter bom papo, ser ultra profissional e sem frescuras, calma e sem pressa, atendimento impecável, ser elegante, sofisticada, discreta, zelar por conforto e segurança, ser sigilosa, limpa e higiênica* são algumas das muitas características descritas como pertencentes à acompanhante ideal.

Essas características apontadas pelas travestis como constitutivas das próprias personas evidenciam a associação de características ético-morais fortemente relacionadas a um determinado comportamento esperado das mulheres de um modo geral. Os diferentes adjetivos ampliam o entendimento para a expectativa em torno da representação de gênero e comportamentos ideais considerados a partir de hierarquia de gênero. Louro (2020) relembra que definir alguém como “homem” ou “mulher” está relacionado a defini-lo como sujeito de gênero, e necessariamente ordená-lo de acordo com marcas distintivas de uma cultura. Isso implica em um sistema de significações relacionais e “para garantir a legitimidade aos sujeitos, normais regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais” (p. 82). Do mesmo modo como ocorre com outras normas sociais, alguns indivíduos buscam adequar-se a elas e outros não. Contudo, ambos os movimentos requerem investimentos e esforço dos sujeitos.

A docilidade, elegância, carinho e atenção, entre outros adjetivos descritos, são partes importantes dessa expectativa relacionada ao comportamento feminino e mostram a tendência de enfatizar a amabilidade e características morais que demonstram benevolência intrínseca. Para além dessa expectativa contida nos papéis de gênero, a relação cliente-travesti também pressupõe idealizações de relacionamento entre homens e mulheres, com certos comportamentos desejáveis. Embora sejam mediados pelo pagamento, os modos de agir e de

ser das *T-Gatas* não devem ser um lembrete de que o dinheiro interpela essa relação — chamado de *atendimento mecânico* —, é necessário fazer o cliente se sentir como *namoradinho* por algumas horas. A divulgação por parte dos clientes de “listas brancas” e “listas negras”⁴⁹ (PELÚCIO: 2005) em fóruns e sites da internet está muito relacionado com a forma como as travestis se comportam durante o encontro presencial.

Em sua autodescrição, Vesta afirma que seu perfil é destinado para homens de *ótimo gosto*. Afirmações como *uma ninfeta para um público exigente, ideal para você que tem bom gosto e procura um atendimento diferenciado*, são algumas das maneiras de as travestis empregarem marcas de diferença em relação a um tipo não-ideal, geralmente tudo aquilo que elas não são ou aquilo que não está corporificado em seus personas. A diferença e a diferenciação são elementos construídos pelas travestis e retratam aspectos importantes relacionados ao exercício da alteridade. A diferença é um elemento central para compreender como as travestis narram as próprias pessoas e como se relacionam com o outro. Aqui, podemos recorrer ao que Avtar Brah (2006) denominou de “diferença como relação social”: a maneira como a diferença é construída e organizada nas relações por meio de “discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais” (p. 362). A diferença é uma forma de relação social fundamental, está contida em si e no outro, organiza as relações. É a partir disso que elas se organizam, classificam e ordenam, bem como as demais. A diferença é tecida tendo o próprio perfil como matriz de referência, utilizada para qualificar os pares, produzindo assim a diferenciação. Brah compreende que a subjetividade e a identidade são pares importantes para compreender a diferenciação social.

Os aspectos ético-morais são articulados e delineados de diferentes modos pelas travestis e produzem diferenciação. Uma vez que esses processos constituem os sujeitos de diferentes modos e estão submetidos a diferentes mediações, “a atenção a esse ponto revela a experiência como um lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas” (BRAH, 2006: 361). Parte desse processo de diferenciação está na estratégia de associar a própria pessoa a símbolos ligados a diferentes nuances de classes. O próprio reconhecimento do *bom gosto* perpassa pelo reconhecimento de uma posição de classe de quem enuncia e de quem fala. Se posicionar como uma travesti destinada a apreciação de homens de *bom gosto* deixa implícito

⁴⁹ Estas categorias, citadas anteriormente, serão exploradas no capítulo 3.

diversos signos não reconhecíveis por uma pessoa qualquer, e sim apenas por aquelas que possuem esse mesmo bom gosto.

A utilização das plataformas digitais como meio de trabalho é um fator de distinção, uma vez que demanda certo conhecimento sobre o funcionamento dessas ferramentas, sobre Internet e requer um pagamento anterior ao lucro — é quase um investimento sem promessas de sucesso. Pelúcio (2005c) destaca que o uso de plataformas digitais faz com que as travestis se tornem mais “prestigiadas”, possibilitando a cobrança de valores mais elevados em seus programas. O marcador de classe aparece nas autodescrições de diferentes modos, porém repetidas vezes como um exercício de diferenciação. As ferramentas semânticas utilizadas por elas diferem de perfil para perfil — assim como ocorre com as categorias de gênero e de raça. Contudo, o exercício da alteridade empregado em alguns perfis é significativo e representativo desse movimento, conforme as autodescrições reproduzidas a seguir.

Autodescrição 21

Atendimento exclusivo de primeira classe somente em Motel/Hotel com horário marcado com antecedência. Me chamo Minerva, sou uma linda acompanhante Transex e pronta pra realizar seus maiores desejos. Sou uma trans de alto nível, Speak english, educada, sofisticada, elegante, inteligente, sensual e safada. Que entra e sai em qualquer lugar, com sua educação e sensualidade, perfeita para homens de bom gosto. 1.70 de altura... 18cm de *dote*... Gosto de luxo, sexo poder e maturidade, pra assim podermos ter um momento único e inesquecível, viajo o mundo para conhecer todos os tipos de homens e saber atender cada um exclusivamente, higiene total e muita putaria com responsabilidade. Não gosto de ficar falando em dinheiro, corta o clima, então o valor todos sabem, o que é bom custa caro mas vale a pena, te aguardo prontinha muito linda cheirosa com cremes e perfume importado, porque o homem que estiver comigo é um homem privilegiado. Ligue com antecedência para podermos ter um momento exclusivo sem pressa e bem aproveitado! Beijos de língua se merecer... rrsr

Perfil de Minerva.

Autodescrição 22

Oie meus amores, me chamo Sulis. Sou uma acompanhante transex, universitária com alto nível cultural, morena de luxo estilo namoradinha e cheia de amor para te dar. Sou uma companhia muito agradável, ninfetinha de luxo, baixinha, discreta, marquinha de biquíni, pelinhos descoloridos, super educada e com uma boa índole. Sou ativa e passiva, com 20 cm de *dote*, uma língua de veludo, pés tamanho 35, tenho 1.63 de altura, e tenho um corpinho de mignon, toda gostosa e durinha para você.

Adoro uma safadeza sem frescura, faço um oral bem molhado e guloso! Atendo em hotéis, motéis e a domicílio, possuo local super discreto e de fácil acesso, aceito todos os tipos de cartões.

Perfil de Sulis.

Minerva coloca a diferenciação em prática de diferentes modos, começando pelo esclarecimento sobre seus atendimentos de *primeira classe*; seguindo essa lógica, há atendimentos de classes inferiores. Ela destaca *seu alto nível, educação, sofisticação, elegância, inteligência*, além de frisar que fala outro idioma e que com sua *educação e sensualidade* pode transitar em diferentes ambientes, além de ressaltar que *o que é bom custa caro mas vale a pena*. Embora mais sintética, Sulis também articula em sua autodescrição nuances do marcador de classe ao afirmar que é uma *morena de luxo e universitária com alto nível cultural*. Ambas as *T-Gatas* associam o acesso à educação escolar como algo que as distingue das outras *acompanhantes*. Falar outro idioma e frequentar cursos universitários atuam como fatores de distinção social e são vistos como uma forma de prestígio social. Essas características são socialmente reconhecidas como notórias e conferem diferenciação aos sujeitos. Nesse contexto, eles se tornam diferenciais incorporados e transformados em valor, a partir da construção da própria identidade articulada com ideias simbólicas que transmitem a imagem desejável de uma acompanhante *diferenciada*.

Esses perfis constroem um tipo de narrativa muito atrelada ao “capital simbólico” e podem ser pensados como um recurso para expressar nuances de poder. O “capital simbólico” e a afirmação de determinada posição de classe são hierarquias classificatórias e não por acaso torna-se uma informação tão fundamental. Não é só sexo que está em jogo, há outros mecanismos de elevação e distinção que atuam na definição de uma boa *acompanhante*. A associação do sexo como parte da *diversão* ou prazer e a recusa em categorizar o sexo apenas como forma de trabalho não deixa de ser uma exercício desse “capital simbólico” e um afastamento da imagem de “prostituta” — na atividade pernicioso, imoral e indesejada. A construção de uma narrativa de uma mulher de bem é uma benesse e afasta os estigmas que rondam as profissionais do sexo. E não apenas, aproximam de uma ideal de feminilidade, como destacam Silva e Blanchette,

Entre as mulheres brasileiras, a respeitabilidade continua a ser um forte divisor, que opera em torno de uma feminilidade racializada e sexualizada, crivada por marcadores de classe. Ser “do bem” ou “da família” – ser “madame” ou “sinhá”, enfim – referência performances de uma feminilidade entendida como “branca” ou “civilizada”, porém nem sempre ensaiada por corpos brancos. (2017; p. 43).

O *poder* e o *luxo* são categorias influentes quando se trata do marcador de classe no contexto dos sites de *acompanhantes*. Ser reconhecida como uma *acompanhante de luxo* diz respeito não ao modo como elas se apresentam, mas sim a como gostariam de ser reconhecidas. Lima (2009) aponta para o fato de que no processo de elaboração da autodescrição é informado não quem eu sou, e sim como gostaria de ser reconhecido. Em uma sociedade marcada pelo consumo e pela importância do dinheiro, ser reconhecida como acompanhante de *luxo* é também uma forma de reconhecer a diferenciação que é pretendida. Refletindo de um modo mais amplo, esse processo de diferenciação não ocorre apenas em relação às travestis que ocupam esse espaço. Ser reconhecida pelo *luxo* e *poder* que possuem é também distanciar-se da imagem estereotipada sobre as travestis — marcada pela condição empobrecida e o exercício baixo do meretrício. É desejável ser associada ao *luxo* e ao *glamour*.

Não é possível obliterar dessa equação o fato de que a prostituição enquanto opção de atividade remunerada apresenta-se — entre outros tantos fatores individuais e coletivos — como uma atividade com condições de trabalho e remunerações muito melhores que outros tipos de trabalhos (BLANCHETTE; SILVA, 2009). Blanchette e Silva apontam uma dimensão muito importante a se considerar quanto se trata da prostituição: mais de uma opção de trabalho, o “mercado do sexo” pode ser uma das maneiras mais eficazes de “ascensão socioeconômica”. No caso das travestis, as oportunidades de empregos no mercado de trabalho são limitadas pelo preconceito, de forma que a prostituição, além de um meio de sobrevivência, é uma opção real de ascender economicamente. Nesse sentido, as categorias ético-morais auxiliam na qualificação social das *acompanhantes* — ser descrita e, mais que isso, reconhecida como uma pessoa de *caráter* e *sofisticada*, por exemplo, ajuda a desmistificar a imagem do senso comum acerca das travestis.

Essas dimensões se retroalimentam, uma vez que ser bem vista faz com que sejam consideradas como *acompanhantes* “lista branca” (PELÚCIO, 2005) pelos clientes, sendo um atestado para os futuros clientes de que é um perfil seguro. Mais do que isso, as qualificações ético-morais e suas intersecções com o marcador de classe indicam uma classificação de “múltiplos meretrícios” (BLANCHETTE; SILVA, 2009) em que há uma “presunção de existência de uma escala totalizante moral/econômica que pode ser usada para classificar os tipos de trabalho sexual” (p. 26), dentro dessa classificação há outros critérios que agrupam e categorizam. As produções fotográficas são recursos mediadores dessas

classificações, haja vista que elas recorrem à pretensa concretude das imagens para endossar todas as perspectivas mencionadas, um tipo de atestado de quem são e de quem dizem ser. As fotos são poderosas aliadas da descrição textual, são comprovações dos aspectos estético-corporais e alguns dos aspectos sócio-morais reivindicados por elas.

Em sua autodescrição, Aria se define como uma *transex exclusiva, oriental, de alto nível, Ensino Superior, educada e de boas maneiras*. As fotografias disponíveis no perfil a registram em momentos diversos e oferecem aos clientes diferentes perspectivas de quem ela afirma ser. Algumas das fotos, como a de destaque de seu perfil, são de um ensaio profissional, produzido em um local que parece se tratar de uma suíte de hotel ou motel. Com roupas e cenários que remetem à cultura oriental, Aria posa de diferentes formas, colocando em evidência seus seios volumosos e seus glúteos. Em outras fotos, ela compartilha momentos de seu cotidiano, por meio de selfies menos produzidas, ela se exhibe de biquíni em praias e restaurantes —faz questão de se deixar fotografar em posições que destaquem a aparência *luxuosa*—, aparece em fotografias em pontos turísticos mundialmente famosos como a Torre Eiffel e o Coliseu. A escolha de compartilhar fotografias em restaurantes ostensivos e pontos turísticos não deixa de ser um atestado de determinada posição de classe que contribua para a verificação da *boa educação e elegância*. Em outros perfis, imagens em câmaras de bronzeamento artificial, salões de beleza, com casacos de pele, bolsas e sapatos de grife, em baladas e festas operam diversos signos socialmente associados a essas posições de classe.

Nos cenários da prostituição, o luxo aparece como fantasia que envolve e veicula a prática prostitucional em certos meios, direcionando-a para um certo público consumidor. O luxo é um “selo” do produto sexo, neste caso. E pensar em como se constrói este selo oferece um caminho para alcançar um feixe de significados para este luxo. (LOPES: 2021, p. 7).

As fotografias são partes importantes da construção de “significados para este luxo”, uma vez que as imagens têm o poder de construir e transmitir inúmeros sentidos. Lima (2009) pontua que as imagens remetem à adjetivação e atribuição das coisas, pessoas e lugares a partir da ordem social que está estabelecida e legitimada. Trata-se de compreender as redes de significações simbólicas utilizadas por elas para construir esses portfólios imagéticos, haja vista que as imagens “estampam a figuração de indivíduos que se articulam a partir a partir de um repertório codificado de atitudes, gestualidades, elementos materiais e simbólicos que sugerem um determinadas identificações e um determinados posicionamentos sociais” (p. 121). Além de veicular imagetivamente os adjetivos que postulam em suas autodescrições, as imagens têm como função preparar o cliente para o que ele vai encontrar no ambiente offline.

Frequentemente, as travestis registram em seus perfis que suas fotos não possuem nenhum tipo de *Photoshop* ou alterações de outras naturezas, afirmação que costuma vir acompanhada da asserção de que são muito mais bonitas e encantadoras pessoalmente do que nas fotos. Barthes (1984) considerava que uma das características diferenciais da fotografia é a incapacidade de se separá-la de seu referente.

O desenvolvimento tecnológico trouxe inúmeras vantagens para o campo da fotografia — é possível fazer manipulações de todos os tipos em uma única imagem, de forma que o que é registrado em um instante pode ser transformado no minuto seguinte. Criar mecanismos semânticos que atestem a realidade do que está sendo anunciado é uma estratégia importante para as *anunciantes*, “é inquestionável que os sujeitos estão imersos em, e se constituem por, uma gama de imagens fragmentadas, cujas leituras não necessariamente são detidamente refletidas, mas os impele ter respostas imediatas”. (BELELI: 2015: p. 95). Desse modo, as autodescrições e as imagens funcionam de modo complementar: são dois tipos diferentes de autorrepresentação que buscam delinear uma corporalidade, modo de ser, agir e pensar que só serão confirmadas na esfera *offline*.

O mais imperativo no estabelecimento dessa conexão por intermédio dos sites é conseguir — por meio de diferentes estratégias semânticas e das fotografias — despertar o interesse de quem observa para que a relação se concretize na esfera on-line ou comercializar outros tipos de serviços que são ofertados. A articulação de aspectos estético-corporais e de nuances ético-morais são primordiais para o sucesso desse negócio do sexo intermediado pelas plataformas de *acompanhantes*, uma vez que essas têm como principal objetivo despertar a excitação e envolver quem observa. Pretendem ser espécies de deusas do sexo, garantem aos clientes que se deixarem envolver por seus encantos que serão brindados com um gozo transcendental que só elas poderiam proporcionar: as mulheres fálicas

CAPÍTULO 3

Em busca de Eros

3.1. O dote da deusa

Reiteradamente, as travestis afirmam em seus perfis que são *mulheres com algo a mais* ou *mulheres diferenciadas*. Essa diferenciação reverenciada ocorre em muitos níveis — como demonstrado ao longo dos capítulos —, e essa referência ao *algo mais* está ligada ao principal fator de distinção entre a corporalidade travesti e a cisgênera: a presença do pênis. Sobretudo, é ele que marca a diferença da corporalidade travesti. Para compreender algumas lógicas envolvidas nas interações dos clientes com as travestis nos sites, considero importante começar pelo pênis das travestis, fortemente celebrado por elas e desejado pelos clientes, que fazem questão de reiterar seu desejo. O anonimato propiciado pelos sites de *acompanhantes* permite que, através do contato on-line, sejam marcados encontros sexuais em locais previamente agendados. Porém, além de encontros, os sites são espaços para os usuários interagirem de diversas formas com as travestis antes de estarem, de fato, com elas. É possível explorar diversos aspectos das próprias práticas e desejos sem tantos tensionamentos que poderiam existir em outros tipos de interação, já que essa opção não exige nenhuma comprovação de identidade. O relato reproduzido abaixo evidencia algumas nuances dessas interações que se desenrolam entre cliente-travesti.

Relato 6

Oi delícia, quero este dote dentro do meu cuzinho virgem louco para ser penetrado e tbm te penetrar gostoso e sugar este seu leitinho gostoso

O órgão sexual é muito importante na relação cliente-travesti e isso fica evidente nos comentários postados no site Vermelho, como é o caso do relato 6. O pênis é posto em destaque tanto nos discursos das travestis sobre elas mesmas quanto nos relatos dos clientes. De alguma forma há menção ao pênis em todas as autodescrições, como as medidas, espessura e capacidades sexuais. Nesse contexto, o pênis é alçado à outra dimensão, não por acaso é

chamado de *dote*. Se buscarmos o significado dessa palavra no dicionário, uma das definições descreve que em seu sentido figurado, o *dote* é uma “qualidade física, intelectual ou moral; dom, mérito.”⁵⁰ Assim como seu significado semântico, a genitália das travestis assume a qualidade de dom. A valorização e centralidade do pênis é incentivada também pelos próprios sites, em alguns deles há um campo pré-formatado para que a acompanhante informe as dimensões e tamanho do *dote*. Um dos aspectos relevantes envolvidos no desejo pelo *dote*, como fica evidente no relato 6, é a busca pela perda de uma determinada virgindade, que só tem lugar na relação cliente-travesti e nenhuma outra mulher pode proporcionar, pois ela se efetiva através do falo.

Nas fotografias disponibilizadas pelas *acompanhantes*, é possível observar um contraste no universo de significações dicotômicas de gênero: por um lado há a exibição e a produção semântica de um corpo altamente feminino, esculpido, arredondado e cheio de signos que operam na reiteração de gênero. Por outro lado, há a exibição veemente do pênis, sempre exposto, central, ereto e rígido, dentro dessa esfera de significação é um signo pertencente ao masculino. Em um primeiro momento, pode parecer que essa discrepância operacionaliza uma quebra de significados e da “ordem compulsória de sexo/gênero/desejo” (BUTLER, 2018). Entretanto, é esse o diferencial das *acompanhantes*, são pessoas altamente femininas e com a capacidade penetradora, é o que as tornam celebradas pelos clientes — é o *diferencial* —, tornando a exaltação do pênis um elemento central ao falar do corpo, talvez a mais valorosa no contexto de comercialização do sexo.

Em algumas descrições, o *dote* é tão central que ocorre o apagamento do corpo e da pessoa que o acompanham, o discurso centra-se nas dimensões que o pênis possui, o comprimento e a largura. É importante que os clientes saibam o tamanho do *dote* e se ele é capaz de garantir o prazer que buscam. Algumas *T-Gatas* se classificam como *superdotadas* e qualificam em detalhes a capacidade do pênis de oferecer o gozo. As fotografias auxiliam na construção em torno da virilidade do *dote*, é comum que divulguem registros que destacam o pênis ereto, em diversos ângulos, além de vídeos que demonstram o que ele é capaz de proporcionar.

Essa forma de apresentação da própria genitália impulsiona aquilo que Preciado (2018) denomina de “*potentia gaudendi*”, que pode ser definida como a “‘força orgástica’, como a potência (presencial ou virtual) de excitação (total) de um corpo” (p.44). De acordo com o autor,

⁵⁰ Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/dote>>.

essa potência não tem fronteiras de gênero ou sexualidade, no capitalismo farmacopornográfico a “potentia” existe em várias formas, inclusive na pornografia e no trabalho sexual. Assim como as imagens, as palavras são fortes artifícios para estimular e ativar ainda mais essa *potentia gaudendi* de que fala Preciado. É por meio de suas autodescrições que as *acompanhantes* conseguem dizer quais suas habilidades e capacidades durante um atendimento, e costumam enfatizar as suas capacidades de serem ativas, penetrantes, além de passivas e *namoradinhas*, que permitem ser penetradas.

O uso da categoria *namoradinha* evidencia uma lógica interessante relacionada à compreensão dos papéis sociais do penetrante e do penetrado. Quando elas desempenham o papel penetrador e os clientes estão em busca de seu *dote*, costumam dizer que farão deles suas *namoradinhas*; do modo inverso, quando são elas as penetradas dizem que são as *namoradinhas* de seus clientes. O termo é invariável e o que pode ser cambiante é quem desempenha esse papel. A associação entre ser o agente penetrável e ser *namoradinha* aponta para a compreensão dos que atores sociais têm sobre o polo penetrante e penetrável, indicando que dentro desse universo de significação essa é uma atividade feminina. Seguindo essa lógica, aquele que permite ser penetrado acessa um domínio que é feminino por excelência. Por outro lado, o sujeito que pratica o ato de penetrar em outrem não sofre a adjetivação oposta e não passa, a priori, por um processo de masculinização. Ao menos no discurso, ao penetrarem os clientes, elas ainda acessam uma zona feminina, porém, no papel de *dominadora*.

Para os clientes que têm predileção por ser penetrado, o tamanho do *dote* parece ser bem importante e eles fazem questão de comentar essa característica. *T-Gatas* com medidas avantajadas são bastante celebradas, são o súpico aquelas com o pênis que ultrapasse os 18 centímetros. Autointitulada como a acompanhante mais desejada do mundo erótico por conta de seu *dote* de 25 centímetros — em suas redes sociais costuma compará-lo à uma joia —, Afrodite tem fotografias dos mais variados estilos que colocam em destaque seu famoso *dote*, em alguns cliques aparece comparando seu pênis com alguns objetos para que o espectador possa de fato comprovar que se trata de um *dote* avantajado. Em uma das fotos, Afrodite compara o próprio pênis a um sapato de salto alto vermelho, comprovando que seu pênis é, de fato, do tamanho que ela diz ter. Também é comum que as travestis comparem o próprio *dote* com tamanho de embalagens de detergentes, desodorantes e controles remotos. No relato abaixo, um dos clientes de Afrodite retrata a relevância de seu *dote* e do material divulgado nos sites.

Relato 7

Sai com Ela a 2 horas atrás, eh muito experiente mas eu num guentei, mama molhado, lambe com tesão, me colocou pra mamar socou na garganta até sair lágrimas, bateu com o mastro na minha cara que doeu até a mandíbula, depois me pegou de PPM vi estrelas pois sou iniciante, ela domina a situação mas como disse eu gosto muito mais de vivenciar e ler os relatos do que de participar da cena, mas ela eh dominante, quem for vai ser dominado e virar refem da sucuri.

Depois de relatar sua experiência com Afrodite em minúcias e narrar o papel do *dote* nesse encontro, o cliente ressalta a preferência pelo papel de espectador dos sites do que a interação presencial. Preciado descreveu como a fotografia permitiu a produção de um sujeito sexual e de uma verdade visual, “obviamente, este processo de representação do corpo já havia começado no século XVII com o desenho anatômico e pornográfico, mas é a fotografia que vai conferir a essa produção técnica do corpo o valor de realismo visual” (2018, p.122). Disponibilizar vídeos de interações sexuais é parte da produção desse realismo virtual, servindo de base para vivenciar diferentes formas da sexualidade, “nos corpos sem um apêndice erétil visível, o desejo existe em um espaço poético de indeterminação, em uma jurisdição sexual que se expressa como conhecimento internalizado antes de se tornar visível” (Id. Loc.,p. 265).

Nesses vídeos, é comum que as *T-Gatas* também se deixem retratar sendo penetradas, mostrando não apenas o que são capazes com seus pênis, mas que estão aptas a outras práticas sexuais. Nesse sentido, embora a valorização do pênis seja latente, há fotos em que as acompanhantes simulam o formato de uma vagina ao *aquendar a neca*⁵¹, um tipo de jocosidade, um jogo de esconde e revela com o imaginário de quem observa. Isso evidencia como nesse universo de significação as fronteiras entre o feminino e o masculino são borradas constantemente, bem como os papéis sexuais também são postos em constante negociação, subvertendo amiúde a “distinção sexo/gênero” (BUTLER, 2018: p.223), que associa mulheres e homens ao que é penetrada e não penetrante, quem possui vagina e pênis, respectivamente. Contudo, nesse contexto, as travestis exibem uma feminilidade portadora de pênis potente e viril, sempre disposto ao gozo.

Nos comentários, também são reveladas diversas nuances do erotismo, do desejo, da sexualidade e masculinidade que se conectam de distintas maneiras. Muitos usuários usam esse recurso para narrar um programa realizado com alguma travesti, não poupam detalhes do

⁵¹ É uma expressão do dialeto pajubá utilizada na comunidade LGBTQIA+, principalmente pelas travestis, como uma forma de proteção, comunicação e reconhecimento travesti. Essa expressão significa esconder o pênis.

encontro sexual e das sensações e excitações; outros usuários usam a ferramenta como forma de expressar o desejo que sentem por determinadas travestis e quais práticas gostariam de realizar. O usuário do relato a seguir descreve uma fantasia que gostaria de realizar com uma determinada travesti:

Relato 8

Tenho uma fantasia que nenhuma T respondeu ainda...Quero perder meu cabaço com uma gata tarada e bem depravada. [...] encher minha boca com litros do seu leite e depois me comer com vontade [...]. Quero sentir esse néctar quente sendo despejado no meu rabo desaguando e inundando tudo. Enquanto tiver forças não o quero parar...Me coloca de bruços, deita em cima de mim e me possui. Já que quero provar, tem que ir com tudo, se não curtir, pelo menos experimento direito. Se topar, responde esse comentário que eu entro em contato.

A capacidade de ter um orgasmo farto é uma das promessas associadas ao *dote*. Essa é uma das nuances mais significativas da relação cliente-travesti, a conotação dada à ejaculação, chamada de *leite* ou *leitinho*. O *leite* é algo quase intrínseco às travestis, produzido por elas durante a relação sexual e liberado ao atingir o ápice do prazer. É interessante que os clientes não se referem ao próprio orgasmo do mesmo modo, é algo produzido pelas travestis após uma relação sexual prazerosa e feito para satisfazê-los. O usuário do relato 8 refere-se a esse momento de gozo em outro momento como *néctar*. Em ambas as acepções o orgasmo assume caráter de alimento, algo que nutre e proporciona a satisfação, e mais que isso, a máxima excitação.

De acordo com Claude Lévi-Strauss (1983), o alimento é um bem essencial e fortemente relacionado à figura feminina, “existe um sistema simbólico inteiro de relações, reais ou simbólicas” (p. 73). O autor se refere ao sentido liberal do alimento e, com certeza, não considerava as travestis quando falava em feminino. Contudo, a relação que é posta por Lévi-Strauss entre as mulheres e o alimento auxilia a reflexão em um sentido alegórico. Para determinados usuários, esse alimento em abundância, capaz de satisfazer e dar prazeres, não teria lugar em um relacionamento conjugal com uma mulher cisgênera. Ele encontra lugar na prostituição e esse prazer produz esse gozo que “inunda” e não pode ser obtido com qualquer mulher, é próprio das mulheres fálicas. O antropólogo Gilbert Herdt (1982) apresentou contribuições importantes ao descrever os rituais das flautas em Nova Guiné, em que meninos púberes são inicializados ritualmente à masculinidade através da ingestão de sêmen.

Considerando as diferenças entre os contextos, pode-se refletir sobre a homologia entre o sêmen e o *leitinho* e como ambos estão inseridos em um contexto formador de aspectos relevantes de determinadas masculinidades⁵².

Relato 9

Estive com a Iris neste domingo adorei ficar com ela, bonita, corpo lindo, cuzinho Rosa...Além de ser super educada. Voltarei de novo.

O relato 9 expõe outro elemento interessante além das narrativas sobre o próprio *dote* e uma garantia oferecida aos clientes, a promessa, por parte das *acompanhantes*, de uma genitália *rosinha*. Nos comentários, os clientes atestam a verdade sobre o que é afirmado pelas travestis. Como dito anteriormente, reivindicar a cor *rosinha* para descrever a própria racialidade é comum entre as *acompanhantes*. De modo análogo, as tonalidades da região genital não passam despercebidas pelas travestis e nem por seus clientes. A valoração dada a essa característica indica que ter um pênis ou ânus em um tom mais escurecido pode ser algum tipo de demérito ou uma característica que as elevam como superiores em relação às outras travestis, mostrando que até mesmo as genitálias não escapam das hierarquias raciais. O ânus é outro tipo de *dote* valioso e, embora possua um status inferior ao pênis, também está sujeito a discursos sobre a tonalidade *rosinha*.

Assim como o *dote*, o ânus é posto em destaque pelas travestis, embora exista um grande tabu construído em torno do ânus — ele quase não é falado ou explorado, principalmente nas relações heterossexuais—, nos sites essa lógica é subvertida, tanto pelos clientes quanto pelas travestis. Preciado (2014) destaca como centro da contrassexualidade a reconfiguração do ânus, reconhecida por ele como uma “zona erógena universal”, que ultrapassa as divisões anatômicas sexuais. Dentro da construção das narrativas dos corpos sexualizáveis, ele é muito importante, segundo Preciado, e uma zona de prazer abrangente justamente por sua universalidade. Evidentemente, não é qualquer ânus que é celebrado e desejado, haja vista que as hierarquias existem até na periferia do corpo. Não por acaso, tornou-se bastante recorrente e difundido técnicas de clareamento anal, procedimentos estéticos voltados para o clareamento da pele dessa região. Observa-se que, ao contrário da pele escurecida devido ao bronzado — bastante

⁵² Esta discussão é inserida de modo bastante breve e preliminar aqui e necessita de maiores investigações e aprofundamentos. Marilyn Strathern (2006) examina aspectos importantes dos estudos de Herdt e pode fornecer contribuições significativas para essa discussão. Contudo, gostaria de salientar a semelhança que parece existir entre o sêmen e o *leitinho*. Assim como para os Sâmbias, para os clientes das travestis, acessar esse fluido é quase como um ritual e, ao contrário do que possa ditar a masculinidade normativa, ele não fragiliza a própria masculinidade, ao menos no discurso.

mencionada, apreciada e celebrada —, ter o ânus escurecido pode não ser tão charmoso e digno de nota, ao contrário do *cu rosinha* que, nesse contexto, é a cor apropriada para um ânus feminino.

3.2. “*Não me senti nem um pouco descartável*”: a relação cliente-travesti.

Entender a lógica do funcionamento dos sites de *acompanhantes* e as diferentes formas que travestis descrevem suas próprias personas perpassa a interação com os usuários, possíveis clientes. Um dos critérios que utilizei para selecionar o site Vermelho foi a existência de um espaço destinado à interação dos internautas com as anunciantes. É possível que os usuários visualizem fotos, vídeos, façam diversos comentários e que as *acompanhantes* os respondam. Ao longo da pesquisa, foram registrados mais de 120 relatos dos clientes. Assim que iniciei a pesquisa, o site Vermelho ainda mantinha uma página na rede social Twitter e eram postados os comentários de usuários que mais se destacavam. Segundo as informações da página, essa conta era dedicada aos “relatos quentes e deliciosamente reais”, os clientes eram incentivados a formular as suas experiências de modo erótico. A página no microblog era seguida por quase 5.000 pessoas e quase 1.000 relatos e experiências foram compartilhadas pelos usuários. Atualmente, a página não existe mais e não houve qualquer justificativa para sua exclusão, não se sabe se foi uma decisão dos donos da conta ou se ela foi excluída por violar os termos do administrador ao compartilhar conteúdos eróticos.

O espaço dedicado aos comentários não tem apenas como função descrever a experiência dos usuários em relação aos erotismos que buscam. Os comentários operam como um meio de classificar as *acompanhantes* que anunciam, se elas são de fato quem dizem ser, se cumprem com o que se espera delas e se têm um bom comportamento com os clientes. Geralmente eles compartilham se elas cumpriram com o combinado monetário e não ofereceram riscos em diferentes níveis. As travestis que cumprem os níveis de expectativa dos clientes são chamadas de *lista branca*. Em oposição, as travestis que não cumprem com o esperado ou oferecem algo menos do que foi prometido ao cliente correm o risco de ter o nome vinculado à *lista negra*, conhecida entre eles pela má reputação e que funciona como uma alerta para aqueles que desejam contratar os serviços das travestis. Os relatos abaixo evidenciam como são construídas essas classificações.

Relato 10

Td realizado recentemente. Mandeí mensagem para a moça, algum tempo depois me responde, marco com ela no motel, chego primeiro e aguardo a moça, quando ela chega me deparo com uma bela mulher de vestido comprido, cabelo preto longos, rosto e voz super feminina, pela branquinha como a neve, daquelas que todo mundo fica na dúvida, será que é boneca ou não. Antes dos trabalhos, bastante conversa, a moça é super simpática, sabe quebrar o gelo, depois vamos para a cama, algum tempo apenas com belos beijos. Aí pego a ferramenta da moça e começo a chupar, a rola é bem grossa, pessoalmente a impressão é de que maior do que nas fotos. Depois de muita chupação ela me coloca de 4 e começa a massagear meu cu com anestésico e lubrificante, em seguida mete a rola, me comeu de todas as posições, depois de algum tempo falo que não aguento mais e peço para ela gozar. Pausa para banho, mais conversa e vamos embora. Moça super lista branca, muito simpática, não fica se preocupando com o tempo, enfim, valeu cada centavo.

Relato 11

Sensacional carinhosa sem vergonha sabe deixar um homem de pau muito muito mais muito mesmo bem duro de vontades sexuais em 4 paredes realizando todas as suas fantasias secretas proibidas e eróticas te deixando todinho excitado arrepiado de desejos entre vc e ela guardando segredos a 7 chaves.

Assim como os relatos acima, a grande parte dos comentários revela nuances positivas das experiências dos clientes. Os usuários expõem aos outros leitores que as *T-Gatas* foram tudo aquilo que prometeram ser, os seus relatos também são construídos como uma espécie de prova de tudo aquilo que foi prometido, ou seja, as travestis foram verdadeiras em suas intenções e descrições. Apesar de raros, me deparei com comentários que traziam aspectos negativos, como a reclamação de que a travesti era *totalmente diferente do descrito no anúncio*, principalmente por conta da performance sexual prometida não ter sido desempenhada como descrita. No relato 10, o cliente descreve que a travesti em questão *não se preocupa com o tempo*, o que é visto como bastante positivo, o contrário pode significar a travesti classificada como dona de um atendimento mecânico — associado a cobranças de taxas extras, a preocupação com o tempo do atendimento e a recusa de realizar determinadas práticas. Os clientes desejam uma acompanhante que não estabelece restrições para o erotismo, pois essas recusas são quebras de expectativa que funcionam como um lembrete constante que é um sexo comercial.

Existem diversas moralidades que permeiam o ato de pagar e vender sexo, dentro dessa moralidade reside o que Michel Foucault (2017) salienta sobre o caráter doméstico, conjugal e reprodutivo que assumiu o sexo após a era vitoriana. Diz ele, “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala” (p.7). Os homens de família são os que, justamente, buscam ficar ignotos, — como no relato 11 em que o encontro é tratado como *um segredo a 7 chaves* — e se tratando de sexo com mulheres travestis, o anseio por ficar oculto durante toda a transação é ainda maior, ter opção de combinar o programa por mensagem ou ligação, sem o contato das ruas, potencializa ainda mais o caráter anônimo da relação travesti-cliente. Segundo Rubin (2017), há um sistema que qualifica e diferencia a sexualidade, existe um tipo de sexualidade considerada “boa” e “normal”, ela “seria idealmente heterossexual, conjugal, monogâmica, reprodutiva e não comercial. Ela se daria entre casais, dentro da mesma geração e em casa.” (p. 85). Dentro desse sistema classificatório, a sexualidade considerada saudável e boa não admite qualquer forma de pornografia, objetos ou papéis sexuais que não estejam dentro das categorizações feminino e masculino. Sendo assim, há uma dicotomia sexual, que figura de um lado o sexo bom e de outro lado o mau. A prostituição como um sexo comercial e fora do casamento é um “sexo mau” e fora da normalidade, portanto.

Relato 12

Já saio com trans há mais de 10 anos. Posso dizer que poucas vezes me sentir com uma mulher tão real quando a Juno. Ela é tudo isso e mais um pouco. Um doce de menina que exala feminilidade. Cheiro de mulher mesmo. Corpinho de modelo. Dá para andar de mãos dadas no shopping e apresentar pra família. Se o cara não tem autocontrole, gasta o orçamento inteiro com a moça. Só estive com ela uma vez, mas já vou repetir.

Relato 13

Minha deusa maravilhosa se essas fotos forem reais, te peço por favor vem para Recife quero te amar como nunca, estou morrendo de vontade de te comer todinha, lindíssima vc, trocaria na hora minha esposa por você, vc é gostosa demais. Beijo de língua bem gostoso e uma chupada nesse cu lindo te amo, amor à primeira vista.

Relato 14

Acabei de sair do ap dela, essa gata é muito maravilhosa, ela me colocou de 4 e raspou meu cuzinho com carinho, depois meteu aquele cacete grosso e duro como rocha no meu cuzinho, exatamente como nas fotos, super gentil e educada, limpinha, cheirosa. Ela gozou na minha boca. E eu nos peitos dela, meu dia foi ganho. Uma delícia dessa!!!

Relato 15

Acabei de voltar de um encontro com esse ser humano incrível! Sou muito exigente pra sair com uma trans, ela me chamou atenção pois vi que tem um diferencial incrível...sabe escrever super bem e independente da profissão dela, tem um lado espiritual muito forte. Acompanho ela nas redes sociais e sempre via ela dando dicas sobre como ser uma pessoa evoluída em todos os sentidos principalmente nunca perdendo a fé em Deus. Sem dúvidas uma das melhores trans que já saí.

Os relatos reproduzidos acima demonstram características interessantes das relações das travestis com seus clientes. Outra dimensão importante desses relatos é a majoração que os clientes fazem das *T-Gatas*, como evidenciam os usuários acima. Quando o encontro sexual é exitoso, os clientes elaboram uma narrativa detalhada sobre o que foi vivenciado e não poupam detalhes. Mais do isso, os clientes colocam as travestis em uma patamar que nenhuma outra mulher é capaz de alcançar, não são comparáveis a nenhuma outra. Inclusive, há clientes, como do relato 13, que afirmam trocar as mulheres com as quais são casados pelas *acompanhantes*, além de jurar amor imediato. Toda essa glorificação que os clientes produzem semanticamente está intrinsecamente relacionada à capacidade que elas possuem de fazê-los atingir o mais puro ápice do prazer, geralmente através da penetração.

Além disso, tecem comentários e reforçam aspectos estéticos-morais que as próprias *T-Gatas* assumem em seus perfis. É posto em destaque a *simpatia* da acompanhante, bem como sua *voz super feminina* e a *pele branquinha de neve*, e a *dúvida de se saber se é ou não uma boneca*. Outras afirmações semelhantes são articuladas nesse processo de tecer elogios às travestis. É o caso do relato 15 em que o usuário se diz *muito exigente para sair com trans* e que a acompanhante em questão se mostrou diferenciada justamente por saber escrever bem e *independente da profissão ela tem um lado espiritual muito forte*. Percebe-se que, embora esses clientes busquem relacionar-se com profissionais do sexo, elas não podem deixar transparecer apenas o lado profissional, isso pode ser um impeditivo para que seja contratada. Assim, é notável a existência de uma regra moral que também banaliza essas relações — como o fato de

a T-Gata ser *evoluída espiritualmente* —, ela impõe diferentes critérios para que uma travesti seja reconhecida como a acompanhante ideal. Em um outro comentário, elogia a acompanhante e comenta que ela não é apenas uma das travestis mais lindas e desejáveis que ele já conheceu, pois não são só as características físicas que são louváveis, ela é capaz de manter boas conversas e até mesmo de assuntos mais complexos, como economia. A surpresa presente em seu relato mostra quais comportamentos esperados de uma profissional do sexo e o quanto eles são valorizados como algo a mais dessa relação.

Com os relatos dispostos acima, fica evidente que os clientes esperam determinado comportamento por parte das travestis, espera-se que esta relação paga seja também mediada pelo afeto — como é o caso do usuário que diz ter sido depilado com carinho pela acompanhante —, cuidado, atenção e disponibilidade, contidas em uma mulher altamente feminina, capaz de realizar fantasias, fetiches e proporcionar prazeres sem limites. Frequentemente as *T-Gatas* são reconhecidas como mulheres perfeitas, com *algo a mais*, ainda que a presença do pênis seja essencial na construção dessa relação, não é apenas ele que está em jogo, também é produzida a ideia de uma mulheridade perfeita. Ou seja, o que está em jogo é a possibilidade de acessar uma mulher que representa e detém todas as qualidades físicas e morais que uma figura feminina deveria ter, basicamente dedicada a atender as necessidades afetivas e comportamentais de um homem, baseada na reprodução da sujeição feminina, porém ancorada no prazer masculino através do pênis.

Embora possa parecer contraditório, constantemente os usuários mobilizam a categoria de gênero em função de caracteres biológicos no processo de exaltação das *T-Gatas*. Eles reconhecem e compreendem diversas características biológicas inerentes ao que é ser mulher, como o *cheiro de mulher*. Parece haver um par de oposição sobre o que é considerado natural para um homem e para uma mulher. Longe de ser biológico, esse *jeito de mulher* que identificam nas *acompanhantes* é a leitura que fazem da essência performática que foi atingida com sucesso, mais do que isso é a busca por uma mulheridade que nunca será encontrada. Como Butler (2019) destaca, a realidade dos gêneros é performática e apenas torna-se realidade enquanto for performada,

parece justo afirmar que certos tipos de atos são usualmente interpretados como expressões de uma identidade de gênero, e que esses atos ou estão de acordo com uma identidade esperada ou contestam essa expectativa de algum jeito. Essa expectativa é baseada, ao mesmo tempo, em uma percepção dos sexos como elemento discreto e fático de características sexuais primárias. (2019; p. 224).

Alicerçada em um corpo extremamente feminino e de signos que são reconhecidos como tal, há uma expectativa, por parte dos usuários, do reconhecimento de características corporais “sexuais” que remetam a uma espécie de essência biologizante do que é ser mulher, um processo bastante próximo ao que as travestis fazem no processo de autodescrição. Como ressalta Benedetti (2005), as travestis são guiadas pelo projeto de “se sentir mulher” (p.15), é um processo que não se encerra e demanda um grande empenho e manutenção. Os usuários quase sempre exaltam as mulheres exuberantes que as travestis são, se declaram fascinados por elas, demonstram uma admiração por suas personas — é plausível estabelecer semelhanças com o grupo que se intitula “T-Lovers”. De acordo com Larissa Pelúcio, o termo chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários dos anos 1980, após o surgimento da epidemia de AIDS. Conforme Pelúcio diz, o termo é inspirado nas “T-Girls”, alcunha dada por algumas ONGs norte-americanas para as mulheres transgêneras. Desta forma, a expressão “T-Lover” faz referência às pessoas que são “apaixonadas” pelas travestis. Entretanto, como diz Pelúcio, no Brasil essa identidade é bastante conflituosa. Segundo ela,

diferentemente do que vem ocorrendo no Brasil, onde os T-Lovers estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à “normalidade”, em oposição à homossexualidade, tida como “desvio”. (2005; p. 2).

Como ressalta Pelúcio (2005), essa é uma das características dos *T-lovers*, o constante engrandecimento e louvação dos traços físicos, de personalidade e maneira de ser das travestis. No entanto, é uma relação ambígua e conflituosa, coexistindo o desejo e o medo do estigma, de forma que eles não deixam de reiterar comportamentos heteronormativos e de construir a figura social de um macho sempre ávido por sexo. De imediato, é possível notar traços dessa heteronormatividade nos nomes de usuários escolhidos para interagir no site Vermelho. Muitos desses apelidos exaltam diversos traços e características de um homem transante, garanhão e namorador, características bem aceitas socialmente para o gênero masculino. Dentro dessa lógica, suas identidades se tornam fálicas, isto é, colocam o pênis como uma identificação de si, como o *PAUlistano*, *Dotado*, *Caiçarinha Dotado*. Por outro lado, há também casos em que essa supervalorização de uma masculinidade superlativa se torna, de certa forma, ilógica, como o caso do usuário que se denomina *PussyHunter1234*, que, em tradução livre, significa “caçador de buceta”. Em um domínio de mulheres com pênis não há nenhuma *buceta a ser caçada*.

A ânsia pela corporalidade travesti, além das barreiras do prazer e do erotismo, também tensiona as barreiras estabelecidas pela masculinidade normativa, que dita quais comportamentos são adequados ou não para um “homem de verdade”. Conforme narra Moira (2016), muitas vezes o desejo vem acompanhado de atitudes transfóbicas e homofóbicas, que, através da violência, buscam apagar o desejo, atração e todas as práticas que ocorreram. A reafirmação dessa normatividade pode ser associada ao que Monique Wittig (1980) denominou de “pensamento hétero”. Essa matriz de pensamento se relaciona diretamente com o campo de poder, sendo a heterossexualidade a base sob a qual a sociedade foi construída, os discursos são pronunciados nos termos dominantes. Para Wittig, o “pensamento hétero” está ancorado em categorias opostas, porém completares: homens e mulheres, sexo e diferença. Deste modo, resultaria em “uma relação cuja característica é inescapável na cultura, assim como na natureza, e que é a relação heterossexual. Chamar-lhe-ei a relação social obrigatória entre ‘homem’ e ‘mulher’” (WITTIG, 1980; p. 6). O discurso heterossexual é tão imperativo que opera reafirmando até mesmo nos detalhes. Embora as fronteiras entre as sexualidades possam parecer borradas pelos relatos que os próprios clientes elaboram, por vezes eles reforçam semanticamente padrões de uma “masculinidade hegemônica”. Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013) retomam os significados atribuídos ao termo, que, segundo eles, foi entendido como um conjunto de práticas — não apenas expectativas de papéis ou identidades —, que possibilitou a dominação dos homens sobre as mulheres.

Contudo, essa dominação não influencia apenas as relações entre os gêneros, ela cria classificações dentro das próprias masculinidades. Connell e Messerschmidt recordam que a ideia de hierarquia de masculinidades tornou-se evidente justamente pela experiência de violência e discriminação praticada por homens heterossexuais contra homens homossexuais. A “masculinidade hegemônica” se diferencia de outros tipos de masculinidades, principalmente, das subordinadas. A “masculinidade hegemônica” não foi assumida como padrão de comportamento por ser performatizada por todos os homens, pelo contrário, ela é performatizada exitosamente por uma minoria. Porém, ela é “normativa, ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Miguel Vale de Almeida (1996) evidencia que a “masculinidade hegemônica” é um modelo ideal, ou seja, não é atingível por nenhum homem, embora exerça efeitos de controle

sobre todas as pessoas, uma vez que está implicado um discurso sobre dominação e influência social que atribui aos homens privilégios sociais. Desse modo, Vale de Almeida reconhece que a masculinidade é constituída por assimetrias, por exemplo, homossexual/heterossexual, e por hierarquias, do mais ou menos masculino, sua aquisição é um processo frágil e autovigiado (p. 3). Vale de Almeida, a partir de um estudo de caso no sul de Portugal elabora uma série de ilustrações acerca da masculinidade:

a masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos desta, já lá estão potencialmente (como o “perigo” homossexual que a homosociabilidade comporta, ou o feminino que está sempre presente na sua forçada ausência dos universos masculinos). (VALE DE ALMEIDA; 1995, p.161).

O antropólogo ressalta que a “masculinidade hegemônica” é um consenso vivido, contudo, ela não exclui o exercício de masculinidades subordinadas, que estão contidas nelas, se expressam como um “efeito perverso” delas e são expressas como um potencial perigo. Michael Kimmel (1998) argumenta que a “masculinidade hegemônica” e a masculinidade subalterna surgiram em uma interação contínua, porém, desigual em uma ordem social dividida em gêneros. Kimmel compreende que as masculinidades são construídas conjuntamente em dois campos de poder mutuamente relacionados, o das relações de homens e mulheres — culmina em desigualdade de gênero—, e nas relações entre homens — baseadas em desigualdades de racialidade, classe, idade, entre outros. Desse modo, para ele, há “dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia” (p. 105). Segundo essa visão de mundo, as mulheres e os homossexuais seriam as identidades de gênero subalternas,

contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os *self-made men* constroem definições hegemônicas. As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens gays são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios. (Id. Loc.: p. 116).

Desse modo, fica evidente que o desejo e o medo de ser identificado como homossexual andam juntos nos clientes das travestis, justamente pelo regime de masculinidade vigente em nossa sociedade, que identifica qualquer interação com o pênis de outrem como pertencente ao campo da experiência homossexual e, portanto, uma masculinidade subalterna e indesejável. O exercício dessa masculinidade de que falam os autores também está fortemente associada à normatização, não apenas do gênero, mas da sexualidade, ou seja, relaciona-se fortemente com

a cisheteronormatividade. Viviane Vergueiro (2015) ressalta que a partir do conceito de cisgeneridade é possível refletir sobre constituições corporais e sobre identidades de gênero que são idealizadas e naturalizadas, caracterizando uma normalidade de gênero. Vergueiro ressalta que esse conceito tem como um de seus elementos basilares evidenciar as violências pelas quais corpos, identidade e expressões de gênero dissidentes estão submetidos. Nesse sentido, refletir a heterossexualidade como um elemento compulsório das relações entre os gênero alude para os “dispositivos de poder que a constroem como ‘a base da sociedade’, como a sexualidade ‘saudável’ ou em conformidade com determinados desígnios, o que implica em apagamentos, ódios e inferiorizações” (p. 55). Mais do que isso, pode-se pensar na heterossexualidade como um elemento naturalizado de nossas relações e práticas, que balizam as compreensões do que é considerado normal e do que é desviante. Assim, a cisheteronormatividade coloca em evidência os mecanismos de gênero e sexualidade que são impostos e conduzem as relações a serem classificadas como desejáveis, sadias ou passíveis de criminalização ou subordinação.

Ainda que a existência travesti desafie a ordem de pensamento cisheteronormativa, as relações que são estabelecidas com os clientes e o modo como eles narram as próprias experiências com as *acompanhantes* tendem à normatização cisheteronormativa dessas relações. Pois, ainda que exaltem a imagem das travestis como altamente desejável e o mais alto grau de perfeição, eles narram as próprias expectativas ancoradas em um modelo dicotômico de gênero que pressupõe a sujeição feminina, replicando desigualdades de gênero, além de recursos discursivos que buscam normatizar as próprias práticas sexuais. Essa replicação de um modelo cisheteronormativo fica evidente quando os clientes reconhecem que determinada acompanhante *é ainda mais bonita pessoalmente e nem parece trans tanto que daria para andar de mãos dadas no shopping e apresentar pra família*. O exercício latente da cisheteronormatividade fica ainda mais claro na exaltação constante dessa mulher perfeita, que é aquela cuja transformação corporal é considerada altamente bem-sucedida pelo alto grau de passabilidade, além de reunir diferentes características morais que ajudam a erigir essa perfeição feminina e a presença do pênis, tão exaltada. Contudo, é justamente a presença do pênis que as fazem travestis, condição que eles buscam deixar ignota justamente por não se encaixar nessa mesma normatividade.

Em outra perspectiva, muitos clientes ensaiam uma subversão dessa heteronorma, como os usuários que se denominam *Viadinho* e *Curitibano passivo*. Essas autodenominações evidenciam o desejo de deixar o domínio do penetrante para acessar a zona de quem é

penetrado. As práticas sexuais podem se tornar definidoras e agenciam diversos significados. Kulick (2008) relata como o gênero assume um caráter volátil a depender da prática sexual que se realiza. Dentro do *ethos* da masculinidade e heteronormatividade hegemônicos, para um homem ser verdadeiramente reconhecido como tal, não pode se permitir sentir ou demonstrar desejo pelo pênis de outrem, mesmo que seja de uma mulher. Caso sucumba ao desejo da penetração anal ou mesmo um simples toque, está passível de perder o status de homem e converter-se em *viado*, ou seja, alguém cujo desejo e vivência se aproximam muito das travestis. Dentro do universo ontológico de significados das travestis com as quais Kulick estabeleceu interlocução, outro fator que distingue os “verdadeiros homens” é o fato de não se apaixonarem por travestis. De acordo com a compreensão de Kulick,

nesse entendimento de gênero — e do qual as travestis se valem para construir seus relacionamentos —, indivíduos do sexo masculino não são naturalmente homens, não são homens de modo natural ou auto evidente. A masculinidade (*manhood*) é o produto de determinados interesses e ações. (KULICK; 2008, p. 138).

Percebe-se que o gênero não é algo inerente aos indivíduos, é relacional, adquirido e mediado pelas relações e, em grande medida, pelas práticas sexuais e pelo gênero amalgamados durante as relações estabelecidas, não existem fronteiras fixas. Essa classificação de que fala Kulick é operacionalizada pelas travestis, serve de base para que escolham seus namorados e maridos. A relação com os clientes é de outra natureza. O fato da relação cliente-travesti ser mediada pelo dinheiro faz com que essas tensões não sejam claramente verbalizadas e que as classificações operem de formas diferentes em comparação às relações que se dão no âmbito doméstico. A mediação financeira dessas relações estabelecidas entre clientes-travestis impõe um questionamento importante sobre qual é a classe social ocupada pelos clientes. Nos relatos postados nos sites, é possível fazer alguma inferência desse tipo, por vezes, essas informações estão presentes, mesmo que de modo transversal. A priori, é preciso considerar que o acesso à internet e diferentes tipos de aparelhos eletrônicos não se dá de modo homogêneo, afinal, o uso da rede mundial de computadores não é um dado universal. Segundo dados da TIC domicílios, 36 milhões de brasileiros não têm acesso à internet⁵³.

Além desse dado, é importante considerar o valor cobrado pelos serviços sexuais. O valor cobrado pelas *acompanhantes* varia grandemente, alguns deles custam em torno de 200, 250, 300 reais por hora, os valores podem variar de acordo com o que é acertado entre cliente e

⁵³Fonte: <<https://www.poder360.com.br/tecnologia/36-milhoes-de-pessoas-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil/#:~:text=Um%20levantamento%20da%20TIC%20Domic%C3%ADlios,declaram%20n%C3%A3o%20usar%20a%20rede>>.

travesti. Em 2023, o salário-mínimo no Brasil atingiu o valor de 1320,00 reais, se compararmos esse valor que um encontro sexual pode atingir, significaria disponibilizar cerca de 30% do salário de um mês em uma hora. Assim, pode-se inferir que há uma certa seletividade marcada pela classe, quando elas afirmam serem de luxo, não se trata de um sentido meramente figurativo. Os valores cobrados evidenciam os clientes que podem acessar esses serviços, que são de outra classe social daqueles que interagem com profissionais do sexo de zonas tradicionais de prostituição. Pelúcio ofereceu uma elaboração bastante afinada sobre perfil dos *T-Lovers*, diz ela,

grande parte deles pertence à classe média: são profissionais liberais, estudantes, vendedores, representantes comerciais, micro empresários. As idades variam entre 20 e 60 anos, com maior presença dos que estão entre 25 e 40 anos. A maioria é casada ou mantém relacionamentos fixos com mulheres, que eles chamam de ggs, genetic girls. E, como já foi dito, se identificam como heterossexuais. (2004; p. 4).

Assim como descreve Pelúcio, muitos dos clientes das *T-Gatas* são homens casados e pais de famílias tradicionais, que utilizam da condição anônima para comentar das aventuras sexuais nos sites de *acompanhantes*. Através dos sites, os clientes se sentem menos constrangidos de comentar detalhes das práticas sexuais que realizam, há menos pudores em narrar os desejos e preferências do que em um ambiente que exponha suas identidades, como salienta Guy Hocquenghem (2001) “o que causa o problema não é o desejo homossexual, mas o medo da homossexualidade⁵⁴” (p. 21). Embora desejem a corporalidade travesti e todas as potencialidades que essa relação carrega, a maioria deles não deseja ser exposta por medo do estigma, como assinala Hocquenghem. O relato abaixo é um exemplo de como os clientes expõem tessituras dessa relação em seus comentários.

Relato 16

Sem palavras que mulher maravilhosa, nunca ninguém me comeu assim, me fez parecer uma putinha [...]. Cheirosa linda estou apaixonado. NÃO VEJO A HORA DA MINHA ESPOSA VIAJAR DE NOVO PRA EU PODER SAIR COM ESSA SEREIA NOVAMENTE.

É significativo refletir sobre quais tipos de práticas são permitidas dentro de um casamento heterossexual, e quais outras são destinadas a uma terceira pessoa, totalmente

⁵⁴ No original: Lo que causa el problema no es lo deseo homosexual sino el miedo a la homosexualidad. Tradução minha.

afastada desta esfera conjugal. A penetração anal masculina tende ser a mais fortemente rejeitada dentro do âmbito doméstico e do matrimônio, dentro de uma esfera de significados da sexualidade pertence à esfera homossexual, logo, contrário à “masculinidade hegemônica”. Quando a figura masculina passa do polo penetrante para a penetrável acontece a quebra do que Butler (2018) denomina “ordem compulsória de sexo/gênero/desejo”. Há uma dupla subversão da norma sexo/gênero, primeiro por se tratar de sexo com travesti e por ela ser a agente penetradora. A capacidade de fazer transcender através do ânus é sem dúvida um dos grandes desejos dos homens que procuram os serviços sexuais das travestis. Existe um tabu em torno do ânus, muitos homens sentem prazer com a penetração anal, no entanto, isso não pode se manifestar em suas relações conjugais ou com mulheres cisgêneras, pois existe um grande temor de ser denominado homossexual. Não é por uma aleatoriedade que as travestis são escolhidas como musas desses homens, na corporeidade travesti há encontro cabal entre os signos femininos, a aparência e forma, porém com a presença do pênis.

Por isso, alguns clientes dizem que determinadas travestis são as mulheres perfeitas: femininas, doces, elegantes, desejáveis, bem-apegoadas e *com algo a mais*. Desta forma, há algum indulto que se justifica pela aparência altamente feminina das travestis. Ainda assim, possuem o medo da exposição pública desse desejo pela penetração, tanto que há uma grande parcela dos relatos que são feitos de modo anônimo, há um grande medo de tornar-se público algo que é construído para ficar no âmbito privado. Toda essa relação é permeada pelo receio da classificação homossexual, como destaca Pelúcio sobre a identidade de um T-lover “os questionamentos, segundo ele, giram em torno da própria orientação sexual, da busca pelo sexo comercial e de toda a aura de perigo que se estabeleceu em torno das sexualidades que escapam à ‘sexualidade boa, normal, natural, abençoada’, na classificação hierárquica proposta Gayle Rubin” (2005: p. 15).

Muitos clientes relatam que desejam ser penetrados, revelam a aspiração de se sentir feitos de *putinha* ou *mulherzinha*. Dentro desse universo de significação, a penetração é muito mais facilmente atrelada a uma aproximação com o feminino, isto porque, entende-se que ser penetrada é algo constitutivo da mulher, como sugere Judith Butler “esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.” (BUTLER, 2018: p. 235). O ato sexual que é considerado saudável é o realizado entre homem e mulher, aquele que penetra e a que é

penetrada. Como a travesti é a agente penetradora dessa relação, para que essa relação se mantenha no âmbito do saudável (RUBIN, 2018), alguém tem que performatizar o papel entendido como feminino. Caso contrário, estaria muito próximo a uma relação homossexual, que tende a ser negada e precisa ser afastada.

Relato 17

Estive com essa princesa ontem e realmente foi uma ótima companhia. Para heteros que buscam aventuras esporádicas como eu recomendo essa gata. A última vez que estive como uma trans foi há 4 anos e quando tomo a decisão de sair com uma tem que ser especial e ontem foi. Cheguei, tomei banho e logo fomos nos pegando com muitos beijos, depois comecei a chupar seu rabinho freneticamente descendo para as bolas e depois chupei seu pau tamanho perfeito. Ela encapou a piroca e depois com calma foi me comendo gostoso de 4 e depois gozou em cima das minhas bolas. Fomos para a inversão e a comi de 4 deliciosamente até gozar na sua bunda maravilhosa com marquinha de biquíni. Linda pessoalmente, energia boa, carinhosa e com um dote do tamanho ideal para aventureiros assim como eu.

Relato 18

Melhor de todas, gosta que apertem o pescoço dela como se estivesse estuprando ela, mete muito gostoso, rola linda, e que boquete ela faz venha para o noroeste do Paraná logo.

Estar na companhia de uma travesti, para alguns, é considerado uma aventura, mas que não tenciona a heterossexualidade, é o caso do cliente do relato 11 que se define como um *hétero que busca aventuras esporádicas*. Em seu comentário, ele salienta a excepcionalidade do encontro, justamente devido à sua sexualidade, e quando isso acontece tem que ser grandioso. Ele narra com detalhes o encontro sexual e faz questão de marcar que foi penetrado, mas também foi penetrador. É justamente o ato de ser atravessado por outro pênis que constitui a aventura. Como ressalta Pelúcio, o gênero das travestis faz elas sejam inteligíveis para a matriz heterossexual. Por isso, para esses homens, o sexo com elas se trata de uma aventura e não como os outros tipos de sexo que praticam com outras mulheres, haja vista que

no caso das travestis o sexo masculino, anunciado primordialmente pelo pênis, não se coadunaria com o gênero, definido pelo desejo por um outro homem. Assim, para que o gênero seja “inteligível” é necessário atuar sobre o corpo, desconstruindo o masculino, e reconstruindo esse corpo a partir de símbolos do feminino. (2005; p. 21).

Estar na companhia de uma travesti, para alguns, possui uma significação erótica fortemente afluída. É realçado nos discursos o desejo de realizar determinada fantasia ou praticar determinado aspecto da sexualidade. Os comentários colocam em realce o quanto se dedicam a essas fantasias — há quem classifique o desejo de estar com determinada travesti como um sonho —, os comentários de outros usuários ajudam na construção do próprio desejo. É notável que diversas vezes os clientes e usuários têm em seus relatos o que Maria Filomena Gregori (2008) denomina de relação entre prazer e perigo, como é o caso do usuário do relato 12 que diz que *T-Gata* em questão *gosta que apertem o pescoço dela como se tivessem estuprando ela*. De acordo com a percepção dele, a travesti sentiria prazer ao ter o pescoço pressionado em uma simulação de violência sexual e o cliente parece se sentir estimulado com essa encenação. Segundo Gregori, existe um processo social bastante complexo relacionado ao modo de ampliação e restrição de “normatividades sexuais” (p. 184), que institui novos limites e é estabelecida maior tolerância, e o que “é considerado como abusivo passa a ser qualificado como normal” (Id., Loc.: Cit). As práticas que são social e moralmente condenadas tendem a ser *ressignificadas* dentro da relação cliente-travesti.

Algumas *acompanhantes* gozam de maior visibilidade e são as mais desejadas entre os clientes. Geralmente são as que têm vídeos circulando por aplicativos de mensagens ou até mesmo produções cinematográficas. Em outros casos, elas já são mais antigas no “mercado do sexo” e, por isso, tem o *nome feito* no ramo, são consideradas por alguns usuários como verdadeiras intocáveis. Em um dos relatos, o usuário diz que acompanhava a carreira de Afrodite já há alguns anos, no entanto, tinha medo de marcar um programa justamente pela fama que ela tem. Depois de um certo tempo, tomou coragem e finalmente obteve sua hora de prazer com sua deusa. A potencialidade que estes relatos de outros usuários tem, aliada ao material que as próprias travestis dispõem, ajuda a criar uma áurea de verdadeiras deusas.

Por outro lado, as travestis deixam evidente qual o tipo ideal de cliente, aqueles que seriam os tipos que gostariam de estar genuinamente. Esse cliente é constantemente associado ao homem de *bom gosto, classe, higiênico e que sabe tratar uma mulher*. Perspectivas diversas das declarações dos usuários ajudam a ilustrar quem são esses homens verdadeiramente. Revelam-se homens reais e não essa construção aburguesada que elas fazem parecer. Em um dos relatos, o usuário “Gordo peludo” comenta alguns de seus aspectos físicos e de sua pessoa, diz se achar *gordo e feio*, além de destacar a timidez. O relato dele é justamente sobre um encontro com uma das mais badaladas travestis do site Vermelho.

Relato 19

Já levei esse pauzão dela no cú quatro vezes, mas vou contar aqui a primeira...Sou uma cara tímido, gordo, me acho feio. Cheguei no ap dela meio acanhado e super bem recebido. Trocamos algumas carícias e ela guiou minha mão até o pau dela, ainda não totalmente duro, mas já enorme. Acariciei um pouco e peguei para punhetar um pouco, aí ela me mandou ajoelhar e começar a passar ele na minha cara, e depois me mandou chupar...Eu nunca tinha visto um pau tão grande...achei que não ia caber na boca, mas foi entrando e eu engasgando, e o negócio fica mais duro e mais grosso. Criei coragem e chupei para valer, agora engasgando gostoso, tentando colocar ele inteiro na boca. Aí fui tirando a roupa e ela me acariciando, esfregando aquele pauzão em mim...fez uma espanholeta nas minhas "tetas" de gordo, e me mandando chupar. Aí eu já tava de pau completamente duro e ela me mandou pra cama. Me chupou as bolas e fez uma chupeta bem legal enquanto acariciava minha bunda. [...].

Assim como o autor do relato 10, outros clientes dizem ser homens mais velhos, detentores de características usualmente reconhecidas como pouco atraentes, além de comentar que, devido ao cachê elevado cobrado pelas *acompanhantes*, precisam ter cuidado para não gastar todo o salário do mês com elas. Essa informação reforça a percepção de que são homens que compõem a classe média brasileira e, ao contrário do que as travestis reivindicam, não aparentam ser homens verdadeiramente ricos, pois seria pouco provável terem esse tipo de preocupação. O que esses comentários reforçam é que poucos clientes se enquadrariam na definição de masculinidade padrão socialmente hegemônica, em alguns casos são o oposto dela. Os clientes são donos de corpos que poderiam até mesmo ser considerados dissidentes por questões estéticas e etárias, por exemplo. Segundo Moira (2016), muitas corporalidades consideradas fora da norma e de um padrão de beleza só encontram espaço para vivenciar o sexo, prazer e erotismo na prostituição. Além disso, para alguns homens, certos exercícios da própria sexualidade só se configuram em uma relação paga, mediada pela discrição e anonimato.

É pertinente o destaque dado à higiene nas descrições, é algo que se espera dos clientes para haver uma boa interação corporal. Os odores e cheiros do corpo não são fatores positivos, um corpo não cheiroso é alocado no campo do não higiênico. De acordo com Michel Foucault (2019), uma “existência racional” (p. 129) está intrinsecamente relacionada às práticas de saúde, elas modulam as percepções cotidianas do corpo. No entanto, ser *higiênica* ou *limpinha* pode assumir outra conotação: serve para evidenciar que não possui nenhuma doença

sexualmente transmissível, como HIV/AIDS. Em alguns anúncios, as *acompanhantes* explicitam serem *limpinhas*, que os exames estão em dia, por outro lado, podem fazer sexo oral sem preservativo desde que o cliente esteja igualmente *limpo*.

Marcadamente, determinadas doenças são associadas à sujeira: estar infectado é estar sujo e não permite que certas práticas sejam realizadas. Segundo Judith Butler (2019), “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio. (p. 197). Enquanto as travestis são alvo de desconfianças quanto à limpeza, elas também repudiam aqueles que porventura possam ser portadores dessa *sujeira*. Essa *sujeira* também atua como um marcador de classe, ele é contrário ao bom gosto e ao luxo que estão em voga na relação cliente-travesti. Ademais, como recorda McClintock (2010), o regime de higiene teve um importante papel figurativo de purificação social, sendo o branco e o limpo fortemente associado à branquitude. Em um sentido inverso, a sujeira tornou-se fortemente associada à negritude, basta pensar que preto é sempre utilizado para designar o que é sujo. Desse modo, *limpinho* e *sujeira* são expressões que contêm uma polissemia de significações que, entre outras coisas, pretendem comunicar pureza, não contaminação e confiabilidade.

Depois de um programa bem-sucedido, principalmente, os clientes valorizam todas as características, muitas das quais estão nas descrições e anúncios, é um atestado de que tudo que foi descrito, é de fato, uma realidade. É como se declarassem o bom funcionamento do produto em questão: o sexo. Enfatizam pontos sobre o atendimento, como foram bem recepcionados, questões sobre os locais, a *boa higiene* e organização são fundamentais. Além disso, enfatizam as noções de racialidade, classe e gênero presentes nas descrições das *acompanhantes*. Fica evidente a valoração dada a esses aspectos, que vale a pena mencionar e descrevê-los de forma elogiosa, como uma característica positiva. Em sua totalidade, além de descrições minuciosas das experiências, os comentários exaltam os aspectos estéticos que as próprias travestis reivindicam.

Na elaboração dos comentários no site Vermelho, os clientes não deixam passar batido as inúmeras características que as elas mesmas ressaltam sobre si. O destaque é dado para a *pele branquinha*, *simpatia* e *elegância*, alguns elogios que os clientes fazem questão de registrar. Do mesmo modo que uma *pele bronzeada* e *marquinha de biquini* não passam despercebidas, bem como as travestis com *cheiro de mulher* e aquelas com quem se pode ter

uma conversa de alto nível. O fato é que a grande parte das características que os clientes ressaltam como bons atributos estão em consonância com as autodescrições das próprias travestis. E a relação cliente-acompanhante parece funcionar com certa complementaridade, eles sempre presentes para enaltecê-las, reafirmando traços que elas próprias enobrecem em si. E elas, as deusas e donas de *dotes* viris e poderosos com farto alimento, nutrem esses homens sedentos e viciados pela corporalidade travesti

Considerações finais

A antropóloga britânica Marilyn Strathern (2017) faz uma consideração sobre os artefatos e a interpretação das imagens. Segundo ela, do mesmo modo que os objetos são alvo das considerações de outrem, o mesmo acontece com as pessoas, pois elas “se objetificam ou se apresentam de inúmeras formas, mas sempre assumem uma forma específica” (p.172). Essa forma específica que fala Strathern, no caso das travestis, é com uma exacerbação dos atributos femininos e do que socialmente é esperado em uma mulher perfeita. Nesse sentido, travestis produzem imagens do que elas compreendem que é ser travesti e do que ser essa mulher perfeita. Tanto nos sites quanto nas interações com os clientes, elas performam por um determinado tempo, o que eles compreendem como a travesti perfeita. Nesse caso, pensando a exposição nos sites, as travestis se constroem de determinada forma pensando em atingir determinado público.

As suas imagens têm uma construção objetivada, bem como o discurso que constroem sobre si. A apresentação e descrição são cruciais para aquelas que têm anúncios em sites. Os recursos imagéticos e de escrita são fundamentais para despertar o desejo e instigar os clientes a ligar e marcar um encontro, se aventurar em um programa com as *bonecas de luxo*, também auto referidas como as mais belas e femininas. Busquei evidenciar que, nos discursos das *T-Gatas*, são mobilizadas diversas qualificações, cuja intencionalidade é apresentar as próprias pessoas, mas perpassa, outrossim, o desejo de serem reconhecidas como únicas, de serem diferentes de tantas outras profissionais do sexo que ocupam o mesmo espaço. Através da tecitura semântica e imagética da própria corporalidade e dos atributos sócio-morais, elas buscam oferecer diversos motivos para que seus serviços sejam contratados dentre tantas outras.

Todos os seres humanos têm uma experiência corporificada, mas, no caso dessas belas travestis, essa experiência é intensificada pelo processo contínuo de construção do próprio corpo, que nunca se finda como destaca Benedetti (2005). O processo de descrição de si é uma elaboração e um reconhecimento dos aspectos que constituem aquele corpo e ainda uma valorização da mulher que foi construída. As diferentes “performances” constituem diferença em relação ao outro, mas também são uma forma de reafirmar aspectos de sua própria identidade — como a cor da pele ou um traço de personalidade. Ao se afirmar como a *acompanhante* mais completa, reafirmam superioridade sobre as outras, mas também

reafirmam todas as qualidades que as constituem como sujeito. Como ressalta Henrietta Moore (2000), as subjetividades são marcadas por diferentes aspectos, no entanto, “em um momento, o racial pode ter prioridade sobre o sexual, e em outro a etnicidade pode ser a diferença definidora.” (p.16). Sendo assim, os marcadores de gênero, raça e classe são partes constitutivas dos discursos que elaboram as *T-Gatas*, altamente baseados na alteridade. Como ressalta Moore, “esses discursos marcados por gênero são em todos os casos construídos através da imbricação mútua com diferenças de raça, classe, etnicidade e religião.” (p.14).

É parte importante dessa constituição moral que fazem as travestis elaborar uma ética do trabalho sexual, que faz delas mulheres diferenciadas, capazes de fazer a diferença, e não apenas proporcionar um mero programa. Ter uma boa aparência é primordial para despertar interesse de um possível cliente, no entanto, é o tratamento durante toda essa transação que determina o sucesso do encontro sexual. É primordial que a acompanhante goste de sexo, não seja *mecânica* e possa proporcionar prazeres inimagináveis e que possam ser detalhadamente narrados. Há uma expectativa do que seria uma profissional do gozo, não ter um desempenho que se enquadre dentro desse imaginário pode ocasionar uma quebra do mundo ideal com o mundo real. Afinal de contas, são profissionais especializadas no prazer de outrem, comprometidas com um gozo sublime, ou seja, essa ética do trabalho está relacionada ao bom sexo, em detrimento de um mau sexo.

Ser capaz de articular o sexo como *hobby* e não como um trabalho é também uma forma de marcar a diferença. Ainda que seja extremamente claro que se trata de uma transação comercial, que apenas mediante um pagamento se obterá o sexo, as *acompanhantes* sempre destacam que o sexo que fazem é por diversão. Parece haver uma tendência nessa “performance” de afastar a ideia de trabalho do ato sexual. Gostar de sexo é destacável como positivo e um diferencial, diversas travestis dizem ser *viciadas em sexo* e isso é um diferencial em relação às outras. Blanchette e Silva (2017) ainda destacam a existência das categorias sociais de “bons trabalhos” e “maus trabalhos”, nessa última, a prostituição é o maior exemplar, algo indigno. O fato é que não é possível afirmar que as *T-Gatas* se baseiam nesses aspectos morais ao afirmar que sexo é um *hobby* e não trabalho. No entanto, é no mínimo interessante o modo como esta afirmação é construída, pois distancia a comercialização de sexo da ideia de trabalho, já que não são comuns afirmações semelhantes, mas as que classificam essa transação como prazer.

Ainda assim, há a construção de discursos sobre uma ética do trabalho, como a acompanhante deve ser e o que deve fazer para agradar aqueles que pagam. Essa ética do trabalho também apresenta uma outra faceta, a tendência de expor outras qualificações pessoais, as que não são ligadas à atividade sexual, como a quantidade de idiomas que falam, o grau escolar e mesmo fotos cotidianas e de viagens. Em uma sequência de fotos, misturam-se imagens extremamente sensuais, cheias de nudez, seguida imediatamente de fotos em momentos de relaxamento e desfrute cotidiano. Misturam-se dois mundos, o da travesti sensual, altamente sexual e o da mulher em seu horário de folga, fora das atribuições de trabalho.

A capacidade de ter uma *boa conversa e ser agradável* é recorrente como uma boa característica, além dos adjetivos *inteligente e bem educada*. Demarcar, no discurso, aspectos da formação educacional pode ser pensado como um tipo de diferenciação de classe. É costumeira a associação de uma pessoa com boa educação à uma ideia de pessoa de classe. Dentro da significação e validação travesti, são vistas com bons olhos e adquirem prestígio social aquelas que marcadamente se colocam como *bem educadas* e falam diversas línguas. Por outro lado, há os clientes, fiéis admiradores das travestis e que buscam em seus serviços sexuais a oportunidade de ter diferentes tipos de práticas sexuais daquelas que se encerram no âmbito doméstico, sendo a mais comumente citada a penetração anal através do *dote*. Sentir prazer com a estimulação anal é antagônico à “masculinidade hegemônica”, no entanto, muitos deles buscam ser penetrados por elas.

Não é unicamente erotismo que permeia essas trocas e relações entre cliente-travestis. O medo de ser descoberto como consumidor dos serviços sexuais é muito grande, sobretudo, de ser visto como cliente de travestis. Menos aceitável do que pagar por sexo é escolher pagar para ter relações sexuais pagas com uma travesti, é incompatível com a heterossexualidade e, por consequente, com a masculinidade consideradas como normais e sadias. Toda a incursão em busca pelo erotismo e pelo exercício de uma sexualidade não normativa, ou “diferença sexual”, no mesmo sentido usado por Rubin (2003), é a “diferença sexual”, para me referir àquilo que de outro modo seria chamado de perversão, desvio sexual, variação sexual ou diversidade sexual” (p.176). O desejo mordaz pela corporalidade travestis convive e é permeado pelo medo da descoberta por parte da família e dos outros pares. O erotismo e a diversidade procuram abrigo nos braços das profissionais do sexo, únicas permitidas para liberar os mais plurais desejos e prazeres, e encontram lugar para existir. Seus corpos esbanjam uma feminilidade falocêntrica, que é primordial neste contexto de comercialização do sexo. São

os *dotes* pelos quais os clientes se dispõem a pagar grandes quantias. E ainda, significam para estes homens o acesso ao desejo oculto e reprimido. Hocquenghem (2000) pontua que o medo da homossexualidade criou uma paranoia homossexual. Com isso, as travestis ora são reconhecidas e tratadas como deusas, em um processo muito ambíguo de objetificar e ser objetificado. Ao longo desta pesquisa, o desejo de compreender como os clientes das travestis articulam em seus discursos aspectos relacionados à masculinidade e como expressam nuances do desejo nesse espaço foram aspectos relevantes.

Busquei observar quais padrões estéticos influenciaram a construção da corporalidade travesti, como esses processos são articulados tanto na representação imagética quanto no discurso. Como intentei demonstrar ao longo dos capítulos, a elaboração da autorrepresentação das travestis é permeada por elementos fortemente racializados, generificados e classistas, evidenciando que, para compreender a totalidade das pessoas que elas expõem, é preciso levar em conta não apenas uma categoria ou outra. Com isso, uma abordagem interseccional ajuda no entendimento mais complexificado da questão, como ressalta Kimberlé Crenshaw (2004) “interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos.” (p. 10). Não se trata apenas de um reforço exacerbado de aspectos de feminilidade, mas de uns específicos. Eles são racializados e classistas, mostrando o modelo feminino que as travestis almejam, informam e em quais modelos de mulher elas se espelham. Para Maria Dulce Gaspar (1985), os processos de construção de identidade são uma combinação de uma série de papéis desempenhados por um indivíduo, alguns deles se complementam e outros são até mesmo contraditórios. Ao mesmo tempo, os marcadores que as travestis operacionalizam podem ser pensados como “tensores libidinais” (PERLONGHER, 1987), pois eles operam como classificadores — da própria pessoa e de outrem — enquanto também estimulam o desejo.

As estratégias mobilizadas na tentativa de emular uma corporalidade e outros aspectos das próprias pessoas são inúmeras e muito variáveis, como as articulações sobre gênero, raça e classe. A grande variedade de termos e adjetivos para definir a própria pessoa torna evidente que não existe um padrão estético-corporal hegemônico que possa ser interpretado como único do contexto dos sites de *acompanhantes*. O que observo é que existem múltiplos padrões estético-corporais internalizados como um reflexo da sociedade em que as travestis estão inseridas. São aqueles que são propagados pelos grandes veículos de mídia, propagandas de marketing de grandes marcas e produtos. Assim como ocorre com todos os atores sociais, esses

elementos de uma sociedade do consumo sugestionam e influenciam na maneira como construímos nosso corpo, pessoa e como gostaríamos de ser lidos socialmente. O que existe é a tendência de ser reconhecida como bela e a construção desse modelo de corpo parte do entendimento social do que isso significa.

A forma como os próprios padrões estéticos morais são construídos individualmente reflete nos gostos e ponderações do que é bonito e feio, desejado e repudiado, incorporado e rejeitado, se tornam marcas de poder. Como um serviço mercantil que é, por excelência, a prostituição, como lembra Gaspar, é professada e organizada “segundo critérios hierarquizados baseados nas possibilidades de ganho e no *status* social” (1985: p. 91). Como ser reconhecida como uma pessoa de luxo, uma travesti de alto nível, diferente das travestis que trabalham no asfalto, por exemplo, configura uma classe social diferente, portanto “a posição de classe assinala certas comunalidades de resultados sociais, mas a classe se articula com outros eixos de diferenciação como o racismo, o heterossexismo ou a casta no delineamento de formas variáveis de oportunidades de vida para categoria específicas de mulheres.” (BRAH; 2006, p.342).

O padrão estético-corporal e ético-moral que circula entre as *acompanhantes* dos sites que pude observar é a diferença e a exaltação da própria pessoa a partir da mobilização de categorias sociais entendidas como bonitas e desejáveis. As *T-Gatas* constantemente exercem a alteridade em seus discursos e corpos, sempre colocando a si próprias como as mais belas e desejáveis em relação às outras *acompanhantes*, buscando marcar seu diferencial em relação a todas as outras. É preciso lembrar que, quando falamos de nós, também estamos falando dos outros. Como a lógica própria da prostituição em si, as travestis tendem a estabelecer fronteiras que segregam um segmento que é tido como inferior. Elas incorporam determinados estigmas genéricos sobre as profissionais do sexo ao formularem afirmações sobre como as outras supostamente são (GASPAR, 1985). Além disso, reconheço que o padrão diferencial observado na maioria dos perfis das acompanhantes é exercício contínuo dos marcadores da diferença e o reforço de um modelo de cisheteronormatividade, colocando como diferencial uma “verdade sobre o sexo” que é só possível para aqueles que acessarem seus serviços e se permitirem gozar com seus corpos.

Essa auto-exaltação e diferenciação se dão em diferentes níveis, como possuir tatuagens e cor de cabelo diferente, fazer o *estilo americano*, entre tantas outras características e adjetivações. Ser estrela de vídeos eróticos que circulam por aplicativos de mensagens ou atuar

em produções do cinema pornográfico são também marcas da diferença e operam como atestado do que se diz. Enquanto as fotos são um atestado de veracidade quanto à aparência, esses pequenos vídeos caseiros e ou profissionais não as deixam mentir quanto à performance sexual que é prometida, sendo assim, ter um uma produção cinematográfica adicionada ao “currículo” é um modo de diferenciação.

As narrativas são pautadas nas qualidades superlativas e em cada perfil, há a acompanhante mais bela, ferosa e admirável possível. As autodescrições remetem às “alternativas culturalmente abertas pelo sistema de gênero” (GASPAR, 1985: p. 105). Assim como Gaspar observou, o feminino construído pelas travestis nesse contexto é inexoravelmente inseparável de sua sexualidade. Há um conjunto de qualidades que as tornam egrégias, sensuais, sexuais, eróticas e superlativas. Toda essa construção superlativa é arquitetada a partir de signos e compreensões que estão muito mais submetidas à norma. Apesar da figura travesti ser muitas vezes pensada como transgressora — uma mulher fálica —, os signos estéticos-corporais e as marcas ético-morais tendem a uma reprodução normalizada e ascética de um ethos feminino. Nesse contexto, é preciso ratificar que se trata de um feminino negociado, é a operacionalização a partir de uma corporalidade que segue uma classificação mercadológica. As imagens das travestis carregadas de alteridade e diferenciação operam diferentes signos e significados ao exercitar o padrão da auto-exaltação das próprias aparências e qualidades das mulheres que elas mesmas construíram à imagem e semelhança de um padrão de estético-corporal e ético moral que é tão próprio e, ao mesmo tempo, intensamente compartilhado. Os sites proporcionam, além de ganho monetário, a viabilização pública dos próprios corpos e atributos amiúde, não apenas como uma estratégia inerente ao negócio, mas como uma maneira de prestigiar e enaltecer a própria pessoa.

Referências bibliográficas

AGUSTÍN, Laura M^a. *La industria del sexo, los migrantes y la familia europea*. Cadernos Pagu, n.25, p. 107-128, 2005.

ALMEIDA, Miguel do Valle. *Gênero, masculinidade e poder*. Anuário Antropológico, n. 95, p. 161-189, 1996.

ATWOOD, Feona. *Porn.com. Making sense of online pornography*. New York: Peter Lang, 2010.

AZEVEDO, Thales de. *A democracia racial: mito e ideologia*. Universitas, n. 17, p. 5-5, 1977.

BARBOSA, Bruno César. *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

BARTHES, Roland. *A Câmara clara: notas sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BLANCHETTE, Thaddeus G.; SILVA, Ana Paula. *Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano*. Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos. Rio de Janeiro: SPW, p. 192-233, 2009.

_____, _____; _____, _____. *Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina*. Cadernos Pagu, n.50, 2017.

BELELI, Iara. *O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 44, p. 91–114, 2015.

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

BENÍTEZ, María Elvira Díaz. *Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio*. Cadernos de Campo (São Paulo-1991) 16.16, 93-112, 2007.

_____, _____.; Fígari, Carlos. *Prazeres dissidentes*. Garamond Universitária, 2009.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre & Passeron, Jean Claude. *Reproduction in education, society, and culture*. Beverly Hills, CA: Sage, 1977.

_____, _____. *Cultural reproduction and social reproduction*. In: KARABEL, I., HALSEY, A H. Power and ideology in education. New York: Oxford University, p.487-511. 1977.

_____, _____. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: Pierre Bourdieu: Sociologia, Org: ORTIZ, Renato; FERNANDES, Florestan. São Paulo: Ática, 1983.

_____, _____. *Notas provisionales sobre la percepción social del cuerpo*. In: ALVAREZ-URÍA, Fernando (Org.) Materiales de sociología crítica. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1986.

_____, _____. *O camponês e seu corpo*. Revista Socio. Polit., Curitiba, nº 26, pp. 83-92, 2006.

_____, _____. *Capital simbólico e classes sociais*. Novos Estudos CEBRAP, p.105-115, 2013.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*, Cadernos Pagu, 26, pp. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____, _____. *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____, _____. *Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago França. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

CALAZANS, Gabriela Junqueira; PINHEIRO, Thiago Félix; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. *Vulnerabilidade programática e cuidado público: Panorama das políticas de prevenção do HIV e da Aids voltadas para gays e outros HSH no Brasil*. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), p. 263-293, 2018.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. *Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro : organização, estruturação e dinâmicas internas*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2020.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana RB. "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 16: 233-249, 2006.

_____, _____. *Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo*. *Mana* 21, 323-34, 2015.

CARNEIRO, Sueli. *Gênero, raça e ascensão social*. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Zahar, 2003.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: EDUSP, 2000.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica- Antropologia e Literatura no século XX*. 4ª versão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. *A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero*. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo*. Cadernos. Pagu, 2015, n.45.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, Mariza. *Sobre a invenção da mulata*. Cadernos Pagu, n. 6/7, p. 35-50, 1996.

DEBERT, Guita Grin. *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*. In: DEBERT, Guita Grin. *A antropologia e a velhice - Textos Didáticos*, 2ª ed., 1 (13), Campinas, IFCH/Unicamp, 1998, pp.07-28.

_____, _____. *A cultura adulta e juventude como valor*. Revista Kairós, v. 7, n. 2, p. 21-44, 2004.

ESCOBAR, Arturo. *Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura*. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*, Brasília, ABA Publicações, 2016.

FARIAS, Patrícia. *Corpo e classificação de cor em uma praia carioca*. In: GOLDENBERG, Miriam. *Nu e Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Poder-corpo*. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____, _____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____, _____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Aguilhon Albuquerque. 4ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____, _____. *História da Sexualidade. 3. O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Zahar, 1988.

GRANT, Melissa Gira. *Playing the whore: The work of sex work*. Verso Books, 2014.

GEERTZ, Clifford. *O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui"*. Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 7(7), 205-235, 1998.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação*. Revista Estudos Feministas, v. 14, p. 85-101, 2006.

GOFFMAN, Ervin. *As representações do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira*. Arquivos em Movimento 2.2, 115-123, 2006.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. In: Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____, _____. *Limites da sexualidade: violência, gênero, erotismo*. Revista de Antropologia, 51, 2. 2008.

GUIMARÃES JR, Mário JL. *De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. Horizontes Antropológicos, v. 10, n. 21, p. 123-154, 2004.

HERDT, Gilbert. *Rituals of Manhood :Male Initiation in Papua New Guinea*. Berkeley: University of California Press, 1982.

HINE, Christine. *Etnografia Virtual*. Traducción de Cristian P. Hormazábal. Primera edición. Thousand Oaks, USA: Editorial UOC, 2000.

_____, _____. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury Academic Na imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2015.

_____, _____. *A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana*. Tradução de Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. Cadernos de Campo (São Paulo-1991) 29.2, 2020.

HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade, 1500 – 1800*. São Paulo: Hedra, 1999.

HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Traducción de Geoffroy Huard de la Marre. España: Editorial Melusina, 2000.

HOFBAUER, Andreas. (2007). *Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil*. In Zanini, Maria Catarina Chitolina (org.). Por que “raça”? Breves reflexões sobre a Questão Racial no cinema e na Antropologia. Santa Maria: Editora UFSM.

KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes antropológicos, v. 4, p. 103-117, 1998.

LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLLANDA, H. B. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITÃO, Débora Krischke. *Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 203-230, jul./dez. 2007.

_____, _____; GOMES, Laura Graziela. *Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life*. Revista Cronos, v. 12, n. 2, 2011.

LEITE, Gabriela Silva. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Editora Objetiva, 2008.

_____, _____; MURRAY, Laura; LENZ, Flavio. *O Par e o Ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/AIDS em contextos de prostituição*. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 18, p. 7-25, 2015.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *"Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

_____, _____. *A pornografia "bizarra" em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o "abuso facial"*. In: BENÍTEZ, María Elvira Díaz. *Prazeres dissidentes*. Garamond Universitária, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; DE FREITAS, Eliane Tânia. *Estratégias para pensar o digital*. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020.

LIMA, Aline Soares. *Quem sou eu: autorrepresentações de travestis no Orkut*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOPES, Natânia. *Sentidos e fantasias sobre o "luxo" na prostituição de "alto escalão" carioca*. Rev. Antropologia (São Paulo, Online) | v. 64 n. 3: e189656 | USP, 2021.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. *Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba*. Revista Ártemis 18.1 2014.

_____, _____. *Cidades trans: uma etnografia multi-situada nas fronteiras da antropologia urbana*. Anais, 2016.

_____, _____. *Errantes magníficas e suas epistemologias transfeministas*. Tese (Livre Docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2023.

MALINOWSKI, Bronisław. *Argonautas do pacífico ocidental*. Os Pensadores. Abril Cultural, 1976.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: memórias de Luísa Marilac*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *O feminino corpo da negrura*. Revista de Estudos de Literatura, vol. 4, 1996.

MARCUS, George. *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography*. Annual Review of Anthropology, vol. 25, p. 95 – 177, 1995.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad*. Horizontes Antropológicos, v. 10, n. 21, p.41-65, 2004.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Ubu, 2017.

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. Hoo Editora Ltda, 2016.

MOORE, Henrietta. *Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência*, Cadernos Pagu, n. 14, 2000.

MOUTINHO, Laura. *Entre o Realismo e o Ficcional: Representações sobre “Raça”, Sexualidade e Classe em Dois Romances Paradigmáticos de Jorge Amado*. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14 (2):307-327, 2004.

OLIVEIRA, Júlio César Ferreira de; DAMASCENO, Sabrina André. *Mulheres que Ficam, Travestis que Voam: Perspectivas e Territórios da Prostituição no Bairro do Butantã em São Paulo*. *Ponto Urbe*, n.25, 2019.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. *Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no ponto. com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade ‘on-line’*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____, _____. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PATRIARCA, Letizia. *As corajosas: etnografando experiências travestis na prostituição*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PELÚCIO, Larissa. *Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis*. SBS–XII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2005.

_____, _____. *Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti*. *Cadernos Pagu*, 217-248, 2005b.

_____, _____. *"Toda quebrada na plástica": corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*. *Campus-Revista de Antropologia*, v. 6, p. 97-112, 2005c.

_____, _____. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

_____, _____. *Erótica, Exótica e Travesti - nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo*. In: CASTRO, Ana Lúcia (Org.). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre o corpo e as novas tecnologias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____, _____. *O amor em tempos de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais*. In: PAIT, Heloísa, PELÚCIO, Larissa e SABATINE, Thiago. *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 2015.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. PISCITELLI, Adriana. “*Sexo tropical*”: *comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira*. *Cadernos Pagu*, n. 6/7, p. 9-33, 1996.

_____, _____. *Exotismo e autenticidade relatos de viajantes à procura de sexo*. *Cadernos Pagu* (19), pp.195-231, 2002.

_____, _____. *Apresentação: gênero no mercado do sexo*. *Cadernos Pagu*, n. 25, p. 7-23, 2005.

_____, _____. *Introdução*. In: *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Org: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____, _____. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Patologia social do "branco" brasileiro*. Jornal do Commercio, 1955.

RIAL, Carmen. *Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação*. Antropologia em primeira mão, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

_____, _____. *Estudando Subculturas Sexuais: Escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte*. Teoria e Cultura, v. 13, n. 1, p. 247-288, 2018.

_____, _____.; BUTLER, Judith. *Tráfico sexual: entrevista*. Cadernos Pagu, p. 157-209, 2003.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. *A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?* Rev. Katál. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 68-76 jan./jun. 2009.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. Estudos avançados 8: 137-152, 1994.

_____, _____. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. Editora Companhia das Letras, 2012.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Tradução: André Villalobos. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

_____, _____. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Produção e consumo social da beleza*. Horizontes Antropológicos 7, 189-220, 2001.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos*. Niterói: EdUFF, p. 139, 2005.

VARTABEDIAN, Julieta. *Bodies and desires on the internet: An approach to trans women sex workers websites*. Sexualities 22.1-2: 224-243, 2019.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WITTIG, Monique. *O Pensamento Hetero*. 1980. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6132463/mod_resource/content/1/Wittig%2C%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf>. Acesso em: jul. 2023

Anexo

Sites catalogados

<https://www.vivalocal.com/>
<https://www.photoacompanhantes.com>
<https://fatalmodel.com/>
<https://www.spartanas.com.br>
<https://www.classificadosx.ne>
<https://br.skokka.com/>
<http://www.gpgbh.com.br>
<https://www.transexluxury.com>
<https://www.private55.com>
<https://www.ilhadoprazer.com.br>
<https://erosguia.com.br>
<https://elliterio.com>
<https://www.rioencontro.com.br>
<http://gparena.net/index.php>
<https://www.themodels.com.br>
<https://www.toptravesti.com.br>
<https://contoeroticoprive.com>
<https://www.bonecasrelax.com>
<https://www.riorelax.com.br>
<https://www.meutravesti.com.br>
<https://www.chantily.com.br>
<https://tloverbrasil.com.br>
<https://prazerbrasil.com/>
<http://www.capitalsex.com.br/>
<https://www.guialuxacompanhantes.com.br>
<https://www.megatopsbrasil.com/>
<https://www.travesticomlocal.com.br>
<http://socinquenta.com>
<http://travestispirocudas.com>
<https://www.viptransex.net>
<http://www.tgatas.net>
<https://www.londonts.com>
<https://www.sexemodel.com>
<https://www.tescort.com>
<https://www.ladyxena.com/>
<https://www.slumi.com>